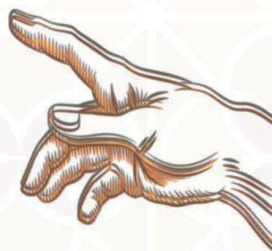


Elaine Custódio Rodrigues Gusmão
Lucas Henrique Santos Ferreira
Maria Clara Avellino Welter
Renaly Gomes da Silva
(Orgs.)



EXISTÊNCIA E SENTIDO:

O Humanismo de Viktor Frankl
como Contracultura



Elaine Custódio Rodrigues Gusmão
Lucas Henrique Santos Ferreira
Maria Clara Avellino Welter
Renaly Gomes da Silva
(Orgs.)

EXISTÊNCIA E SENTIDO:

o Humanismo de Viktor Frankl
como Contracultura



Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial "Tereza
Brasileiro Silva", CCBS - UFCG

E963

Existência e sentido: o humanismo de Viktor Frankl como contracultura
[recurso eletrônico] / Elaine Custódio Rodrigues Gusmão, Lucas
Henrique Santos Ferreira, Maria Clara Avellino Welter, Renaly Gomes
da Silva (Organizadores). – Campina Grande: EDUFCC, 2026.

248 p. il.: p&b.

ISBN: 978-65-02-31038-0

E-book (pdf).

1. Logoterapia; 2. Sentido da vida; 3. Educação; 4. Saúde mental; 5.
Sofrimento humano; 6. Vazio existencial. I. Gusmão, Elaine Custódio
Rodrigues. II. Ferreira, Lucas Henrique Santos. III. Welter, Maria Clara
Avellino. IV. Silva, Renaly Gomes da. V. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.922.7 (813.3)

Responsabilidade técnica de catalogação:

Jônatas Souza de Abreu, Bibliotecário documentalista, CRB 15-879

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE -
EDUFCG

ORGANIZAÇÃO DA OBRA

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão
Lucas Henrique Santos Ferreira
Maria Clara Avelino Welter
Renaly Gomes da Silva

COORDENAÇÃO GERAL DO CONGRESSO

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão

COMISSÃO ORGANIZADORA DO
CONGRESSO

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão
Leandro Oliveira de Andrade
Gutenberg Germano Barbosa

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO
CIENTÍFICA

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão
(NEPLAE/UFCCG)
Janaína Freitas Nery
(NEPLAE/UFCCG)
Maria Clara Avelino Welter
(NEPLAE/UFCCG)
Renaly Gomes da Silva
(NEPLAE/UFCCG)

PARECERISTAS

Allany Kaline Nascimento Gomes
David Moises Barreto dos Santos
Diogo Arnaldo Correa
Elaine Custódio Rodrigues Gusmão
Flávio Luiz Honorato da Silva
Francisca Pereira da Cruz Zubicueta
Ivo Studart Pereira
José Eduardo da Silva Campos
Juliana Costa de Lira Silva
Leandro Oliveira de Andrade

Lorena Bandeira Melo de Sá

Raísa Mariz Fernandes Simões

Sandrelena da Silva Monteiro

Simone Nóbrega de Souza Pedrosa

Thiago Antônio Avellar de Aquino

DIAGRAMAÇÃO

Jônatas Souza de Abreu

CAPA

Arte oficial do II Congresso

Brasileiro de Humanismo e

Logoterapia -

Gabriella Augusta de Paiva Oliveira

REALIZAÇÃO

Núcleo de Estudos e Pesquisas em

Logoterapia e Análise Existencial

(NEPLAE/UFCCG)

Universidade Federal de Campina

Grande/Centro de Ciências Biológicas

e da Saúde

Centro Cultural Philus-Haus

APOIO

Associação Brasileira de Logoterapia
e Análise Existencial

(ABLAE)

Universidade Estadual da Paraíba

(UEPB)

Centro Universitário Maurício de

Nassau



SUMÁRIO

EIXO TEMÁTICO I: PESQUISA E FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

APRESENTAÇÃO	7
SENTIDO DE VIDA NO VOLUNTARIADO ENTRE PESSOAS IDOSAS.....	13
ESPIRITUALIDADE E VONTADE DE SENTIDO: CONTRIBUIÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE POR POLÍTICAS PÚBLICAS NO CONTEXTO DAS VULNERABILIDADES	25
criação e validação de instrumentos psicológicos no campo da logoterapia: colaborações e desafios no Brasil.....	37
CONSTRUÇÃO E INFORMATIZAÇÃO DE UMA ESCALA DE AVALIAÇÃO DO VAZIO EXISTENCIAL E DO SENTIDO DA VIDA.....	55
VIKTOR FRANKL E O PAPEL DA FILOSOFIA NA BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA: O ATO DE FILOSOFAR PODE SER TERAPÊUTICO?	81

EIXO TEMÁTICO II: EDUCAÇÃO, CULTURA E FORMAÇÃO HUMANA

SENTIDO DE VIDA E TRABALHO DOCENTE: O QUE DIZEM PROFESSORES DE MÚSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA PARAÍBA?	99
--	----

SABERES DOCENTES PARA UMA PEDAGOGIA DO SENTIDO DA VIDA	113
--	-----

LITERATURA INFANTIL E LOGOTERAPIA: FLICTS COMO EXPERIÊNCIA DE SENTIDO NA EDUCAÇÃO	125
---	-----

AVOSIDADE E CUIDADOS EDUCACIONAIS PRESTADOS DE AVÓS AOS NETOS	135
---	-----

EIXO TEMÁTICO III: EXPERIÊNCIAS CLÍNICAS E SOFRIMENTO HUMANO

BREVES CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA O LUTO	149
--	-----

ENTRE ESTIGMAS E SENTIDO: MULHERES COM CÂNCER E A EXPERIÊNCIA DO ADOECIMENTO	161
--	-----

SENTIDO NA DOR INVISÍVEL: O HUMANISMO FRANKLIANO COMO CONTRACULTURA NO ENFRENTAMENTO DA FIBROMIALGIA	173
--	-----

LOGOTERAPIA NO CONTEXTO DA MATERNIDADE ATÍPICA – UMA EXPERIÊNCIA COM O PLANTÃO PSICOLÓGICO	187
--	-----

EIXO TEMÁTICO IV: REFLEXÕES HUMANISTAS E DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS

A MÁQUINA NEOLIBERAL DO TEMPO: SUBJETIVIDADES
APRESSADAS NO ESPELHO ESTILHAÇADO DE ALICE . 195

HUMANISMO, ÉTICA E LOGOTERAPIA: OS CUIDADOS
NECESSÁRIOS NO
CAMINHO DA PAZ MUNDIAL207

PARA O BEM DOS FILHOS: A COPARENTALIDADE
COMPREENDIDA À LUZ DA LOGOTERAPIA..... 221

ENTRE MEMÓRIA, SENTIDO E GRATIDÃO: UMA
DESPEDIDA DO CONGRESSO COM VERSOS EM CORDEL
.....237

APRESENTAÇÃO

A realização do II Congresso Brasileiro de Humanismo e Logoterapia insere-se em uma tradição histórica significativa no contexto brasileiro. O primeiro congresso dedicado a essa temática ocorreu em Brasília, entre os dias 19 e 22 de setembro de 1987, no Centro de Convenções de Brasília, contando com a presença do próprio Viktor Emil Frankl, fundador da Logoterapia e Análise Existencial (LAE). Aquele encontro representou um marco importante para a difusão do pensamento frankliano no país, reunindo pesquisadores, profissionais e estudantes interessados na temática e nos desafios contemporâneos da Psicologia, da Educação e das Ciências Sociais.

Décadas depois, a realização do II Congresso Brasileiro de Humanismo e Logoterapia, ocorrido em Campina Grande – PB, entre os dias 18, 19 e 20 de setembro de 2025, retoma e atualiza esse legado. O evento congregou pesquisadores, professores, estudantes e profissionais interessados na obra de Viktor Emil Frankl e nas múltiplas possibilidades de interlocução da LAE com diferentes campos do saber.

Em um contexto histórico marcado por profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas, as questões relativas ao sentido da vida, à dignidade humana e à responsabilidade diante da existência tornam-se cada vez mais urgentes. A aceleração das dinâmicas sociais, o aumento das desigualdades e as múltiplas formas de sofrimento contemporâneo colocam em evidência a necessidade de abordagens teóricas e práticas capazes de compreender o ser humano em sua totalidade biológica, psicológica e noética ou espiritual. Nesse horizonte, o pensamento de Viktor Frankl apresenta-se como uma contribuição singular ao afirmar que a vontade de sentido constitui a motivação primária da existência humana.

O tema que orientou esta edição do congresso foi *Existência e Sentido: o Humanismo de Viktor Frankl como Contracultura*, convidando à reflexão sobre o lugar da LAE no cenário contemporâneo. Ao afirmar a liberdade, a responsabilidade e a capacidade humana de encontrar e realizar sentido na vida, mesmo em circunstâncias adversas, a perspectiva frankliana coloca-se em contraposição às tendências culturais que frequentemente reduzem o ser humano a condicionamentos biológicos, sociais ou psicológicos. Nesse sentido, o humanismo proposto por Frankl pode ser compreendido como uma forma de resistência ética e antropológica frente a visões reducionistas da existência humana.

No âmbito do congresso, foi instituído também o Prêmio Logos, iniciativa voltada ao reconhecimento e ao incentivo à produção científica de excelência na área da LAE. A premiação, concedida pelo Prof. Aureliano Pacciolla, contemplou duas pesquisas

de mestrado que se destacaram pela relevância teórica e pela contribuição para o desenvolvimento do campo, sendo acompanhada de um prêmio no valor de quinhentos euros por trabalho.

Na edição de 2025, foram agraciados dois trabalhos que evidenciam a amplitude temática e a vitalidade das pesquisas contemporâneas inspiradas na obra de Viktor Frankl. O primeiro, intitulado *Sentido de vida no voluntariado entre pessoas idosas*, de Bruno Fabiano Gama e Fabíola de Araújo Leite Medeiros, investiga a experiência do voluntariado no processo de envelhecimento, evidenciando como a realização de valores criativos, vivenciais e atitudinais pode favorecer a construção de sentido na vida de pessoas idosas.

O segundo trabalho premiado, *Espiritualidade e vontade de sentido: contribuições para a promoção da saúde por políticas públicas no contexto das vulnerabilidades*, de Rayanne Chagas Barbosa e Thiago Antônio Avellar de Aquino, propõe uma reflexão sobre a inserção da LAE no campo das políticas públicas e sua contribuição para práticas de promoção da saúde em contextos de vulnerabilidade social.

Além dos trabalhos contemplados pelo Prêmio Logos, o congresso contou ainda com a submissão de diversos estudos destinados à publicação em formato de capítulo de livro, ampliando o escopo das reflexões reunidas nesta obra e evidenciando a pluralidade de investigações desenvolvidas na área da LAE.

Os capítulos que compõem este e-book refletem essa diversidade de investigações, revelando a vitalidade da LAE no campo acadêmico e profissional. As pesquisas aqui reunidas dia-

logam com diferentes áreas do conhecimento, entre elas a Psicologia, a Educação, as Políticas Públicas, a Gerontologia e as Ciências Sociais, demonstrando o caráter interdisciplinar da abordagem existencial-fenomenológica proposta por Frankl.

Entre os temas explorados nos capítulos, destacam-se reflexões sobre a promoção da saúde em contextos de vulnerabilidade social, a experiência do voluntariado e do envelhecimento, as relações intergeracionais no âmbito familiar, bem como os desafios e os sentidos atribuídos à prática educativa e ao trabalho docente. Em diferentes contextos empíricos e teóricos, os estudos apontam para a centralidade da realização de sentido como elemento estruturante da experiência humana, evidenciando como valores criativos, vivenciais e atitudinais podem manifestar-se nas mais diversas circunstâncias da vida.

Nesse percurso, a LAE revela-se não apenas como uma abordagem psicoterapêutica, mas também como uma perspectiva antropológica capaz de iluminar questões fundamentais da existência contemporânea, ao reconhecer a dimensão noética como especificamente humana. Afinal, somente o ser humano pode vivenciar, por exemplo, a liberdade interior, a responsabilidade e a abertura ao sentido. A proposta frankliana amplia o horizonte das práticas de cuidado, educação e intervenção social, oferecendo subsídios para a construção de relações mais éticas, humanas e solidárias.

Nesse contexto, para além de um simples registro das atividades científicas realizadas durante o congresso, este livro pretende constituir-se como um espaço de continuidade do diálogo acadêmico em torno das questões que atravessam a obra de

Viktor Frankl e sua recepção no contexto brasileiro. Ao reunir diferentes perspectivas teóricas e relatos de investigação, esperamos oferecer ao leitor um panorama das múltiplas formas pelas quais a LAE tem sido pensada, pesquisada e aplicada em nosso país.

A publicação deste e-book também representa o esforço coletivo de pesquisadores, pareceristas e instituições que acreditam na importância de fortalecer espaços de produção e circulação do conhecimento nessa área. Dessa forma, registramos nosso agradecimento a todos os autores que compartilharam suas produções científicas, bem como aos membros da comissão científica e aos pareceristas que contribuíram para a avaliação e o aprimoramento dos trabalhos apresentados.

Por fim, esperamos que as reflexões reunidas nesta obra possam inspirar novas pesquisas, práticas e diálogos interdisciplinares, contribuindo para a consolidação de uma cultura acadêmica comprometida com a promoção da dignidade humana e com a realização de sentido diante dos desafios do nosso tempo.

Tenham uma excelente leitura.

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão
*Coordenadora Geral do Congresso, Organizadora e
Coautora desta obra*

SENTIDO DE VIDA NO VOLUNTARIADO ENTRE PESSOAS IDOSAS

Bruno Fabiano Gama¹

Fabiola de Araújo Leite Medeiros²

O envelhecimento é uma experiência complexa e singular, atravessada por dimensões políticas, sociais, econômicas e culturais (Ferreira *et al.*, 2017). Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) aponta o envelhecimento ativo como um modelo importante, centrado em oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança.

Diferenciar o envelhecimento demográfico do envelhecimento individual é essencial, sendo este último comumente associado a limitações, mas que pode, ao contrário, revelar-se uma

¹ Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Psicólogo pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Logoterapeuta (UEPB). Email: brunogamaa@gmail.com

² Docente efetiva da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da UEPB. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Ciências da Nutrição pela UFPB e graduada em Enfermagem pela UEPB. Email: profabiola@bol.com.br

oportunidade para novas formas de engajamento (Romero; Maia, 2022). O voluntariado, nesse sentido, apresenta-se como alternativa eficaz de participação social, trazendo benefícios mútuos tanto ao indivíduo quanto à comunidade (OMS, 2005). No Brasil, a Lei nº 9.608/1998 regula tal prática como ação não remunerada em prol do bem comum (Brasil, 1998).

Pesquisas indicam que o voluntariado auxilia na substituição de papéis sociais, promove interação, senso de propósito e desenvolvimento pessoal (Mackenzie; Abdulrazaq, 2019; Yeung; Zhang; Kim, 2018). Na velhice, há uma inclinação à reflexão existencial, sendo o sentido de vida um fator-chave na adaptação e na compreensão dessa fase (Miranda *et al.*, 2020). O conceito de sentido é o eixo central da Logoterapia, escola de base fenomenológico-existencial fundada por Viktor Frankl.

A Logoterapia observa o ser humano em sua tridimensionalidade: somática, psíquica e espiritual (Lukas, 1989), sendo esta última — a dimensão nooética — responsável pela capacidade de resistir ao sofrimento e buscar significado (Kroeff, 2011). O sentido, nesse horizonte, não é dado, mas deve ser descoberto por meio da realização de valores criativos, vivenciais e atitudinais (Frankl, 2016; Pereira, 2012). O desencontro com esses valores pode gerar um vazio existencial (Aquino, 2012).

O presente estudo buscou compreender como idosos vivenciam essas três dimensões valorativas no exercício do trabalho voluntário. Este é um recorte da dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde

(PPGPS/UEPB), intitulada *Voluntariado: Sentido e Qualidade de Vida no Processo de Envelhecimento Humano*.

PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo teve caráter exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada com indivíduos idosos, com idade igual ou superior a 60 anos, que prestaram algum tipo de trabalho voluntário no Grupo de Apoio ao Paciente Oncológico (GAPO), em Campina Grande-PB. A coleta de dados aconteceu de forma presencial, no período de fevereiro a maio de 2022. Devido às restrições sanitárias da pandemia ocorrida no período, considerando também que os participantes integravam o grupo de risco, essa etapa enfrentou dificuldades, com muitos participantes afastados das atividades e alguns optando por não participar da pesquisa.

A constituição da amostra se deu por modo não probabilístico, por conveniência. Participaram 10 pessoas, respeitando-se os seguintes critérios de inclusão: 1) ser indivíduo idoso; 2) ter exercido algum tipo de trabalho voluntário nos últimos dois anos; e os seguintes critérios de exclusão: 1) desistência da participação nas etapas do estudo; 2) questionário respondido parcialmente, contendo muitas respostas inválidas ou em branco.

Foram utilizados como instrumentos da pesquisa: 1) questionário sociodemográfico; 2) roteiro semiestruturado para entrevista. O instrumento 1 foi utilizado com a finalidade de obter aspectos gerais da vida dos participantes, delineando seu perfil. O

instrumento 2 foi composto por quatro questões, tomando a Logoterapia como base. O questionamento geral: "Você costuma pensar sobre o sentido da sua vida?" foi sucedido por questões que adentram os três eixos valorativos propostos por Viktor Frankl — criativo, vivencial e atitudinal —, sendo elas: "Quando você pensa no voluntariado, sente que já ofereceu alguma coisa boa ao mundo?"; "Você se sente conectado às outras pessoas no trabalho voluntário?"; "O voluntariado já lhe ajudou a ser uma pessoa mais forte frente às adversidades da vida?".

Os dados coletados pelo questionário sociodemográfico foram analisados por meio de estatística descritiva (frequência e porcentagem). Para o conteúdo reunido nas entrevistas, foi realizada a Análise de Conteúdo, do tipo categorial temática, conforme Bardin (2016).

RESULTADO E DISCUSSÃO

As dez pessoas idosas participantes eram mulheres. A média de idade das participantes foi de 68,4 anos, sendo a menor de 60 e a maior de 79 anos. Em sua maioria, eram brancas (80%), solteiras (60%), católicas (90%) e aposentadas (90%). Em relação à escolaridade, a maioria estava distribuída entre Ensino Médio (40%) e Ensino Superior (40%) concluídos. No que tange à renda familiar, 50% estavam entre um e dois salários-mínimos, e 50% estavam acima de dois salários-mínimos. O tempo médio de prestação de serviço voluntário foi de 14,7 anos, sendo o maior de 23 anos e o menor de 10 anos.

A partir da análise das falas obtidas nas entrevistas, emergiram quatro categorias e dezesseis subcategorias. Estas foram compostas por 94 recortes. A categoria que apresentou o maior percentual de unidades de conteúdo foi *Abrir-se à experiência de vínculo* (36,2%), seguida por *Sofrer a existência* (26,6%). Dentre as subcategorias, as que apresentaram maior quantidade de unidades de conteúdo foram *Convívio, amizade e rede de apoio* (n = 12) e *Exemplos de vida e superação* (n = 12), seguidas por *Trabalho como criação e boa ação* (n = 10) e *Morte e finitude* (n = 10), conforme a Tabela 1.

Tabela 1: Categorias, subcategorias e unidades de conteúdo sobre sentido de vida de voluntários idosos.

Categorias	Subcategorias	Unidades de Conteúdo (f)	Unidades de Conteúdo (%)
Percepções de sentido	Dever e caráter de missão	4	18,10%
	Religião e fé	5	
	Viver bem o presente	4	
	Não pensar sobre o sentido	4	
Agir no mundo	Realce de habilidades e funções	8	19,10%
	Trabalho como criação e boa ação	10	
	Gratidão das pessoas auxiliadas	4	
Abrir-se à experiência de vínculo	Convívio, amizade e rede de apoio	12	36,20%
	Entraves da pandemia	5	
	Envolvimento negativo com o problema alheio	1	
	Exemplos de vida e superação	12	

Sofrer a existência	Transformar a experiência de sofrimento em auxílio	3	
	Decisão pelo voluntariado como abertura existencial	3	26,60%
	Limitações de saúde	6	
	Aposentadoria	3	
	Morte e finitude	10	
Total		94	100%

Fonte: elaboração própria

No campo das *Percepções de sentido*, os relatos dos participantes revelam uma reflexão constante sobre o propósito de suas vidas e sobre a unicidade da existência. A Logoterapia, ao compreender a pessoa como ser em busca de sentido, fundamenta-se na capacidade da consciência humana de captar valores, considerando uma autocompreensão ontológica pré-reflexiva (Frankl, 1995; Lukas, 1989; Aquino; Cruz, 2021). O sentido, portanto, não é simplesmente construído, mas descoberto, situado nas circunstâncias concretas que interpelam a existência. Essa busca, por vezes, exige a superação dos limites da racionalidade, recorrendo à dimensão da fé como possibilidade de apreensão de um sentido último (Frankl, 2020). Os relatos das pessoas idosas evidenciam esse movimento interno de escuta da vida, respondendo às suas exigências com responsabilidade e liberdade (Frankl, 2003; Pereira, 2021).

A categoria *Agir no mundo* destaca como o engajamento voluntário permite às pessoas idosas manifestar seus valores criativos, realizando sentido por meio do trabalho e da entrega a algo maior que si mesmas.

A Logoterapia aponta que a pessoa realiza a si mesma à medida que se volta para o mundo, em direção a uma tarefa ou causa, por meio da autotranscendência (Frankl, 2011). Os dados mostram que o voluntariado não apenas evidencia habilidades já existentes, mas também convoca os participantes à descoberta de novas potencialidades, reafirmando a identidade por meio da dedicação a um propósito. Essa mobilização da criatividade e da generosidade transforma o ato de ajudar em uma fonte de sentido (Frankl, 2019).

No eixo *Abrir-se à experiência de vínculo*, a pesquisa revela o valor das relações autênticas. Além do encontro de sentido a partir de tarefas relevantes, de uma entrega e atuação criativa, o ser humano também recebe algo do mundo. É nesse receber que se dá a realização de valores vivenciais (Frankl, 2021). Experimentar essa marca axiológica é perceber-se, de algum modo, vinculado às pessoas, à natureza, a Deus, à arte ou à beleza (Pereira, 2021). Apenas quando se encontra em um "ser-junto-a", o ser humano está junto de si (Frankl, 2014).

O reconhecimento da gratidão, o fortalecimento das amizades e a ampliação da rede de apoio são elementos centrais que emergem da análise, apontando para uma quebra do autocentrismo e uma reafirmação do ser humano como ser-em-relação (Frankl, 2003).

Por fim, a categoria *Sofrer a existência* aborda um dos aspectos mais nobres da Logoterapia: a realização de valores atitudinais, que ocorre diante do sofrimento inevitável. A dor, a perda e as limitações físicas, comuns no processo de envelhecimento, são experiências que desafiam o indivíduo a adotar uma postura responsável diante da vida (Frankl, 1981; Lukas, 1989). Quando não é possível mudar a situação, a atitude frente à realidade se torna decisiva para que o sofrimento possa ser convertido em crescimento, maturidade e até mesmo em serviço ao outro (Frankl, 2019; Pereira, 2021). Os relatos de idosas que vivenciaram o câncer e passaram a ajudar outras pessoas com a mesma condição ilustram a força transformadora do sofrimento assumido com dignidade. A velhice, tradicionalmente associada à improdutividade (Herdy, 2020), é aqui ressignificada como tempo de engajamento e de oferta de si, contrariando visões limitadas e reafirmando a capacidade humana de encontrar sentido até o fim da existência (Matthews; Nazroo, 2021; Papalia; Olds; Feldman, 2013).

A pesquisa, portanto, mostra que o voluntariado entre pessoas idosas não se restringe a uma ocupação ou a uma prática socialmente útil. Trata-se, antes, de uma manifestação concreta da busca de sentido que estrutura a existência humana. Por meio da reflexão sobre o próprio existir, do engajamento em tarefas significativas, do encontro com o outro e da postura diante da dor, a vida se mostra como possibilidade permanente de sentido. Ao afirmar a liberdade e a responsabilidade do ser humano, mesmo diante da finitude, a Logoterapia oferece uma resposta

ética e existencial para o envelhecimento: dizer sim à vida, apesar de tudo (Frankl, 1981).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresenta o trabalho voluntário como um relevante recurso social e de saúde, alinhado às pesquisas internacionais sobre o tema.

Embora a Logoterapia proponha três vias de acesso ao sentido da vida, apenas uma delas já seria suficiente para oferecer tal realização. No entanto, especialmente no envelhecimento, o voluntariado pode integrar as três simultaneamente.

A realização de valores criativos ocorre por meio da prática voluntária, ao permitir que a pessoa idosa se entregue a uma tarefa significativa, oferecendo algo ao mundo e transformando, ainda que discretamente, a realidade ao seu redor. Já os valores vivenciais se expressam no convívio proporcionado pela atividade, que muitas vezes representa o único espaço em que os mais velhos experimentam apoio, companheirismo e gratidão. Por fim, a via dos valores atitudinais concretiza-se tanto no auxílio ao enfrentamento das dificuldades do envelhecimento quanto na própria decisão de participar do voluntariado: um posicionamento que afirma, perante si e o mundo, que há valor e dignidade nessa etapa.

Diante da escassez de estudos sobre o tema, especialmente na Paraíba, o artigo lança um olhar sensível sobre uma prática ainda pouco explorada, com potencial de múltiplos benefícios para indivíduos e comunidades.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A. Educação para o sentido da vida. *Logos & Existência*, v. 1, n. 2, p. 160–172, 2012.

AQUINO, T. A. A.; CRUZ, J. A fenomenologia do homem religioso segundo Viktor Frankl. *Revista Relegens Thréskeia*, v. 10, n. 1, p. 15–35, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5380/rt.v10il.79462>.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 1998.

FERREIRA, M. C. G.; TURA, L. F. R.; SILVA, R. C.; FERREIRA, M. A. Social representations of older adults regarding quality of life. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 70, n. 4, p. 806–813, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0097>.

FRANKL, V. E. A questão do sentido em psicoterapia. Tradução de J. Mitre. Campinas: Papiros, 1981.

FRANKL, V. E. *Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas*. Tradução de J. P. Santos. São Paulo: Psy II, 1995.

FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. Tradução de A. M. Castro. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, V. E. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia*. Tradução de I. S. Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Tradução de M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FRANKL, V. E. *Teoria e terapia das neuroses: introdução à Logoterapia e análise existencial*. Tradução de C. Abeling. Porto Alegre: É Realizações, 2016.

FRANKL, V. E. O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia. Tradução de R. Bittencourt; K. Bocarro. Porto Alegre: É Realizações, 2019.

FRANKL, V. E. A presença ignorada de Deus. Tradução de W. O. Schlupp; H. H. Reinhold. 21. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2020.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de W. O. Schlupp; C. C. Aveline. 49. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2021.

HERDY, J. S. Envelhecimento: aposentadoria e velhice – fases da vida. In: NEBOT, C. P.; MARTINS, S.; MAGALHÃES, S. M. (org.). GIGAPP Estudios: Grupo de Investigación en Gobierno, Administración y Políticas Públicas. v. 7, p. 242–260, 2020. Disponível em: <http://www.gigapp.org/ewp/index.php/GIGAPP-EWP/issue/view/62/13>.

KROEFF, P. Logoterapia: uma visão da psicoterapia. Revista da Abordagem Gestáltica, v. 17, n. 1, p. 68–74, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S1809-68672011000100010.

LUKAS, E. Logoterapia: a força desafiadora do espírito. Tradução de J. S. Porto. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

MACKENZIE, C. S.; ABDULRAZAQ, S. O engajamento social medeia a relação entre participação em atividades sociais e sofrimento psíquico em idosos. Aging & Mental Health, p. 1–7, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/13607863.2019.1697200>.

MATTHEWS, K.; NAZROO, J. The impact of volunteering and its characteristics on well-being after state pension age: longitudinal evidence from the English Longitudinal Study of Ageing. Journals of Gerontology: Series B, v. 76, n. 3, p. 632–641, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronb/gbaal46>.

MIRANDA, R. C. N. A.; PEREIRA, E. R.; SILVA, R. M. C. R.; MEDEIROS, A. Y. B. B. V.; DIAS, F. A. Sentido da vida no envelheci-

mento saudável: contribuições da teoria de Viktor Frankl. *Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 8, n. 4, p. 943–951, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Tradução de S. Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PEREIRA, I. S. A ética do sentido da vida: fundamentos filosóficos da Logoterapia. São Paulo: Ideias e Letras, 2012.

PEREIRA, I. S. Tratado de Logoterapia e análise existencial: filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo: Sinodal, 2021.

ROMERO, D.; MAIA, L. A epidemiologia do envelhecimento: novos paradigmas?. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2022.

YEUNG, J. W.; ZHANG, Z.; KIM, T. Y. Volunteering and health benefits in general adults: cumulative effects and forms. *BMC Public Health*, v. 18, n. 1, p. 1–8, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-017-4561-8>.

ESPIRITUALIDADE E VONTADE DE SENTIDO: CONTRIBUIÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE POR POLÍTICAS PÚBLICAS NO CONTEXTO DAS VULNERABILIDADES

Rayanne Chagas Barbosa¹

Thiago Antônio Avellar de Aquino²

Costumamos dizer que, se Viktor Frankl hoje estivesse em vida, ele certamente teria grandes contribuições e diálogos acerca da atuação em Logoterapia e Análise Existencial (LAE) no contexto das políticas públicas, além de alargar nosso olhar para o campo urgente que há diante das possibilidades que hoje encontramos na atividade profissional envolvida pela dimensão so-

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Psicóloga pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: rayanne.cb@gmail.com

² Docente titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor e mestre em Psicologia Social pela UFPB. Psicólogo pela UFPB. Email: thiagoaquino19.ta@gmail.com

cial da LAE, sejam elas no primeiro ou no terceiro setor da sociedade. Em especial, neste caso, para as políticas públicas de assistência social voltadas para a realidade brasileira.

Essas políticas trilham seu caminho de estruturação, mais precisamente, entre a Carta Magna de 1988 e a criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA), até a constituição do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), propondo grandes mudanças para que milhares de pessoas saíssem da linha de pobreza nos municípios brasileiros. Mas é a partir da Constituição Federal (CF) de 1988 que a Assistência Social (AS) passa a ser reconhecida como uma política de seguridade social, tornando-se dever do Estado e direito do cidadão. A Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) surgiu para regulamentar os artigos 203 e 204, que tratam da Assistência Social, garantindo, assim, a execução efetiva da CF/88 e a instituição de um modelo descentralizado e participativo nas esferas de poder.

Com isso, encontramos a atuação técnica e a responsabilidade pública frente à população, direcionadas a um contexto social de determinismos e provocando também a busca de direitos, colaborando com o eixo ampliado de concepção de saúde. Nele, encontramos também o conceito de dimensão noética da LAE, do psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl, entendida como esse espaço humano que não adoece e sobressai.

Não é verdade que o homem, propriamente e originalmente, aspira a ser feliz? Não foi o próprio Kant quem reconheceu tal fato, apenas acrescentando que o homem deve desejar ser digno da felicidade? Diria eu que o homem realmente quer, em derradeira instância, não é a felicidade em si mesma, mas, antes, um motivo para ser feliz (Frankl, 1990, p. 11).

É compreendendo que, além de seu contexto, o homem sempre será orientado para algo que o transcende e o leva a ultrapassar os determinismos que lhe são impostos que reflito sobre minha atuação, desde o ano de 2015, como psicólogo na Política Pública de Assistência Social e no contexto dos programas e serviços que compõem as iniciativas de gestão e que me fazem ver diariamente, assim como disse Frankl, que existe não só uma *fome por pão*, mas também uma *fome de sentido*. Esse sentido, que muitas vezes é encontrado na superação de crises, na religiosidade e na vontade de sentido, é o que provoca a disposição para a realização deste trabalho.

A saúde, entendida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como estado de completo bem-estar físico, mental, social e também espiritual, convida à revisão das práticas e políticas que a promovem.

Em diálogo com a LAE, este estudo propõe uma escuta atenta aos sentidos produzidos por sujeitos em contextos de vulnerabilidade social, tomando a espiritualidade como eixo estruturante da dignidade humana e da superação dos determinismos.

A vontade de sentido é, segundo a LAE, uma forma de superação e sobrevivência, podendo-se compreender a promoção da saúde como o aspecto antropológico encontrado na autotranscendência. Observa-se que o caráter espiritual promove a possibilidade de transcender os condicionamentos e encontrar caminhos.

Para Frankl (1973), todo ser humano é impelido a buscar o sentido da vida, que se encontra na vontade de sentido, na des-

coberta de uma finalidade em cada situação e em um supra-sentido, que se encontra além do espaço físico vital. Para esse ser, a vida não é um mero acidente sem propósito (Xausa, 2011).

O cenário da pesquisa é o município de Queimadas, na Paraíba, que possui seus marcadores sociais e atuação consistente no âmbito dos serviços e programas da Assistência Social, mas também experiências de resistência e criatividade. Por meio de oficinas de skate, poesia marginal e grafite, o estudo escutou as vozes de crianças e adolescentes que, em seus gestos e palavras, evocam o direito de buscar sentido e pertencimento.

A crescente complexidade das vulnerabilidades sociais demanda que as políticas públicas avancem para além de respostas técnicas, incorporando abordagens que reconheçam a dimensão integral da pessoa humana. Nesse contexto, a LAE apresenta-se como uma contribuição inovadora ao propor a busca de sentido como aspecto essencial da saúde mental e da dignidade humana. Ao articular dimensões existenciais, espirituais e comunitárias, essa perspectiva amplia o horizonte de atuação das políticas sociais, favorecendo práticas que não apenas contribuem para o enfrentamento técnico das desigualdades estruturais, mas também promovem a reconstrução de vínculos, a valorização da singularidade e a possibilidade de ressignificação das experiências de sofrimento.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa tem abordagem qualitativa, fundamentada na fenomenologia hermenêutica e inspirada em princípios etnográficos, sobretudo na escuta dos sentidos atribuídos à vida, ao sofrimento e à espiritualidade. O conteúdo analisado parte da participação de crianças e adolescentes integrantes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), vinculados à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) da cidade de Queimadas-PB, considerando também a práxis cotidiana da atuação no âmbito das políticas públicas de assistência social.

A coleta de dados envolve: (1) análise das produções nas oficinas (poesia marginal, skate e grafite); (2) realização de uma entrevista semiestruturada, com perguntas abertas voltadas à experiência dos participantes; e (3) análise dos dados com o software IRaMuTeQ, por meio da análise de similitude e de núcleos temáticos existenciais.

Todos os procedimentos éticos estão sendo encaminhados para apreciação e aprovação em Comitê de Ética, com o consentimento dos responsáveis.

RESULTADOS

A inserção da LAE no campo das políticas públicas representa uma contribuição inovadora e humanizadora no enfrentamento das vulnerabilidades sociais. Ao propor uma abordagem centrada na busca de sentido como aspecto fundamental da saúde mental, ela oferece subsídios para intervenções que vão além da

assistência técnica, alcançando dimensões subjetivas, espirituais e existenciais das pessoas em situação de risco.

Em contextos como os da assistência social, da saúde mental, da educação e da justiça, a perspectiva logoterapêutica pode fortalecer políticas públicas que respeitem a dignidade humana e favoreçam a reconstrução de vínculos e sentidos de vida (Frankl, 2009). Dessa forma, políticas que integram abordagens existenciais podem contribuir para práticas mais éticas, inclusivas e eficazes, especialmente junto a populações afetadas por desigualdades estruturais.

Os resultados dos materiais coletados, dessa forma, buscaram identificar os núcleos de sentido em torno das seguintes categorias: (1) transcendência e fé como forma de enfrentamento das condicionalidades; (2) arte como espaço de expressão e valorização de si; e (3) desejo de transformação social e pertencimento comunitário.

As falas dos participantes indicaram a espiritualidade como força vital, muitas vezes silenciosa, que orienta ações, ressignifica sofrimentos e possibilita novas escolhas, bem como evidenciaram a presença das categorias de valores propostas pela LAE. A produção artística foi escolhida como mediadora do processo de elaboração existencial.

Nesse sentido, a transcendência e a fé apareceram como recursos existenciais fundamentais para lidar com as condicionalidades impostas por situações adversas, constituindo-se em elementos de sustentação de projetos de vida.

Outro aspecto relevante identificado foi o papel da arte como espaço privilegiado de expressão e valorização de si, por

meio do material coletado nas oficinas de artes plásticas, como o grafite e a poesia marginal. Ao ser utilizada como mediadora do processo de elaboração existencial, a produção artística favoreceu a liberdade criativa, permitindo que os participantes expressassem sentidos profundos sobre suas vivências.

Essa dimensão revelou-se fundamental não apenas como recurso terapêutico e educativo, mas também como meio de afirmação da singularidade e de abertura para novos horizontes de significado.

Os resultados também evidenciaram o desejo de transformação social e a busca por pertencimento comunitário. As falas apontaram para o anseio de reconstrução de vínculos e de fortalecimento da identidade coletiva, sugerindo que políticas públicas inspiradas na perspectiva logoterapêutica possam potencializar práticas inclusivas e participativas. Esse movimento de engajamento coletivo mostrou-se indissociável da realização de sentido, indicando que a dimensão existencial da vida humana não se restringe ao individual, mas se articula diretamente com a experiência comunitária e social.

De forma transversal a essas dimensões, observou-se a presença dos valores propostos por Viktor Emil Frankl — valores de criação, de experiência e de atitude —, que se manifestaram tanto nas práticas artísticas quanto nas experiências de fé e nos movimentos de resistência e solidariedade social.

Dessa maneira, os resultados apontam que a LAE, ao integrar espiritualidade, expressão criativa e participação comunitária, pode oferecer subsídios significativos para políticas públicas mais éticas, inclusivas e eficazes, capazes de promover não

apenas respostas técnicas às demandas sociais, mas também a dignidade humana e a saúde existencial em sua plenitude.

DISCUSSÃO

A LAE, enquanto abordagem humanista-existencial fundada por Viktor Frankl, estabelece uma profunda conexão entre espiritualidade e saúde, sobretudo na atuação junto às vulnerabilidades humanas. Fundamentada na noção de que o ser humano é movido por uma "vontade de sentido", ou seja, a busca por um propósito maior na vida, ela reconhece a espiritualidade como uma dimensão essencial da existência, não necessariamente religiosa, mas relacionada à capacidade de transcender a si mesmo, encontrar valores e significados mesmo diante do sofrimento (Frankl, 2009).

Observando a Logoterapia na ótica de sua dimensão social, compreendemos o ser humano como um ser de relações, cujas experiências de sentido estão profundamente enraizadas no convívio, nos vínculos e no compromisso com o outro e com a coletividade. Frankl (2009) já destacava que a autorrealização ocorre como consequência da autotranscendência, ou seja, quando o indivíduo se volta para algo ou alguém além de si mesmo.

Essa abordagem expande o uso da LAE para ambientes coletivos e comunitários, mostrando-se particularmente útil em ações sociais, nas quais a vivência do sofrimento comum e a busca conjunta por sentido podem contribuir para o fortalecimento do grupo, o exercício da cidadania e a coesão das relações sociais.

Essa perspectiva dialoga com os princípios do Humanismo, que destacam a dignidade, a liberdade e o potencial de autorrealização do indivíduo.

No campo das políticas públicas, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, essa abordagem oferece subsídios valiosos para práticas promotoras de saúde integral, ao considerar o ser humano em sua totalidade biológica, psicológica, social e espiritual, favorecendo o fortalecimento de vínculos, o reconhecimento de sentidos e a reconstrução de projetos de vida.

Dessa forma, observa-se que o profissional logoterapeuta, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, desempenha um papel fundamental na promoção da saúde integral, do reconhecimento do valor humano e da reconstrução de sentidos. Sua formação o habilita a escutar o sofrimento com profundidade, identificar valores pessoais e existenciais e auxiliar na mobilização de recursos internos para que o sujeito enfrente adversidades com dignidade e esperança.

Ao unir técnica e espiritualidade, o logoterapeuta atua como facilitador de processos de transformação, contribuindo não apenas para a vivência da dor, mas para o florescimento humano em sua totalidade, mesmo em contextos marcados por perdas, exclusão e violência. Com isso, nas políticas públicas, a importância do reconhecimento da dimensão noética diante do cenário de sua dimensão social implica rever práticas, encontrando na fenomenologia uma forma de visibilizar o vivido, o simbólico e o invisível dos sujeitos em vulnerabilidade, ampliando o campo da promoção da saúde e da dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de escuta busca, assim, revelar a espiritualidade nesse contexto, compreendida como busca de significado, proporcionando um olhar para esse recurso de enfrentamento e reconstrução subjetiva em contextos de vulnerabilidade. Entendendo a capacidade da lente antropológica, por meio da LAE, como potente base para inspirar políticas públicas que promovam saúde integral, reconhecendo sua dimensão espiritual.

Em Queimadas-PB, este estudo sugere que, nas possibilidades de oficinas artísticas e espaços de escuta existencial, por exemplo, é possível encontrar caminhos promissores para integrar a espiritualidade às políticas sociais, fortalecendo comunidades e sujeitos em sua busca por sentido e dignidade.

Observa-se, portanto, que a inserção da LAE no âmbito das políticas públicas pode se revelar um caminho promissor para a construção de práticas mais humanizadas, capazes de integrar dimensões espirituais, criativas e comunitárias na atuação junto às vulnerabilidades sociais. Ao evidenciar que a busca de sentido atravessa experiências de fé, expressões artísticas e vínculos de pertencimento, os resultados desta pesquisa reforçam a pertinência da abordagem frankliana como subsídio para políticas que transcendam o caráter meramente assistencial e promovam a dignidade humana em sua totalidade.

Nesse horizonte, a LAE mostra-se não apenas como instrumento teórico e clínico, mas também como fundamento ético-existencial para a elaboração de estratégias públicas mais

inclusivas, participativas e orientadas à promoção da saúde integral e do florescimento humano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Lei Orgânica da Assistência Social. Brasília, DF: Presidência da República, 1993.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido de vida. São Paulo: Quadrante, 1973.

FRANKL, V. E. Psicoterapia para todos. Tradução de A. Allgayer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RATINAUD, P. IRaMuTeQ: interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires [software]. 2009.

XAUSA, I. A psicologia do sentido da vida. Campinas, SP: Vide Editorial, 2011.

CRIAÇÃO E VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS PSICOLÓGICOS NO CAMPO DA LOGOTERAPIA: COLABORAÇÕES E DESAFIOS NO BRASIL

Melissa Ribeiro Valente¹

Francisca Pereira da Cruz Zubicueta²

O presente trabalho põe em pauta a possibilidade de uma prática em avaliação psicológica a partir da Logoterapia e Análise Existencial (LAE) no Brasil, com enfoque nas produções de instrumentos e testes. Para tanto, foi feita uma revisão bibliográfica visando identificar como está o desenvolvimento dessa área entre logoterapeutas no Brasil, principalmente no tocante à criação e à validação de instrumentos de avaliação psicológica.

Antes de tudo, convém definir o conceito de Avaliação Psicológica. Segundo a resolução que regulamenta a área, a Resolução 31/2022 trata-se de:

¹Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: melissa.valente@discente.ufma.br

² Professora do departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de Lisboa. Mestre em Saúde e Ambiente e psicóloga pela UFMA. Email: francisca.cruz@ufma.br

Um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos, composto de métodos, técnicas e instrumentos, com o objetivo de prover informações à tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas (p. 1 - Grifo nosso).

Além disso, trata-se de um campo do conhecimento e também de uma prática profissional inseridos em diversas áreas da Psicologia (Reppold; Zanini; Noronha, 2019). Em resumo, a avaliação psicológica é uma área de atuação estruturada cujo objetivo é coletar, interpretar e fornecer informações sobre determinado fenômeno psicológico para subsidiar a tomada de decisão diante de uma demanda específica (Reppold; Zanini; Noronha, 2019).

Convém fazer uso de técnicas e instrumentos para auxiliar nesse processo de coleta, como bem afirma a Resolução nº 31/2022. Por isso, o Conselho Federal de Psicologia (2022) destaca que esses instrumentos, testes e protocolos devem estar devidamente validados cientificamente, garantindo a seriedade de todo o processo (CFP, 2022). O órgão que cuida da supervisão e aprovação para o uso dessas ferramentas é o SATEPSI – Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (CFP, 2022). Ele regulamenta testes psicológicos nacionais e internacionais, entrevistas psicológicas, anamnese, protocolos de registro e instrumentos não psicológicos complementares, orientando o profissional a identificar quais instrumentos estão aprovados para serem utilizados na prática psicológica (CFP, 2022).

Pode-se perceber que os processos avaliativos de cunho psicológico dão enfoque, de forma geral, aos aspectos psicométricos e cognitivos (Reppold; Zanini; Noronha, 2019), negligenciando, a partir de uma perspectiva logoterapêutica, a dimensão noética do ser humano, ou seja, a dimensão dos fenômenos especificamente humanos. No entanto, há logoterapeutas que trabalham com testagem e avaliação psicológica desde os tempos de Frankl, apontando para uma prática que busca abarcar o ser humano em sua unidade e totalidade biopsiconoética, evitando reducionismos.

A LAE é uma abordagem psicológica de cunho humanista, existencial e fenomenológico, criada por Viktor Emil Frankl (1905-1997), cujo diferencial é considerar a dimensão noética da existência em sua visão de homem e, conseqüentemente, no âmbito da Psicologia e da psicoterapia. O pai da LAE concebe a vontade de sentido como a motivação primária do ser humano e a realização de sentido como aquilo que protege a saúde mental. A dimensão noética difere, ontologicamente, das dimensões biológica e psicológica, com suas respectivas condições, focando na capacidade do ser humano de se autodistanciar das condições físicas e psíquicas e olhar para o mundo e para os outros, ou seja, para além de si (autotranscendência), para encontrar sentidos e propósitos em sua existência (Frankl, 2016).

Pensar em unir uma área aparentemente tão técnica como a avaliação psicológica a uma abordagem de orientação existencial e fenomenológica, como a LAE, pode, à primeira vista, parecer um atrevimento ou algo inconcebível. Porém, o próprio Frankl considerava válida a pesquisa quantitativa ou técnica

como modo de "contribuição à pesquisa exata e empírica da Logoterapia" (Frankl, 2016, p. 18), citando, inclusive, um teste que avalia o senso de propósito, o *PIL Test*, criado ainda naquela época por James C. Crumbaugh (Frankl, 2016). Ademais, Frankl sempre ressaltou que a LAE não veio para ser uma panaceia, ou seja, um remédio que cure todos os males, mas veio acrescentar o que estava faltando na Psicologia: a dimensão mais humana, a dimensão noética (Frankl, 2016). Logo, é possível pensar em um diálogo entre a testagem psicológica e a LAE.

Sendo assim, o uso dessas ferramentas não é algo que deva ser repudiado, mas pode ser empregado quando necessário, porém com cautela para não reduzir a pessoa ao resultado do teste (Ortiz *et al.*, 2017) e, assim, correr o risco de cair no reducionismo — quando a realidade é reduzida a mero efeito, produto ou resultado de fatos fisiológicos, psicológicos ou sociológicos (Frankl, 2019). O que pode ser pensado de modo diferente é a forma de compreender o processo de avaliação e/ou testagem psicológica, que terá outra visão e outros objetivos.

Ortiz e colaboradores (2017), ao abordarem a avaliação diagnóstica, perspectiva que pode ser ampliada para a avaliação psicológica, destacam como elemento fundamental jamais negociar a visão de ser humano na concepção frankliana, ou seja, ver o paciente sem reducionismos, em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais e noéticos. Primeiro, esse diálogo entre abordagens de viés existencial e ferramentas quantitativas pode ocorrer, pois, apesar de diferentes, uma não é, necessariamente, contrária à outra na construção do conhecimento, podendo haver um caráter colaborativo (Ortiz *et al.*, 2017). Em segundo lugar, o processo de

avaliação deve consistir no diálogo, em que os saberes do terapeuta e do paciente se unem em busca de responder às questões deste, colocando-o como protagonista desse processo de coleta (Ortiz *et al.*, 2017).

A testagem psicológica, nesse contexto, tem fins investigativos ou de colaboração na coleta de dados do paciente. O centro desse processo é a relação terapêutica; logo, qualquer instrumento a ser utilizado constitui um recurso que enriquece e amplia o mundo compartilhado com o paciente (Ortiz *et al.*, 2017). Já há, no contexto internacional, testes que mensuram aspectos noéticos, como sentido da vida, autotranscendência e autodistanciamento, entre outros.

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo realizar um levantamento dos testes ou instrumentos psicológicos criados ou validados no Brasil a partir do referencial teórico da LAE.

PERCURSO METODOLÓGICO

Realizou-se uma revisão de literatura por meio das bases de dados *Google Acadêmico* e *SciELO*. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: validação de escalas Logoterapia no Brasil; validação testes Logoterapia Brasil; testagem e Logoterapia; questionários e Logoterapia. A partir dessa busca, foram recuperados 63 estudos.

Após a leitura dos títulos, 24 estudos foram selecionados para a análise dos resumos. Houve a exclusão dos materiais que não estavam disponíveis integralmente no site, dos duplicados e

daqueles que não faziam referência à teoria frankliana. Concluída essa etapa, sete estudos foram selecionados para leitura integral, fichamento e análise. Por fim, também foi introduzido, por conveniência, um instrumento logoterapêutico disponível para venda.

RESULTADOS

De acordo com a Tabela 1, foram encontrados, no total, oito estudos de avaliação envolvendo construtos da LAE, sendo o artigo mais antigo datado de 2009. Desses, três tratam de adaptações de instrumentos estrangeiros para o Brasil, enquanto cinco são instrumentos criados por pesquisadores brasileiros. Observa-se também que, dos oito estudos, cinco têm a participação do mesmo pesquisador, o professor Dr. Thiago Avellar de Aquino, da Universidade Federal da Paraíba. Além disso, dois trabalhos foram realizados na Universidade Federal de Mato Grosso e um, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Tabela 1: Descrição dos trabalhos selecionados envolvendo instrumentos de avaliação e construtos da Logoterapia

Título	Autoria	Ano	Tipo de trabalho	Construto avaliado	Criação/adaptação?
Escala de culpabilidade: construção e validação de construto	Aquino & Medeiros	2009	Artigo	Culpa	Criação

Escala de Atitudes Religiosas, Versão Expandida (EAR-20): Evidências de Validade	Aquino et al.	2013	Artigo	Atitude religiosa	Criação
Questionário de Sentido de Vida: Evidências de sua Validade Fatorial e Consistência Interna	Aquino et al.	2015	Artigo	Sentido da vida	Adaptação
Teste Propósito de Vida: Propriedades Psicométricas e Evidências de Validade	Nascimento & Dias	2019	Artigo	Vontade de sentido (Senso de propósito)	Adaptação
Virtudes espirituais, atitudes religiosas e sentido de vida: um estudo correlacional	Aquino	2021	Dissertação de mestrado	Virtudes espirituais/religiosas	Criação
Escala de orientação profissional com sentido: Adaptação e evidências de validade e de precisão	Nascimento	2022	Dissertação de mestrado	Orientação profissional	Adaptação
Conhe(S)er App: Criação e validação de um aplicativo	Rodrigues	2023	Dissertação de mestrado	Transtornos mentais comuns e	Criação

móvel de promoção da saúde mental e educação em saúde				sentido de vida	
Baralho dos Valores e Sentidos na Vida	Aquino et al.	2018	Instrumento (Baralho)	Autodirecionamento	Criação

Fonte: Elaboração autoral.

DISCUSSÃO

Falando mais sobre cada instrumento encontrado, a Escala de Culpabilidade (Aquino; Medeiros, 2009) é uma escala de avaliação do nível de culpa criada em 2009. Para os autores, a culpa seria "um estado emocional desagradável que estaria associado à objeção, a uma ação ou a uma inação" (Aquino; Medeiros, 2009, p. 80). Assim sendo, a culpa estaria relacionada à oposição entre pensamentos ou sentimentos, ações cometidas ou mesmo ao arrependimento por não ter agido de determinada forma em uma situação, por exemplo. Essa escala avalia a culpa em três traços latentes: culpa objetiva, culpa subjetiva e culpa temporal.

A culpa objetiva refere-se a aspectos mais práticos e concretos, quando se viola uma regra, enquanto a culpa subjetiva diz respeito à percepção de culpa e aos sentimentos adjacentes, sendo mais pessoal (Aquino; Medeiros, 2009). Pessoas com transtornos mentais, como o transtorno depressivo maior, podem ter a sen-

sação constante de culpa sem terem cometido alguma transgressão, assim como pessoas que cometeram crimes podem não se sentir responsáveis ou não sentir remorso ou arrependimento. Já a culpa temporal trata de um sentimento de culpa na administração do tempo, seja por não conseguir realizar as atividades, seja por ter um excesso delas, prejudicando o contato com pessoas importantes (Aquino; Medeiros, 2009). Tratando-se de sua estrutura, é uma escala do tipo Likert, de cinco pontos, que varia de "discordo totalmente" a "concordo totalmente" e é composta por 12 itens (Aquino; Medeiros, 2009). Essa escala pode ser aplicada tanto no contexto clínico quanto no da Psicologia Jurídica.

Já a Escala de Atitudes Religiosas é utilizada para mensuração da atitude religiosa, cujo objetivo é "inferir o quão religiosa ou atraída pela religiosidade a pessoa se considera" (Aquino *et al.*, 2013, p. 111). Nessa perspectiva, a religiosidade é vista como estratégia de enfrentamento para recuperar a saúde e como um fator de proteção existencial. Ela explora a atitude religiosa em quatro fatores atitudinais: fator afetivo (sentimentos sobre a experiência religiosa ou religiosidade), fator comportamental (alinhamento entre crer em algo e comportar-se de acordo com essa crença), fator cognitivo (uso de algum material religioso) e fator expressivo (referente a manifestações de expressão religiosa) (Aquino *et al.*, 2013).

Sua primeira versão foi criada em 2005 e validada em 2009 e 2013, apresentando bons parâmetros psicométricos. Estruturada atualmente com 20 itens, organiza-se em uma escala do tipo Likert, de cinco pontos, que varia entre nunca (1) e sempre (5). Porém, os autores apresentam aspectos importantes a serem

considerados, pois, apesar de apresentar bons valores estatísticos, são necessários novos estudos com amostras variadas, para além do público universitário. Além disso, o instrumento não contempla todas as religiões, incluindo apenas o catolicismo, o protestantismo e o espiritismo (Aquino *et al.*, 2013).

Também há instrumentos internacionais adaptados para o Brasil. Um deles é o Questionário do Sentido da Vida (Aquino *et al.*, 2015). Criado nos Estados Unidos por Michael F. Steger, em 2006, é um instrumento formado por dez itens que visa avaliar o sentido da vida em duas dimensões: a busca (vontade de sentido) e a presença de sentido (sentido na vida) (Aquino *et al.*, 2015). O processo de validação no Brasil ocorreu com uma amostra de estudantes universitários de João Pessoa, no estado da Paraíba. Por fim, o Questionário do Sentido da Vida mostrou-se adequado para uso em pesquisas e no contexto da psicologia clínica (Aquino *et al.*, 2015).

Além dele, foram encontradas versões brasileiras do Teste de Propósito de Vida, o famoso PIL-Test. O PIL-Test foi criado por James C. Crumbaugh e Leonard T. Maholick, na década de 1960, sendo o primeiro a ter como objetivo a mensuração de fenômenos noéticos. Mais especificamente, visa avaliar o grau de propósito na vida e de frustração existencial (Nascimento; Dias, 2019). No Brasil, foi validado por T. Aquino e colaboradores em 2009, quando foram identificados três fatores: vazio existencial, realização existencial e desespero existencial. Identificou-se a versão brasileira formada por 20 itens, em escala do tipo Likert, de sete pontos, variando entre "discordo totalmente (1)" e "concordo totalmente (7)". Quanto maior a pontuação, maior o grau

de sentido na vida; quanto menor, maior o grau de frustração existencial (Nascimento; Dias, 2019).

Aquino (2021) descreve um instrumento chamado Escala de Virtudes Espirituais/Religiosas (EVER). Criada em 2020, no contexto brasileiro, em uma pesquisa de iniciação científica (não encontrada nas plataformas de dados), essa escala possui o objetivo de "conhecer como as pessoas pensam sobre diferentes virtudes que se relacionam com a espiritualidade ou religiosidade" (Aquino, 2021, p. 34), sendo as virtudes consideradas hábitos dignos que possuem valor em si mesmos (Aquino, 2021). A escala é composta originalmente por 20 itens, tendo sido posteriormente acrescentado um item sobre perdão. Trata-se de uma escala Likert de cinco pontos que varia entre "discordo totalmente" (1) e "concordo totalmente" (5) (Aquino, 2021). O instrumento possui indicadores psicométricos satisfatórios.

Também foi encontrada a Escala de Orientação Profissional com Sentido, adaptada para o Brasil por Nascimento, em 2022. Ela avalia os interesses profissionais associados ao sentido da vida. Essa escala originou-se a partir de pesquisadores colombianos da *Sociedad para el Avance de la Psicología Centrada en el Sentido* (SAPS), sendo seu uso não restrito a psicólogos e sua comercialização, em espanhol, reservada a essa instituição (Nascimento, 2022). Composta originalmente por 89 itens, em uma escala Likert de seis pontos, distribuídos em dez áreas do conhecimento, organiza-se de modo a apresentar um panorama sobre o quanto determinada área está relacionada a quatro subescalas referentes ao sentido da vida: emoção, cognição, coerência e identidade, descritos, respectivamente, nos seguintes itens:

“Quão apaixonado sou por fazer as seguintes atividades?”; “Até que ponto considero que fazer as seguintes atividades é bom para mim?”; “Até que ponto eu estaria disposto a investir meu tempo fazendo as seguintes atividades?”; “Qual a probabilidade de as seguintes atividades desenvolverem meus talentos?” (Nascimento, 2022, p. 34 - Tradução livre).

Ela apresenta o diferencial, dentre os instrumentos validados no Brasil sobre orientação profissional, de incluir o sentido da vida no processo de escolha da área de interesse (Nascimento, 2022). Porém, apesar de o objetivo de adaptação do instrumento para o Brasil ter sido alcançado, o autor destaca a necessidade de novos estudos com amostras maiores e mais variadas, além de mais estudos de validação (Nascimento, 2022).

Como já mencionado, a criação ou adaptação de instrumentos não se restringe a testes. Foi encontrado um trabalho que consistiu em criar e validar um aplicativo de celular cujo objetivo é a psicoeducação e a avaliação de transtornos mentais comuns e do sentido da vida (Rodrigues, 2023). Com base nessas metas, ele possui três instrumentos de mensuração: um para avaliar sofrimento mental (*Self Reporting Questionnaire*), um para sentido da vida (Questionário do Sentido da Vida) e um para mensurar ansiedade, depressão e estresse (DASS-21), além de recursos como diário das emoções, conteúdos informativos sobre saúde mental e contato de psicoterapeutas para atendimento psicológico (Rodrigues, 2023). Apesar de se mostrar uma proposta voltada à promoção da saúde mental, esse aplicativo não foi encontrado nem na *Play Store* nem na *Apple Store*, ou seja, parece não estar disponível para uso.

O Baralho dos Valores e Sentidos na Vida, por sua vez, é um recurso tanto de avaliação quanto de autorreflexão (Aquino; Simeão; Rodrigues, 2018). O principal construto avaliado é o autodirecionamento, que engloba a vontade de sentido e a busca pelo sentido, pois, em sua definição, seria: "Busca de objetivos de curto prazo e de vida coerentes e significativos, utilização de padrões internos, capacidade de autorreflexão" (APA, 2023). Segundo o DSM-5-TR, o autodirecionamento faz parte dos elementos de funcionamento da personalidade, compondo o *Self* juntamente com a noção de identidade (APA, 2023). Baixos escores nesse construto podem indicar vazio existencial e, consequentemente, situações de risco, como adição e suicídio (Aquino et al., 2018), evidenciando sua importância no âmbito da saúde mental.

Esse recurso é fundamentado teoricamente no cognitivismo existencial, entendido como a união de duas linhas teóricas, ou seja, reúne a visão cognitiva da Terapia Cognitivo-Comportamental e a visão de ser humano proposta por Viktor Frankl (Aquino *et al.*, 2018). Dito isso, o instrumento possui diversas formas de utilização. Pode ser empregado como ferramenta de avaliação do autodirecionamento e para autorreflexão nos mais variados campos: sentido na vida, realização de sentido, valores, liberdade e responsabilidade (Aquino *et al.*, 2018).

Para finalizar, é importante citar dois instrumentos que não puderam ser incluídos neste estudo. O primeiro deles é o Logo Teste, criado por Elizabeth Lukas, em 1988, na Áustria, citado por Aquino e colaboradores (2015) como tendo uma versão brasileira adaptada por Andrade, em 2001, em João Pessoa. Contudo, ele não foi encontrado. Esse teste é um dos primeiros a

mensurar a vontade de sentido, com 18 itens e três fatores: auto-conhecimento noético, frustração existencial e autoavaliação sobre regras e objetivos (Aquino *et al.*, 2015). Outro instrumento que não foi incluído, por estar incompleto, trata-se de um trabalho de iniciação científica de Silva e Gusmão (2024), cuja proposta é a criação de um aplicativo para avaliar o sentido da vida e a frustração existencial. Não foi possível obter mais informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados e da discussão, destaca-se a existência de uma variedade de instrumentos psicológicos fundamentados no referencial teórico da LAE. Contudo, podem ser observados três desafios principais. Primeiramente, nem todos os trabalhos sobre validação de testes estão disponíveis para leitura e, conseqüentemente, para uso dessas ferramentas, como foi o caso dos trabalhos de Silva e Gusmão (2024) e do Logo Teste adaptado por Andrade (Aquino *et al.*, 2015). Em segundo lugar, apesar de estarem em processo de validação, não fica claro, na maioria dos trabalhos, se as ferramentas já estão prontas para uso em contextos profissionais. Em terceiro lugar, com exceção dos trabalhos da Escala de Culpabilidade (Aquino *et al.*, 2009) e do Baralho dos Valores (Aquino *et al.*, 2018), não estão disponíveis os itens nem a descrição da interpretação dos resultados. Por exemplo, o Questionário do Sentido da Vida (Aquino *et al.*, 2015) é descrito como adequado para uso, mas não possui os itens do teste em anexo, o que dificulta sua utilização por outros logoterapeutas em suas práticas.

Portanto, percebe-se que, apesar de haver propostas que seriam de grande valia na prática, a atuação na psicometria, com a criação de instrumentos, ainda é emergente entre os logoterapeutas no Brasil. Essa atuação, por enquanto, é restrita a profissionais e instituições específicas, carecendo de maior atenção, especialmente no processo de validação e reconhecimento pelo SATEPSI, para que esses instrumentos sejam considerados homologados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2022). Desse modo, conclui-se que é necessária maior atenção e maior rigor para que essas ferramentas possam deixar de ser apenas propostas teóricas e passem a contribuir para a atuação dos logoterapeutas e psicólogos no Brasil.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2023.

AQUINO, P. M. L. P. de. Virtudes espirituais, atitudes religiosas e sentido de vida: um estudo correlacional. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22518/1/PaulaMarquesLimaPessoaDeAquino_Tese.pdf.

AQUINO, T. A. A. de; GOUVEIA, V. V.; SILVA, S. S.; AGUIAR, A. A. Escala de atitudes religiosas, versão expandida (EAR-20): evidências de validade. Avaliação Psicológica, v. 12, n. 2, p. 109–119, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258434263_Escala_de_Atitudes_Religiosas_Versao_Expandida_EAR-20_Evidencias_de_Validade.

AQUINO, T. A. A. de; MEDEIROS, B. Escala de culpabilidade: construção e validação de constructo. Avaliação Psicológica, v.

8, n. 1, p. 77–86, 2009. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/articulo.oa?id=335027279007>.

AQUINO, T. A. A. de; SIMEÃO, S.; RODRIGUES, L. Baralho dos valores e sentidos na vida: manual. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018.

AQUINO, T. A. A. de; VELOSO, V. G.; AGUIAR, A. A.; SERAFIM, T. D. B.; PONTES, A. M.; PEREIRA, G. A.; FERNANDES, A. S. Questionário de sentido de vida: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 35, n. 1, p. 4–19, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001332012>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 31, de 15 de dezembro de 2022. Estabelece diretrizes para a realização de avaliação psicológica no exercício profissional [...]. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, 2022.

FRANKL, V. E. Teoria e terapia das neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial. Tradução de M. D. Ribeiro. São Paulo: É Realizações, 2016.

NASCIMENTO, I. B.; DIAS, V. M. Purpose in life test: propriedades psicométricas e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, v. 18, n. 2, p. 154–159, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1802.15459.08>.

NASCIMENTO, R. B. T. Escala de orientação profissional com sentido: adaptação e evidências de validade e de precisão. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2022. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/4811/1/DISS_2022_Raul%20Bruno%20Tibaldi%20Nascimento.pdf.

ORTIZ, E. M.; CASTAÑO, C. A. O.; RODRÍGUEZ, J. El psico-diagnóstico en la psicoterapia centrada en el sentido. 1. ed. Bogotá: Sociedad para el Avance de la Psicoterapia Centrada en el Sentido, 2017.

REPPOLD, C. T.; ZANINI, D. S.; NORONHA, A. P. P. O que é avaliação psicológica. In: BAPTISTA, M. N. *et al.* (org.). *Compêndio de avaliação psicológica*. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 15–28.

RODRIGUES, V. I. O. CONHE(S)ER APP: criação e validação de um aplicativo móvel de promoção em saúde mental e educação em saúde. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2023. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/ppgss-dissertacoes-concluidas-em-2023/arquivos/7406dissertacao_concluida_vini-cius_iley_oliveira_rodrigues.pdf.

SILVA, R. G. da; GUSMÃO, E. C. R. Avaliação de evidências de validade do aplicativo sobre vazio existencial e sentido da vida. In: *Anais do Congresso de Iniciação Científica, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da Universidade Federal de Campina Grande*. Campina Grande: UFCG, 2024. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cicufcg/article/view/4406>.

CONSTRUÇÃO E INFORMATIZAÇÃO DE UMA ESCALA DE AVALIAÇÃO DO VAZIO EXISTEN- CIAL E DO SENTIDO DA VIDA

Gabriela Stéfany Alves de Lima¹

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão²

A avaliação psicológica surge no final do século XIX e início do século XX, revelando-se como fundamental para a consolidação do campo psicológico, uma vez que envolvia a objetivação dos conceitos teóricos, a aplicação de métodos científicos bem delineados e o uso de modelagem matemática na representação dos fenômenos psicológicos. Além disso, apresentava dispositivos necessários para o desenvolvimento científico da Psicologia, por

¹ Psicóloga pela Universidade Federal de Campina Grande e Neuropsicóloga pelo Instituto Suassuna. Email: gabrielasalveslima@hotmail.com

² Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: elaine.custodio@professor.ufcg.edu.br

meio de instrumentos psicométricos de medida, interpretações psicodinâmicas e perspectivas histórico-culturais. A avaliação psicológica dispõe de um processo de consolidação da Psicologia científica, na maneira de conceber, construir, aplicar e avaliar o conhecimento sobre os fenômenos psicológicos e comportamentais (Melo, 2014).

De acordo com Pasquali (2009), a Psicometria é reconhecida enquanto disciplina da ciência psicológica, a qual favorece, principalmente, o processo de avaliação psicológica. Por meio de uma conduta quantitativa, a Psicometria tem como objetivo o estudo da mensuração dos processos psicológicos, buscando explicar o propósito das respostas fornecidas por indivíduos diante de uma série de tarefas, usualmente denominadas itens.

Zanini e Cruz (2018) revelam que a Psicometria contribui também para a observação de processos subjetivos por meio da construção e adaptação de instrumentos de medida, seja no formato verbal (oral e escrito), seja no não verbal, apresentando-se, por exemplo, por meio de escalas ou questionários, considerando diferentes estímulos ou itens, como frases, desenhos, figuras e imagens..

Segundo Alchieri e Cruz (2003), ultimamente, a criação de instrumentos de avaliação psicológica é um dos assuntos de grande interesse da Psicologia, sendo fundamental para o fortalecimento da prática profissional do psicólogo e do docente, de forma a contribuir com o processo de avaliação psicológica, com o ensino e com a pesquisa.

A maior dificuldade na elaboração desses instrumentos,

tanto no exterior quanto no Brasil, reside no processo de tradução, adaptação, confiabilidade, validade e padronização. Essa questão afeta, principalmente, o Brasil, por ser um país culturalmente diversificado (Hazboun; Alchieri, 2014).

Ressalta-se que as limitações da avaliação psicológica envolvem não apenas a utilização de instrumentos informatizados, mas também a utilização de outros tipos não informatizados. Não é viável a utilização de testes informatizados sem um objetivo claramente definido, sem conhecer sua finalidade ou desrespeitando as restrições que possam surgir no momento da aplicação (Gusmão, 2019).

Deve-se observar que, para desenvolver ferramentas informatizadas, é importante entrar em contato com um especialista em tecnologia da informação/comunicação e considerar as seguintes etapas: determinar o objetivo; definir a estrutura a ser medida com o instrumento; descrever os componentes estruturais; construir o projeto do instrumento; escrever ou especificar o projeto; analisar a qualidade do item; verificar a confiabilidade dos instrumentos de pesquisa; pesquisar sobre a validade da ferramenta; e descrever as regras de aplicação, interpretação e correção (Olea; Ponsoda; Prieto, 2000).

De acordo com Joly e colaboradores (2005), "no que se refere às questões técnicas e tecnológicas há de se considerar as especificações de *hardware* e *software*, bem como a importância do fator humano ao lidar com o teste informatizado" (p. 53). O *software* é uma das tecnologias mais importantes do mundo e, nos últimos 50 anos, tornou-se um método especializado de análise de informações para a resolução de problemas. "A Engenharia de

Software guia um processo de desenvolvimento adaptável e ágil que conduza a um resultado de alta qualidade e que atenda às necessidades daqueles que usarão o produto final" (Tibes *et al.*, 2015, p. 192-193).

Além dessas considerações, para a criação de um instrumento, é importante um referencial teórico que fundamente e justifique a sua construção. Assim, como se trata de um estudo de Análise Existencial, tem-se como fundamentação a Logoterapia e Análise Existencial (LAE), que, por sua vez, tem ganhado destaque nos últimos anos, abordando conteúdos inerentes à existência que são pertinentes à visão moderna do ser humano. "Tendo em conta a perspectiva da Psicologia como ciência e profissão, considera-se a Logoterapia como uma corrente psicoterápica capaz de respaldar o trabalho do psicólogo para as demandas existenciais e psíquicas" (Aquino *et al.*, 2013, p. 46).

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/UFCG). A participação da discente bolsista contribuiu para a execução das etapas de construção e informatização do instrumento.

Trata-se de um estudo metodológico e quantitativo para produção tecnológica de um instrumento informatizado, cuja temática abrange o vazio existencial e o sentido da vida. Ressalta-se que esse projeto não possui como meta a aplicação do instru-

mento à população-alvo; por isso, não possui amostra. Utilizaram-se, para a construção e informatização do instrumento, os sistemas operacionais *Android* e *Windows*, e a pesquisa foi conduzida considerando três etapas: 1ª etapa: foram realizadas buscas nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e nos periódicos disponíveis no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por artigos e instrumentos psicométricos sobre a temática do sentido da vida e/ou vazio existencial direcionados à LAE; 2ª etapa: foi realizada a verificação e seleção dos itens da Escala de Avaliação sobre Vazio Existencial e Sentido da Vida e, posteriormente, o instrumento foi encaminhado para avaliação da qualidade dos itens quanto à clareza, ao conteúdo e à pertinência, a qual foi realizada por oito juízes especialistas em LAE; 3ª etapa: nessa etapa, foi estabelecida uma parceria com um graduando em Ciência da Computação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) para a informatização do instrumento.

POPULAÇÃO GERAL

O instrumento informatizado foi construído para o público de jovens e adultos pertencentes à faixa etária de 18 a 59 anos.

DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO

Considerando as etapas de construção da Escala de Avaliação do Vazio Existencial e Sentido da Vida (EVESV), depois da realização do levantamento bibliográfico e da seleção dos itens que compõem o instrumento, foi organizado um questionário em um programa *on-line*, com explicações sobre os passos da pesquisa e com a exposição dos itens do instrumento para avaliação de um comitê de juízes especialistas na área.

De acordo com Alexandre e Coluci (2011), no âmbito social, a definição de validação deve ser utilizada em vários domínios, como, por exemplo, "inventários de personalidade, testes educacionais, *surveys*, questionários de atitudes, entre outros" (p. 3062). A validade investiga se o instrumento consegue atingir, de forma exata e precisa, o que se propõe medir. Por isso, considera-se que um instrumento é válido quando alcança o seu objetivo.

A validação de conteúdo da referida Escala preservou essa definição de validação. Inicialmente, o questionário apresentou um termo de aceite, solicitando a colaboração do profissional para avaliar o conteúdo, a clareza e a pertinência dos itens elaborados. Entende-se por "conteúdo" a relevância do item em relação às questões que envolvem o objetivo do instrumento.

Entende-se por "clareza" a nitidez, a simplicidade e a facilidade para a compreensão do conteúdo. Entende-se por "pertinência" a adequação dos itens em relação às categorias expostas e ao conjunto que envolve a análise da temática relacionada ao estudo (Gusmão, 2019). Nesse contexto, os itens foram construídos com base nas obras de Viktor Frankl (2008) e demais estudiosos

da área. Inicialmente, foram elaborados 16 itens dentro da temática do sentido da vida e do vazio existencial.

PROCEDIMENTOS

Os profissionais foram selecionados por conveniência, considerando os seguintes critérios de inclusão: ser psicólogo e ter especialização ou formação na área da LAE. Ressalta-se que as respostas consideradas incompletas foram excluídas e/ou ignoradas. Participaram da validação de conteúdo do aplicativo EVESV oito juízes das cidades de Alagoa Nova/PB, Campina Grande/PB, Esperança/PB, João Pessoa/PB, Massaranduba/PB, Monteiro/PB e Pedra Branca/CE.

A coleta foi realizada de forma individualizada, por meio de formulário na plataforma *Survey*, com duração média de 13 minutos. O comitê de especialistas avaliou a qualidade dos itens quanto à clareza, ao conteúdo e à pertinência, conforme três opções: 1 = não apropriado (requer alteração completa); 2 = pouco apropriado (requer alteração parcial com modificações); 3 = muito apropriado (não há necessidade de alteração). Além disso, foi disponibilizado um espaço aberto no questionário destinado às sugestões dos juízes.

Para a informatização da Escala, depois da validação do conteúdo, foi realizado o contato com um graduando em Informática. Cada etapa da construção do instrumento foi discutida com as pesquisadoras, que repassaram o material necessário para a composição do conteúdo da Escala. Na fase de composição e informatização do instrumento, foi produzido um aplicativo que

contempla uma escala de avaliação de fácil aplicação e correção, indicando o tempo de aplicação e proporcionando objetividade na organização dos resultados.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a avaliação dos juízes, foi calculado o *Índice de Validade de Conteúdo* (IVC), definido como a soma das frequências relativas às opções de resposta, verificando o nível de concordância dos juízes em relação à adequação de cada item avaliado. Foi considerado um IVC maior ou igual a 80% como indicativo de adequação do item com respeito à clareza e à pertinência do conteúdo (Souza; Alexandre; Guirardello, 2017). No cálculo do IVC, empregou-se a seguinte fórmula:

$$\text{IVC} = \frac{\text{Número de respostas}}{\text{Número total de respostas}}$$

O *Índice de Validade de Conteúdo* (IVC) foi baseado na escala de Likert, com pontuação de 1 a 3, que se propõe a medir a proporção ou porcentagem de juízes que estão em concordância sobre determinados aspectos de um instrumento e seus itens. A escala pode ser apresentada das seguintes formas: 1 = não apropriado; 2 = pouco apropriado; 3 = muito apropriado.

INFORMATIZAÇÃO DA EVESV

Em termos gerais, o aplicativo deve ser utilizado por um público de jovens e adultos pertencentes à faixa etária de 18 a 59

anos, que possivelmente se encontram em conflito existencial, seja em decorrência do vazio existencial, seja da falta de sentido na vida. Sendo assim, é necessário que os jovens e adultos saibam ler, compreender textos e ter noções básicas de informática para manusear o aplicativo.

Sobre o estilo cognitivo, durante o processo de execução do aplicativo, o usuário não deve criar expectativas em relação a estar respondendo às questões adequadamente ou não, pois se trata de uma escala para investigação de questões existenciais inerentes à vida da pessoa. Ressalta-se que a EVESV pode ser aplicada e reaplicada de acordo com a necessidade do profissional.

O aplicativo da EVESV encontra-se dividido em cinco etapas, sendo elas: (1) Tela de Apresentação, a qual compreende uma tela inicial e suas funcionalidades (sobre, instruções, créditos, contato, entrar e cadastrar uma conta); (2) Tela de Autenticação dos Profissionais, na qual o profissional faz o cadastro e efetua o login, assim como realiza o cadastro de seus pacientes; (3) Tela de Estabelecimento de Atividades, que consiste na edição de informações pessoais pelo profissional, no cadastro, edição e pesquisa dos jovens e adultos, no início da aplicação do instrumento e na geração de relatórios; (4) Tela de Mensuração da Escala, que corresponde à etapa em que o profissional ou o usuário inicia o instrumento; (5) Tela de Relatório Final, na qual o profissional poderá gerar o relatório, podendo acessá-lo por meio da página específica do aplicativo ou pesquisando pelo nome do paciente, além de poder acrescentar observações sobre este.

A ferramenta utilizada para a criação do aplicativo EVESV faz parte do sistema ReactJS com TypeScript para o *front-end* e do

Node.js com TypeScript para o *back-end*. Considera-se *front-end* tudo o que o usuário pode ver na tela, como imagens, menus, botões, fontes e formulários, enquanto o *back-end* corresponde à parte do programa executada no servidor, responsável por permitir, por exemplo, que as páginas da web sejam apresentadas ao usuário.

O ReactJS possibilita a transformação de páginas web em aplicativos *Progressive Web Apps* (PWA), favorecendo a característica responsiva do aplicativo em desktops, smartphones etc., além de permitir que ele seja executado em qualquer navegador. Já o Node.js proporciona flexibilidade, leveza e alto desempenho no *back-end*, evitando a necessidade de realizar requisições complexas (Lopes, 2021).

Para o processo de autenticação do aplicativo, foram utilizados os serviços do Firebase, que pode ser definido como um Backend-as-a-Service (BaaS), o qual provê alguns serviços essenciais para um software, entre eles o *Firebase Auth* e o *Realtime Database*. O *Firebase Auth* oferece suporte ao sistema de autenticação do aplicativo por meio da utilização de e-mail e senha ou de uma conta do Google já existente.

Em relação ao *Realtime Database*, trata-se do banco de dados NoSQL em tempo real utilizado no aplicativo, responsável por armazenar os dados dos pacientes e dos profissionais que utilizam esse software/instrumento. Esse serviço foi escolhido tendo em vista que o software realiza apenas consultas básicas ao banco de dados e que a quantidade e o volume de dados alterados não serão de larga escala. Por fim, para o desenvolvimento e a finalização do aplicativo, foi escolhida a metodologia ágil Kanban e,

como ferramenta de controle, foi utilizado o *GitHub Projects*.

ASPECTOS ÉTICOS

Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFCG (CAAE: 40092820.3.0000.5182), estando em conformidade com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). Ressalta-se que o aplicativo EVESV já passou por outras etapas de validação e possui registro no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), com previsão de disponibilização para uso em breve.

DESENVOLVIMENTO

A Logoterapia é uma psicoterapia centrada no encontro com o sentido da vida. Denominada "A Terceira Escola Vienense de Psicoterapia", difere das demais abordagens psicoterapêuticas por ter como motivação primária a vontade de sentido, concentrando-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido (Frankl, 2008). O termo Análise Existencial (Logoteoria) encontra-se conectado com a Logoterapia para fundamentar sua teoria epistemológica, a qual é baseada na fenomenologia.

No contexto social atual, o questionamento do ser humano sobre o sentido da vida parece ser, inicialmente, genérico e simplista, embora tenha sido uma realidade vivenciada por mui-

tos indivíduos ao longo da história. Frankl (2005) evidencia, contrariamente a essa visão, que, em uma pesquisa realizada em uma universidade americana com 60 jovens que haviam tentado suicídio, 85% afirmaram sentir que a vida parecia vazia de sentido.

Segundo o Conselho Nacional de Saúde (2014), o suicídio foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos.

Diante disso, lança-se a questão: será que o acréscimo no número de suicídios pode estar relacionado à questão do vazio existencial?

Frankl (2008) aponta que o sentido possui caráter único, ou seja, o indivíduo possui uma vocação específica e situacional que pode levá-lo a responder aos questionamentos que a vida lhe impõe. Em outras palavras, o sentido é singular para cada ser humano e para cada momento da existência (Nobre, 2016). A ausência de sentido, em contrapartida, é entendida por Frankl como vazio existencial, que se insere em um espectro maior denominado frustração existencial, correspondendo à frustração da vontade de sentido (Frankl, 2016).

A teoria construída por Frankl (2011) defende sua própria visão de homem e fundamenta-se em três pilares: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida. A liberdade da vontade diz respeito à visão antropológica segundo a qual o homem é livre para decidir e agir diante daquilo que lhe é imposto. O homem não é livre das circunstâncias que a vida lhe impõe, mas é livre para tomar uma atitude diante de quaisquer situações. Em relação à vontade de sentido, esta constitui a motivação pri-

mária de cada pessoa, podendo ser definida como o empenho essencial do homem na busca e realização de sentidos existenciais. No tocante à compreensão do pilar "sentido da vida", faz-se necessária uma breve elucidação a respeito da ontologia dimensional da Logoterapia e Análise Existencial (LAE), a qual considera o homem em três dimensões: biológica (orgânica), psicológica (anímica) e noética (espiritual).

Frankl (2011) reconhece a dimensão noética como a capacidade do homem de agir frente aos fenômenos somáticos e psíquicos, pois envolve a consciência e a intencionalidade, possibilitando o ato de se posicionar, decidir, criar, abrir-se para algo ou alguém, compreender valores e encontrar sentido.

Dessa forma, o sentido da vida pode ser encontrado por qualquer indivíduo, sendo algo necessário à existência humana. Frankl (2008), em seus estudos e em sua experiência de vida, demonstra que o ser humano é capaz de viver ou até morrer pelos seus valores. Contudo, quando o ser humano não encontra o sentido, fechando-se em si mesmo, podem emergir, por exemplo, ideias suicidas e, conseqüentemente, a decisão de não mais viver, acarretando, muitas vezes, o suicídio, mesmo quando suas necessidades parecem estar satisfeitas (Frankl, 2005). Portanto, é necessário olhar para a dimensão do sentido, a fim de visualizar o homem em sua totalidade.

Quando o ser humano busca a vontade de sentido, está demonstrando indícios de saúde mental. Assim, compreender que o ser humano responde às questões que a vida lhe apresenta é compreender cada pessoa como responsável por suas escolhas, afinal, o indivíduo não apenas responde a estímulos e/ou obedece

a impulsos, como é defendido por alguns autores (Frankl, 2005). Frankl (2008) também esclarece que o sentido é específico e irrepetível; logo, o psicoterapeuta não pode eventualmente dá-lo ao paciente nem transmiti-lo por meio das tradições, já que, mais do que viver a tradição, o ser humano precisa experienciar o sentido (Nobre, 2016).

O sentido da vida é o ponto principal abordado pela LAE. Por isso, Frankl (2008) apresenta três tipos de valores que constituem a tríade das possibilidades de encontro com o sentido: valores de criação (praticar um ato ou criar um trabalho), valores de experiência (experimentar algo ou encontrar alguém) e valores de atitude (dizem respeito à atitude tomada diante do sofrimento inevitável).

Compreende-se que não há instinto ou tradição que diga ao ser humano o que deve fazer; porém, às vezes, as pessoas não sabem sequer o que desejam fazer. Em consequência dessa situação, muitas pessoas escolhem fazer o que os outros fazem (conformismo) ou preferem fazer o que outras pessoas querem que elas façam (totalitarismo). Essas atitudes podem levar o homem ao vazio existencial (Frankl, 2008).

Segundo Nobre (2016), o vazio existencial pode manifestar-se por meio do tédio e da indiferença diante das situações da vida e do mundo. Esse vazio pode ocasionar transtornos psicossociais, manifestando-se por meio da denominada neurose de massa, que pode provocar depressão, suicídio, agressão e toxicod dependência. Dentre esses problemas comuns à sociedade contemporânea, infelizmente, o suicídio surge, para alguns indivíduos, como a única saída, funcionando como justificativa diante

do não encontro com o sentido da vida, o que termina gerando frustração e angústia, cuja manifestação mais visível é a ansiedade (Frankl, 2008).

Em suma, o vazio existencial, para a LAE, é entendido como um sentimento de que a vida não possui sentido. Quando o indivíduo já não consegue encontrar nenhuma razão para sua existência, ocorre a frustração existencial, que, se não for tratada, pode inicialmente causar o vazio existencial. Por isso, há uma preocupação com as pessoas que se encontram nessa condição (Nobre, 2016). Diante disso, Frankl (2011) propõe uma intervenção na direção de uma educação que potencialize a experiência do ser humano no encontro com os sentidos ímpares de sua existência, sem deixá-lo ser afetado pela queda dos valores universais.

Nesse contexto, à luz das discussões teóricas sobre o sentido da vida e o vazio existencial, bem como considerando o processo de construção e validação de instrumentos informatizados, foi desenvolvido o aplicativo EVESV. Sua elaboração fundamenta-se nos pressupostos da LAE, especialmente na compreensão de que a busca de sentido constitui uma dimensão central da existência humana. Assim, o instrumento propõe-se a identificar indicadores relacionados ao vazio existencial e à realização de sentido. Desse modo, o EVESV configura-se como uma ferramenta relevante tanto para a prática clínica quanto para a produção de conhecimento científico, ao possibilitar uma abordagem sistematizada e sensível às demandas existenciais contemporâneas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Fizeram parte da validação de conteúdo oito juízes, todos profissionais da Psicologia, com idades variando entre 23 e 51 anos. Com relação à experiência com a Logoterapia e Análise Existencial (LAE), o tempo de atuação variou entre 2 e 30 anos. A avaliação foi realizada individualmente, e a maioria dos participantes avaliou os itens como muito apropriados, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Itens avaliados como muito apropriado

ITENS	IVC (%)
Geralmente me sinto triste e não tenho ânimo para realizar as tarefas cotidianas.	100
Geralmente tenho foco para lutar pelos meus objetivos e enxergo minhas metas de maneira muito clara.	100
Não consigo encontrar em minha experiência pessoal algum sentido ou propósito.	85
Me sinto motivado (a) a cada dia.	87
A vida para mim é muito importante.	85
Se eu tivesse escolha, não teria nascido.	87
Não consigo enxergar razões que impulsionam a alcançar as metas da minha vida.	87
Sinto que minha vida está vazia e preenchida apenas com o desespero.	87
Ainda que eu morresse hoje, sentiria que tudo que vivenciei valeu a pena.	100

As tarefas que realizo diariamente são muito satisfatórias para mim.	100
Normalmente me questiono sobre a vida e a minha existência.	100
Geralmente me sinto livre para tomar minhas próprias decisões e realizar minhas escolhas diante dos questionamentos da vida.	87
Sou responsável pelas minhas ações e sempre busco solucionar os meus problemas.	100
Não consigo perceber qual o propósito da minha vida.	100

Fonte: elaboração autoral

Diante disso, verifica-se, no Quadro 1, que os itens do aplicativo EVESV foram considerados válidos, além de apresentarem, em sua avaliação geral, um Índice de Validade de Conteúdo (IVC) de 90%, superior aos 80% necessários para a validação. Das sugestões apresentadas pelos juízes, as pesquisadoras levaram em consideração aquelas que julgaram pertinentes, as quais foram: (1) transformação do item "Geralmente tenho foco para lutar pelos meus objetivos e enxergo minhas metas de maneira muito clara" em dois itens: "Geralmente tenho foco para lutar pelos meus objetivos" e "Geralmente enxergo minhas metas de maneira muito clara", visando a uma maior objetividade; (2) reformulação do item "Me sinto motivado(a) a cada dia" para "Sinto-me motivado(a) a cada dia"; (3) inclusão do item "A minha vida é importante para outras pessoas"; (4) exclusão do item "Frequentemente penso que a minha vida não tem sentido e, por isso, vejo o suicí-

dio como uma saída", considerando que tal afirmação possa influenciar a condução do pensamento suicida; (5) exclusão do item "Considero fundamental encontrar um sentido para minha vida", visto que o item não discrimina a presença ou a ausência de sentido; (6) modificação do item "As tarefas que realizo diariamente são muito satisfatórias para mim" para "As tarefas que realizo diariamente são significativas para mim"; (7) modificação do item "Geralmente me sinto livre para tomar minhas próprias decisões e realizar minhas escolhas diante dos questionamentos da vida" para "Geralmente sinto-me livre para tomar decisões e realizar escolhas diante dos questionamentos da vida".

Os juízes, após avaliarem o instrumento, afirmaram que os itens apresentados mostram-se relevantes, claros e adequados para compor uma Escala de Avaliação sobre o Vazio Existencial e o Sentido da Vida, uma vez que as questões abordadas são pertinentes ao referencial teórico da LAE. Sendo assim, após esse processo, a escala passou a contemplar 17 itens, conforme o Quadro 2:

Quadro 2: Itens aprovados para o Aplicativo da EVESV

EVESV	
1.	Geralmente me sinto triste e não tenho ânimo para realizar as tarefas cotidianas
2.	Geralmente tenho foco para lutar pelos meus objetivos
3.	Geralmente enxergo minhas metas de maneira muito clara

4. Não consigo encontrar em minha experiência pessoal algum sentido ou propósito
5. Sinto-me motivado(a) a cada dia
6. A vida para mim é muito importante
7. A minha vida é importante para outras pessoas
8. Se eu tivesse escolha não teria nascido
9. Não consigo enxergar razões que impulsionem a alcançar as metas da minha vida
10. Sinto que minha vida está vazia e preenchida apenas com o desespero
11. Ainda que eu morresse hoje, sentiria que tudo que vivenciei valeu a pena
12. Frequentemente penso que a minha vida não tem sentido
13. As tarefas que realizo diariamente são muito satisfatórias para mim
14. Normalmente me questiono sobre a vida e a minha existência
15. Geralmente sinto-me livre para tomar decisões e realizar escolhas diante dos questionamentos da vida
16. Sou responsável pelas minhas ações e sempre busco solucionar os meus problemas
17. Não consigo perceber qual o propósito da minha vida

Fonte: elaboração autoral

Em se tratando da organização do aplicativo, na tela inicial (Figura 1), são exibidas as opções: “Sobre”, “Instruções”, “Créditos”, “Contatos”, “Entrar” e “Cadastrar”. Na Figura 2 é apresentada a tela de cadastro, na qual é solicitada a inserção de informações de login (e-mail), senha e o acionamento do botão "Cadastrar", para confirmar a realização do cadastro. Em seguida, o usuário é encaminhado para a tela do profissional (Figura 3).



Figura 1: Tela inicial



Figura 2: Tela de cadastro/login



Figura 3: Tela do profissional

A seguir, destacam-se as telas "Editar cadastro do profissional" (Figura 4), "Cadastrar participante" (Figura 5), assim como a tela "Editar cadastro do participante" (Figura 6).



Figura 4: Editar cadastro do profissional



Figura 5: Cadastrar participante



Figura 6: Editar cadastro do participante

Para a verificação de um participante já cadastrado, existe uma tela cuja função é visualizar o seu cadastro (Figura 7). Após a realização do cadastro do participante, caso o profissional não deseje realizar nenhuma modificação, o usuário poderá iniciar o instrumento. Ao clicar em "Iniciar instrumento", será direcionado para a tela de instruções (Figura 8). Entretanto, antes de iniciar a atividade, o participante será direcionado para a tela de treino (Figura 9) e, logo após, será apresentada a primeira pergunta do instrumento.



Figura 7: Tela pesquisar participante



Figura 8: Tela de instruções do instrumento



Figura 9: Tela de treino

Assim, após selecionar a resposta, o participante somente passará para a próxima pergunta quando clicar no

botão "Próxima", e assim sucessivamente.

Na Figura 10, apresentam-se exemplos dos emojis utilizados como opções de resposta disponíveis para o usuário.



Figura 10: Exemplos dos Emojis

Por fim, a última tela apresenta uma mensagem de finalização, indicando que a atividade foi concluída (Figura 11), juntamente com o botão "Finalizar", utilizado para encerrar o instrumento.



Figura 11- Tela final

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo o processo de construção e validação de instrumentos informatizados, foi possível elaborar um instrumento voltado à identificação do vazio existencial e do sentido da vida, fundamentado na LAE. Espera-se que esse instrumento possa ser utilizado tanto na prática clínica quanto em outros contextos, como em pesquisas relacionadas ao sentido da vida e à sua articulação com demandas inerentes à condição humana, tais como ansiedade, qualidade de vida, integração social, comportamento suicida e dependência química, entre outras.

Salienta-se que, por se tratar de um campo ainda pouco explorado, torna-se necessária a ampliação de estudos e a produção de novos conhecimentos sobre a temática abordada, a fim de fortalecer sua aplicação teórica e prática.

REFERÊNCIAS

ALCHIERI, J. C.; CRUZ, R. M. Avaliação psicológica: conceito, métodos e instrumentos. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ALEXANDRE, N. M. C.; COLUCCI, Z. O. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 7, p. 3061-3068, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000800006. Acesso em: 20 maio 2020.

ANDRIOLA, W. B. Uso de computadores na avaliação psicológica: estudo de sua influência sobre o desempenho individual em um teste de raciocínio numérico (RN). *Interações*, v. 8, n. 15,

p. 105-124, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000100006. Acesso em: 4 abr. 2020.

AQUINO, T. A. A. Logoterapia e Análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html. Acesso em: 11 mar. 2014.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). Um suicídio ocorre a cada 40 segundos no mundo, diz Organização Mundial da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Acesso em: 10 maio 2020.

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 46. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial. 6. ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

FRANKL, V. E. Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

GUSMÃO, E. C. R. Construção e validação de um aplicativo de identificação das habilidades adaptativas de crianças e adolescentes com deficiência intelectual. 2019. 199 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

HAZBOUN, M. A.; ALCHIERI, J. C. Dificuldades em Avaliação Psicológica Segundo Psicólogos Brasileiros. *Psico*, v. 45, n. 1, p. 83-89, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pu-crs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/13173>. Acesso em: 20 abr. 2020.

JOLY, M. C. R. A. *et al.* Sistema de avaliação para testes informatizados (SAPI): estudo preliminar. *PSIC: revista de psicologia da vetor editora*, v. 6, n. 2, p. 51-60, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S1676-73142005000200007. Acesso em: 1 jun. 2020.

KATSURAYAMA, M. *et al.* Testes informatizados como auxílio na seleção em recursos humanos. *Psicologia: teoria e prática*, v. 14, n. 2, p. 141-151, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v14n2/v14n2a12.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2020.

LOPES, L. S. Desenvolvimento de uma aplicação Web para gerenciamento de TCC. 2021. 45 f. Monografia (Graduação em Engenharia de Computação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2021.

MELO, M. R. A. Avaliação psicológica: evolução e atualidade. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014.

NOBRE, M. A. R. Purpose in life test (pil-test): evidências de validade e precisão. *Revista Logos & Existência: revista da associação brasileira de logoterapia e análise existencial*, v. 5, n. 1, p. 89-118, 2016.

OLEA, J.; PONSODA, V.; PRIETO, G. Tests Informatizados: fundamentos y aplicaciones. *Psicothema*, v. 12, n. 2, p. 320-323, 2000.

PASQUALI, L. Psicometria. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 43, p. 992-999, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43nspe/a02v43ns.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

PRESSMAN, R. S.; MAXIM, B. M. Engenharia de Software: uma abordagem profissional. 8. ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.

ROCHA, A. R.; CAMPOS, G. H. B. Avaliação da qualidade de software educacional. *Em Aberto, Brasília*, v. 12, n. 57, jan./mar. 1993.

SILVA, M. A. Testes informatizados para a avaliação psicológica e educacional. *Psico-USF*, v. 16, n. 1, p. 127-129, 2011. Disponível

em: <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v16n1/al4v16n1.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

SOUZA, A. C.; ALEXANDRE, N. M. C.; GUIRARDELLO, E. B. Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 649-659, jul./set. 2017.

TIBES, C. M. *et al.* Avaliação de um aplicativo para apoio à decisão no cuidado de úlceras por pressão. *Nuevas ideas en informática educativa TISE*, v. 11, p. 191-199, 2015.

ZANINI, R. S.; CRUZ, R. M. Psicometria e Neuropsicologia: interrelações na construção e adaptação de instrumentos de medida. *Psicologia Argumento*, v. 36, n. 91, p. 49-69, jan./abr. 2018.

VIKTOR FRANKL E O PAPEL DA FILOSOFIA NA BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA: O ATO DE FILOSOFAR PODE SER TERAPÊUTICO?

Rodôlfo Ramalho de Souza¹

No capítulo intitulado *O homem incondicionado – Lições Metaclínicas*, presente na obra *O sofrimento humano – Fundamentos antropológicos da Psicoterapia* (1949), principalmente no prefácio à primeira edição, Frankl coloca-nos diante do “homem incondicionado”, dizendo que “O ‘homem incondicionado’ é, em primeiro lugar, o homem que é homem em todas as condições, e que, mesmo nas situações mais desfavoráveis e indignas, permanece homem – o homem que em condição alguma renega sua humanidade, mas, pelo contrário, ‘está com ela’ de forma incondicional” (Frankl, 2019, p. 105).

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Filosofia pela UFPB. Graduado em Filosofia pela UFPB. Email: rodolfooramalhosouza@yahoo.com.br

Como podemos perceber, o que o autor nos apresenta, implicitamente, é a problemática da liberdade espiritual do ser humano, trazendo a ideia de que muitas das questões nas quais a medicina está envolvida são, em seu sentido profundo, questões filosóficas, principalmente metafísicas, visto que a filosofia poderia ser responsável pela compreensão e até pela superação de determinadas neuroses. Todavia, deve-se levar em consideração que “Não deve haver transferência (ou melhor, contratransferência) de uma filosofia pessoal, de um conceito pessoal de valores para o paciente” (Frankl, 2021, p. 213).

Segundo Frankl, ao nos referirmos aos problemas metaclínicos, mais precisamente à análise deles, não devemos procurar, *a priori*, o sistemático, mas tão somente o problemático, isto é, os próprios problemas metafísicos que a medicina nos traz (Frankl, 2019, p. 115). Nesse sentido, ele faz uma crítica tanto à psicanálise antiga quanto à psicanálise atual, visto que, para ele, ambas estariam indiferentes à questão própria da humanidade do homem, que é a realização dos valores para o encontro do sentido. Diz:

A transferência de um conceito de indivíduo e de uma filosofia de vida do médico para o paciente é especialmente perigosa quando ocorre em sua situação em que o médico é visto, ao menos implicitamente, como se estivesse preocupado somente com a satisfação dos impulsos e com o objetivo – no sentido do princípio hipotético da homeostase – de aquietar o “aparelho psíquico” estimulado por suas necessidades. Na psicanálise antiga, o homem era reduzido ao aspecto daquilo que ele “deve” fazer.

Na neopsicanálise, não menos unilateral, ele é reduzido ao aspecto daquilo que ele “pode” fazer, pois o objetivo não é tanto a “aquietação”, mas a autorrealização: a realização de suas possibilidades. A teoria da autorrealização

vê o propósito da vida no desenvolvimento mais completo dos melhores potenciais do indivíduo, para levá-lo à satisfação mais perfeita. O problema do valor é posto de lado; torna-se agora uma questão de descobrir as melhores possibilidades de cada momento (Frankl, 2021, p. 130).

A busca pela autorrealização é um perigo, pois condiciona o ser humano a buscar suas potencialidades a todo momento, e sabemos — por meio de muitos pensadores — que não podemos alcançar as melhores performances referentes a cada situação que nos é dada. Dois desses problemas, no entanto, são, para ele, essenciais em sua perspectiva, a saber: a questão da relação corpo-alma e a questão do livre-arbítrio.

Nesse contexto, o autor vai nos legar que tratam de como as ciências naturais e as ciências ditas do espírito (humanas) erraram ao reduzir o ser humano a processos puramente biopsíquicos. Como pode o homem fugir das suas características somáticas e psíquicas, visto que sua própria composição biológica, por exemplo, não fora uma deliberação sua? Em outras palavras: como pode ele ser incondicionado?

O que Frankl diz, ao assumir essa premissa, é que mesmo a ontologia, considerando o ser-homem em si, não deixa de conhecer esse homem para além de toda a sua condicionalidade. Ela vê também o ser humano na sua qualidade de um ser capaz de ir além de seus conflitos biológicos, psicológicos e sociológicos e, portanto, como um ser incondicionado, significando, aqui, que esse homem resiste às condições no meio das quais se encontra, numa relação tensa entre sua *incondicionalidade facultativa* e sua *condicionalidade factual* (Frankl, 2019, p. 106).

Frankl questiona (2019, p. 116): “Quais são os problemas

metafísicos fundamentais da medicina, os problemas, para sermos exatos, metaclínicos?” E responde à sua própria indagação afirmando que esses problemas não são outros senão os de uma filosofia perene (*philosophia perennis*), na medida em que a filosofia não seria mais exercida, sistematicamente, em seus próprios limites, mas, sim, historicamente. Em outras palavras: os problemas da medicina são filosóficos, ultrapassam toda a história da filosofia, como os citados acima, já que “o médico dos nossos tempos deve ter a coragem de se envolver nesses diálogos socráticos, de levar a sério sua missão de tratar não só de enfermos, mas de homens” (Frankl, 2019, p. 63).

Diz Frankl sobre a relação da filosofia (metafísica) e a medicina:

Heidegger disse certa feita: “Na medida em que o homem existe, acontece a metafísica”. Com muito mais razão se poderia proclamar: na medida em que o médico pratica, acontece a metafísica. O que temos em vista não é, de modo algum, uma metafísica introduzida por nós na medicina por essa ou aquela via, ou objeto de suposição nossa.

O que trata este trabalho é da metafísica implícita em toda a medicina, são as implicações metafísicas que todo comportamento médico permite presumir. Trata-se, por conseguinte, dos pressupostos metafísicos da atividade médica. E mesmo que esses pressupostos fossem em geral pouco perceptíveis, tanto mais teríamos de combater o perigo de considerá-los como falsos.

Sendo verdadeiros, nem por isso seria supérfluo explicá-los, tirá-los da obscuridade, liberar do esconderijo em que se mantêm tanto a verdade metafísica em que se baseia a medicina quanto seus pressupostos metafísicos, traduzindo-se para uma ἀλήθεια (verdade) (Frankl, 2019, p. 114).

E como a filosofia poderia nos auxiliar na cura dessas doenças? Em uma primeira análise, poderíamos pensar na própria essencialidade dessa ciência, visto que ela é fundamentalmente enraizada, desde sua origem, na reflexão não só das coisas do mundo e dos objetos, mas também na reflexão sobre a constituição do ser humano e sobre o que este pode vir a ser em sua existência. Em um segundo momento, Frankl nos direciona para os sintomas éticos, em suma, da “patologia do (Zeitgeist), o espírito do nosso tempo” (Frankl, 2021, p. 213).

Para ele, o primeiro desses problemas é o da “falta de planejamento cotidiano em relação à vida”, pelo simples fato de que o homem comum — o indivíduo trabalhador e que interage socialmente — passou, na visão de nosso autor, por uma mudança de cosmovisão, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, quando as bombas norte-americanas destruíram as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. “Para que se planejar?” — pergunta-se o homem contemporâneo (Frankl, 2021, p. 213). Não haveria sentido em planejar o futuro, visto que as novas tecnologias bélicas poderiam findar tal planejamento.

O segundo sintoma é a “atitude fatalista em relação à vida”. Para Frankl (2021, p. 214), essa atitude também foi decorrente da experiência da guerra, uma vez que o homem se compreendeu “como o resultado de circunstâncias externas ou condições internas”.

O terceiro sintoma é caracterizado pelo pensamento coletivo. Porém, é preciso entender que *pensamento coletivo*, aqui, não é, de maneira alguma, uma crítica à unidade dos indivíduos

em prol de uma boa ação. Pelo contrário, trata-se da perda da liberdade individual e singular que o homem possui, bem como de sua responsabilidade para com suas atitudes, perdendo, assim, sua identidade, na medida em que “O homem gostaria de submergir na massa. Na verdade, ele acaba por afogar-se na massa, renunciando à sua liberdade e responsabilidade” (Frankl, 2021, p. 214).

O fanático, isto é, o homem que está imerso no quarto sintoma da neurose coletiva de nosso tempo, a saber, o fanatismo, exclui todo e qualquer tipo de opinião divergente da sua, aceitando apenas a opinião pública, que, ao invés de ser possuída por ele, é ela quem o possui. Em outras palavras, o fanático oprime a personalidade dos outros e não possui uma opinião própria.

Todos esses sintomas: 1) falta de planejamento cotidiano em relação à vida; 2) atitude fatalista ou de efemeridade; 3) pensamento coletivo; e 4) fanatismo são, no entender de Frankl, problemas filosóficos que, quando individualizados, fazem com que o homem esteja envolvido em doenças biopsicossociais, procurando a cura na terapia, na medida em que “Ficamos com a impressão de que as ideias delirantes de nossos pacientes são moldadas pelo espírito da época, mudando com ele, e que, portanto, o espírito da época se faz sentir bem nas profundezas...” (Frankl, 2021, p. 220).

Esses problemas éticos, como aqui foram colocados, podem ser refletidos e mensurados pela filosofia enquanto fenomenologia na medida em que:

A fenomenologia é uma tentativa de descrever a maneira como o homem entende a si mesmo e interpreta sua própria existência, longe de explicações preconcebidas, como as fornecidas por hipóteses psicodinâmicas ou socioeconômicas (Frankl, 2021, p. 120).

Nessa perspectiva, a filosofia, como base da Logoterapia e Análise Existencial (LAE), faz-se terapêutica por refletir sobre as causas de tais doenças e seus sintomas, levar o ser humano a uma autorreflexão e descoberta de si mesmo como ser espiritual, dotado de uma liberdade incondicional, uma responsabilidade efetiva e de uma dimensão espiritual que o faz alcançar o sentido dado pela própria vida, pois “Uma filosofia de vida sólida, creio eu, pode ser o recurso mais valioso de um psiquiatra ao tratar um paciente em estado de profundo desespero” (Frankl, 2021, p. 46).

Não diferentemente, o indivíduo que se vê diante da morte não quer saber de outra coisa senão dar a seus últimos instantes certa dignidade:

Os homens que chegaram perto da morte perceberam que o sacrifício é capaz de dar sentido até a ela. Os moribundos lutam interiormente para consagrar seu sofrimento e sua morte como sacrifício. Por isso, não é motivo de espanto que, entre homens que se encontram no cativeiro ou nos campos de concentração, a discussão seja de questões filosóficas ou se argumente sobre a concepção do mundo. É a autoconservação espiritual que leva a esse comportamento. Não se deve desprezar a fome espiritual que se manifesta nessas ocasiões extremas e que não é de menor relevância do que a outra, que anseia pelo não material. Afinal, não causa surpresa a ninguém o fato de que os internados no campo de concentração continuem a ter fome, malgrado o que veem; o instinto de conservação, no sentido estrito da palavra, sobrepõe-se a todos os horrores. O mesmo ocorre no campo espiritual: a todo ser inteligente não interessa – o que é possível comprovar – o imperativo *primum vivere deinde philosophari*, mas sim

primum philosophari, deinde mori. Diante da ameaça da morte, trata-se de lutar pelo sentido da morte... de caminhar para ela de cabeça erguida (Frankl, 2019, p. 309).

Este imperativo *primum philosophari*, para ele, tem sua legitimidade assegurada não por razão de fator intelectual, e sim por um fator existencial, de um pensamento existencial e ardoroso.

Sobre essa perspectiva médica e, principalmente, terapêutica e sua relação com a filosofia, Frankl nos diz que “Os próprios pacientes é que nos trazem a ‘filosofia’, ou seja, problemas filosóficos. Ao fazê-lo, contribuem com suas respostas, de forma que nós, psicoterapeutas, não ficamos limitados ao papel de instrutor, mas frequentemente temos a ocasião de aprender” (Frankl, 2019, p. 301).

Muito além do aprendizado que se dá no encontro entre paciente e psicoterapeuta está também a dimensão do consolo recíproco que levaria, segundo Frankl (2019, p. 301), à mudança do paradigma do *docendo discimus* (ensinando, aprendemos) para o *consolando consolamur* (consolando, somos consolados). A filosofia, segundo esse raciocínio frankliano, teria o papel de, a partir da dimensão espiritual do ser humano, levá-lo à realização de valores atitudinais perante o sofrimento, fazendo com que sua superação possa tornar-se evidente e, por que não, consoladora, ou seja, terapêutica. Diz:

Se é certo que todo filosofar começa por um “assombrar-se”, por um “espantar-se”, conforme ensinava a filosofia da Antiguidade, o verdadeiro milagre com que se depara

o pensador é mistério, o fenômeno originário de sua própria existência. Como filósofo, me espanto de que sou – de que eu sou *eu* (Frankl, 2019).

Esse “de que sou *eu*” faz referência, por exemplo, ao homem enquanto ser espiritual que tem, em sua liberdade e responsabilidade, suas principais características, aquilo que o constitui como *verdadeiramente* humano. Outro ponto bastante importante também é levantado por Frankl quanto à sua crítica às filosofias epicurista e estoica, que, segundo ele, pretendem encontrar algo que lhes escape às mãos, a saber, a felicidade ou a paz de espírito:

[...] (Observe o tipo de homem que se esforça para ter uma boa saúde. Todo o seu esforço faz com que ele adoça, apresentando aquela doença nervosa chamada hipocondria). Podemos resumir o que dissemos em uma ideia simples: os objetivos, tanto da filosofia hedonística dos epicureus quanto da filosofia quietista dos estoicos, isto é, a felicidade e a paz de espírito (ou, como esta última era chamada pelos antigos gregos, a ataraxia), não podem ser o objetivo real do ser humano, pelo simples motivo de que lhe escapam na mesma medida em que são buscados [...] (Frankl, 2021, p. 90).

Frankl enfatiza que, mesmo após tanto tempo, os seguidores dessas doutrinas, isto é, os estoicos e os epicuristas de nossa era, foram enganados e enganaram-se na busca pelo prazer em detrimento da aceitação da dor. O autor critica veementemente, como foi exposto mais acima, a razão que, não obstante, serviu-se da práxis do homem para enfraquecer seu entendimento sobre a tríade trágica da existência humana:

Três séculos foram marcados pela fuga ao sofrimento e pela tentativa de escamotear a realidade. Ocultou-se a verdade. Tentou-se evitá-la recorrendo a dois ídolos: a

atividade e a racionalidade. Não se levou em conta o sofrimento, a possibilidade de sofrer, o valor do sofrimento. Os homens enganaram-se e enganaram aos outros, tentando acreditar que com o auxílio da *actio* e da *ratio* conseguiram acabar com a dor, a miséria e a morte. A *actio* impediu que se visse a *passio*; esqueceu-se *de que a vida é paixão*. A *ratio*, a razão, a ciência, supostamente o conseguiram. Não foi, pois, sem motivo que se procurou glorificá-las e fazer a apoteose do homem racional, do *Homo sapiens*, ao qual caberia ensinar como se esquivar da realidade, da necessidade do sofrimento e da possibilidade de lhe dar um sentido (Frankl, 2019, p. 305).

Outra perspectiva coloca-se também como um dos problemas metafísicos, qual seja: *a relação corpo-alma*. Para que haja melhor compreensão do que Frankl nos ensina sobre essa relação, é preciso, primeiramente, entendermos a divisão que ele faz dos tipos de doenças que podem levar o ser humano a evadir-se do sentido de sua vida. O autor nos relata que há, pelo menos, quatro tipos de doenças: 1) orgânicas banais (somáticas), que se desenvolveriam inteiramente no plano somático (corporal), tendo nele sua origem e sua expressão; 2) psicoses (sintomas psíquicos), que, para ele, também são de origem somática, com a diferença de que, na primeira, sua etiologia e sua sintomatologia se dariam somaticamente, enquanto, na segunda, somente sua etiologia; 3) neuroses (psicogênicas), que, de acordo com Frankl, teriam origens psíquicas e seriam mais refinadas que as anteriores; 4) neuroses orgânicas, nas quais sua etiologia é psíquica, mas seus sintomas também se exprimem de maneira somática, desenvolvendo-se no órgão atingido.

Mas por que entender essa divisão é importante para o nosso trabalho, visto que este está interessado na abordagem fenomenológica do sentido de existir na obra de Frankl? Pois, na

distinção desses grupos de doenças, o autor sustenta que qualquer sofrimento humano, incluindo o vazio existencial, está relacionado às dimensões somática e psíquica, podendo também envolver conflitos de ordem noética. Essas últimas seriam noogênicas na medida em que se dariam por conflitos entre os valores, isto é, conflitos morais. Nas palavras do autor:

O fato de existirem distúrbios funcionais, e não psicogênicos, não prejudica a justeza da nossa distinção. Não são raras também as doenças orgânicas banais que são desencadeadas pelo psiquismo – citem-se as cardiovasculares que se exacerbam ou se manifestam reativamente diante da menor excitação afetiva ou da elevação concomitante

da pressão arterial. As repercussões das doenças funcionais sobre o psiquismo – bem como das doenças orgânicas banais – explicam-se, todavia, pelo constante e sempre possível aparecimento da angústia da expectativa (Frankl, 2019, p. 119).

Frankl nos alerta sobre a possibilidade de que os distúrbios funcionais, as doenças psicogênicas e as orgânicas banais são frutos das relações psicossomáticas inerentes ao ser humano. Significa dizer que, ao aceitarmos essa premissa da psicogênese, estamos admitindo, ao menos, três teorias sobre a relação entre corpo e mente: 1) a teoria da ação recíproca; 2) a teoria da identidade; e 3) a teoria do paralelismo “psicofísico”.

Nesse sentido, podemos dizer com Frankl (2019, p. 120) que “fica de uma vez estabelecido que o somático e o psíquico não se podem reduzir um ao outro, nem podem derivar-se um do outro. O somático e o psíquico são, portanto, dados irreduzí-

veis ou indeduzíveis”. Essas teorias esbarram, segundo ele, naquilo que Hartmann chamou de camadas do ser. É bem simples explicar como essa alternância de aspectos somáticos e psíquicos no homem encontra espaço, visto que, quando um indivíduo qualquer, possuído pela cólera, fica rubro, ambos os aspectos se manifestam efetivamente, dando ênfase ao paralelismo psicofísico.

Contudo, a proposta de Frankl (2019, p. 112), no que concerne ao modo como o homem enfrenta esses condicionantes, é justamente o afastamento desse paralelismo em favor de um antagonismo noopsíquico, isto é, espiritual. Frankl afirma que toda tentativa de reduzir o homem ao psicossomático configura uma forma de niilismo:

Que o biologismo declare ser capaz de explicar tudo à luz da biologia, que o sociologismo pretenda o mesmo em nome da sociologia, e o psicologismo explicar tudo sob a luz da psicologia, ou enfim, o antropologismo fundamentar tudo com base na imanência humana, sempre estaremos às voltas com a redução à fórmula “nada mais que”.

De direito, todavia, os fatores vital, social, psíquico e humano não deveriam ser endeusados dessa forma, nem deveria cada uma dessas ciências ambicionar ter a sua própria “visão de mundo”.

Contra isso ergue-se a verdadeira metafísica ou, como já dissemos anteriormente, contra um saber que não conhece seus limites, e por conseguinte os ultrapassa, é oportuna a existência de uma metafísica defensiva (Frankl, 2019, p. 126-127).

Percebamos o retorno a algo que já fora mencionado anteriormente, embora não com tanta veemência, que é a questão

do espírito, ou melhor, da crítica à ideia daquilo que se costuma chamar de espírito. Frankl irá nos propor, em seus escritos denominados *O Problema do Espírito*, segunda parte do texto para o qual estamos voltando nossos olhares, uma crítica a três modos de ver o mundo. São eles: o niilismo (no qual entende haver um reducionismo); o idealismo, acusando-o de uma duplicação do mundo (real-ilusório); e o materialismo, lançando a ideia postulada por este último, em outras palavras, a característica de um “eu inautêntico”.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a elaboração deste trabalho, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica de caráter descritivo, com a finalidade de analisar a antropologia filosófica de Viktor Emil Frankl, direcionando-a às categorias de ausência de sentido (frustração e vazio existenciais) e à busca do homem pelo sentido de sua existência. O estudo parte, primeiramente, de uma revisão bibliográfica das obras do autor, sendo composto também pela análise de pesquisadores e intérpretes relevantes da área. Quatro obras de sua vasta produção nos nortearão nesta investigação, a saber: 1) *O homem que sofre* – traduzido recentemente pelo título de *O sofrimento Humano – fundamentos antropológicos da Psicoterapia*, para responder a questão da *perda do sentido de existir*; 2) *Psicoterapia e sentido da vida*, que vai de encontro com a nossa segunda indagação, sobre os *fenômenos que desencadeiam no ser humano o sentimento de ausência de sentido de vida*; 3) *Vontade de Sentido – Fundamentos e aplicações da Logoterapia*, na qual o autor nos propõe a base de sua

análise existencial e o conceito de dimensão noética do ser humano, respondendo às perguntas sobre *a estrutura do ser humano que permite que ele busque um sentido para sua existência e em que nível isso pode ser conquistado*, analisando as vias de acesso que o homem possui para encontrar o sentido de existir.

Por fim, com o apoio da obra *A falta de sentido – um desafio para a Psicoterapia e a Filosofia*, propõe-se discutir o papel da filosofia na investigação do sentido da existência humana, reforçando a dimensão fenomenológica de nossa pesquisa, com a finalidade de apresentar, de forma consistente, os fundamentos filosóficos da antropologia frankliana, especialmente no que se refere à ausência de sentido existencial e à busca de sentido na vida humana.

Significa dizer que a vida humana é, em suma, atravessada pelo sofrimento, mas pode ser dotada de sentido. Nossa pesquisa torna-se de fundamental importância por apresentar Viktor Frankl como um filósofo de grande repercussão nas discussões acerca da filosofia como instrumento para a busca de sentido na vida. Sua contribuição estende-se também à Psicologia, ao desenvolver uma nova abordagem terapêutica, a LAE; à Antropologia, ao conceber o ser humano em sua dimensão biopsicossocioespiritual; e à Educação, ao oferecer um amplo conjunto de possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem. Trata-se, portanto, de um autor cuja relevância ainda é pouco explorada entre os discentes do programa, especialmente no que se refere à sua condição de filósofo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra filosófica de Viktor Emil Frankl constitui uma tentativa de responder a tais questões e criticar, de modo singular e objetivo, por meio de argumentos também científicos, a sociedade reducionista, que atravessa o século XIX e se desenvolve no século XX, caracterizando uma frustração existencial no homem contemporâneo.

O olhar de sua filosofia sobre os diversos processos pelos quais se desenvolve a sociedade em seu movimento histórico-cultural é arguto e perspicaz, tornando-o um dos críticos mais importantes do niilismo pressuposto em determinadas filosofias existencialistas de sua época, especialmente no que se refere às concepções de homem, pessoa, sentido, valor, mundo e existência.

Sua visão de mundo e de ser humano, bem como sua intuição sobre os valores que o homem deve realizar para encontrar os sentidos que a vida lhe apresenta dia após dia, hora após hora, pode nos auxiliar na proposição de questões fundamentais para o debate sobre o papel da ciência, da religião, da filosofia, da psicologia, da educação e da cultura na vida humana.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A. de. A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: articulações entre logoterapia e religião. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Logoterapia).

AQUINO, T. A. A. de. Espiritualidade e arte: o homem em busca de sentido. *Interações*, v. 16, n. 1, 2021.

AQUINO, T. A. A. de. Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANKL, V. E. A falta de sentido: um desafio para a psicoterapia e a filosofia. Tradução de Bruno Alexander. 1. ed. Campinas: Auster, 2023.

FRANKL, V. E. A presença ignorada de Deus. 10. ed. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sínodal; Petrópolis: Vozes, 1985.

FRANKL, V. E. A psicoterapia na prática. Campinas: Papirus, 1991.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: edição para jovens leitores. Tradução de Bruno Alexander. 2. ed. Campinas: Auster, 2023.

FRANKL, V. E. O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia. São Paulo: É Realizações, 2019.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados de logoterapia. Tradução de I. S. Pereira. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo, 1973.

FRANKL, V. E. Psicoterapia para todos. Petrópolis: Vozes, 1990.

FRANKL, V. E. Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo. 11. ed. Aparecida: Santuário, 2005.

HAN, B.-C. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis: Vozes, 2015.

PEREIRA, I. S. A ética do sentido da vida: fundamentos filosóficos da logoterapia. São Paulo: Ideias & Letras, 2013.

PEREIRA, I. S. Tratado de logoterapia e análise existencial: filosofia e sentido da obra e da vida de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo: Sinodal, 2021.

XAUSA, I. A psicologia do sentido da vida. Petrópolis: Vozes, 1986.

SENTIDO DE VIDA E TRABALHO DOCENTE: O QUE DIZEM PROFESSORES DE MÚSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA PARAÍBA?

Rodrigo Lisboa da Silva¹

Maura Lucia Fernandes Penna²

A educação básica brasileira, obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos, é constituída pela educação infantil, pelo ensino fundamental e pelo ensino médio (Lei 9.394/1996), etapas que correspondem às primeiras experiências de cidadãos brasileiros com a educação escolar formal. Por atender à maior parte da população, muitos egressos dos cursos de licenciatura em música acabam encontrando, na educação básica pública, a possibilidade de

¹ Doutorando em Música pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Música pela UFPB. Licenciado e bacharelado em Música pela UFPB. Email: rodrigoltrombonista@gmail.com

² Professora Associada do Departamento de Educação Musical da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciatura e bacharelado em Música pela UnB. Email: maurapenna@gmail.com

inserção no mercado de trabalho. Contudo, em conversas informais, é possível perceber que muitos colegas professores da área consideram a docência na educação básica como um trabalho penoso, mas que garante certa estabilidade financeira. Nesse cenário, muitos revelam preferência por uma atuação profissional nas áreas de performance musical, atuando como músicos solistas ou professores especialistas em seus instrumentos.

Partindo dessas questões, neste capítulo apresentamos discussões iniciais de uma pesquisa de doutorado realizada na Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Música, a qual destaca o seguinte problema de pesquisa: como professores de música da rede pública de educação básica da Paraíba percebem e significam seus percursos e atuações docentes? Essa questão de pesquisa está desdobrada nos seguintes objetivos específicos: analisar aspectos relevantes do percurso e da atuação docente de professores de música; compreender a possível atribuição (ou falta) de sentido ao trabalho docente na educação básica; investigar as relações entre educação musical e Logoterapia e Análise Existencial (LAE).

Assim, este capítulo está estruturado da seguinte forma: primeiro, apresentamos os conceitos básicos da LAE que fundamentarão a análise, bem como seu diálogo com a educação musical. Em seguida, detalhamos a metodologia que norteia a pesquisa. Posteriormente, apresentamos os resultados e as discussões dos dados e, por fim, tecemos nossas considerações finais.

A LOGOTERAPIA E A BUSCA DE SENTIDO

A Logoterapia e Análise Existencial (LAE), ou Teoria do Sentido de Vida, foi criada pelo médico neurologista e psiquiatra Viktor Emil Frankl (1905-1997), professor da Universidade de Viena e prisioneiro em campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (Frankl, 2022b, p. 137-138; Penna *et al.*, 2018, p. 7). Nesse cenário, Viktor Frankl presenciou situações de sofrimento e desistência da vida em que procurava confortar seus companheiros, muitas vezes não para encontrar sentido na vida, mas na própria morte. Assim, afirmava que, se o sofrimento não tem significado, não vale a pena sobreviver; contudo, se sofrer tem sentido, a vida também tem sentido (Aquino, 2013, p. 26). Sobrevivente do Holocausto, continuou a realizar sentido na vida, escrevendo sobre sua experiência no Holocausto e reescrevendo a obra que lhe foi roubada nos campos de concentração.

A LAE é sustentada por três princípios básicos: *liberdade de vontade*, *vontade de sentido* e *sentido da vida* (Aquino, 2013, p. 47; Frankl, 2013, p. 26; 2003, p. 174). *A liberdade de vontade* relaciona-se à consciência de responsabilidade e à capacidade de tomada de decisão do ser humano. Para Frankl (2013), o ser humano não é um autômato, mas responde às questões que a vida lhe apresenta, podendo fazer escolhas diante das múltiplas possibilidades. Assim, o indivíduo não é totalmente determinado, mas, sim, responsável pela construção de seu futuro (Aquino, 2013, pp. 48-51; Frankl, 2003, p. 17; Miguez, 2014, p. 32-39).

Por outro lado, a *vontade de sentido* é uma dimensão exclusiva do ser humano, o único que busca significado para a sua vida.

Para a LAE, a vontade de sentido relaciona-se ao princípio da *autotranscendência*, ou seja, quando o indivíduo aponta para além de si mesmo em busca de descobrir um sentido na vida para, depois, realizá-lo (Aquino, 2013, pp. 52-58; Frankl, 2022a, p. 135; Miguez, 2014, p. 43).

Já o *sentido da vida*, terceiro pilar da LAE, não é o mesmo para todos os indivíduos. Difere de pessoa para pessoa, uma vez que as questões impostas pela vida, bem como as escolhas e respostas que apresentamos, são distintas para cada indivíduo. Além disso, o sentido na vida pode mudar de acordo com o momento, sendo que o indivíduo precisa estar preparado para assumi-lo e se posicionar perante tais mudanças (Frankl, 2022a, p. 133; Frankl, 2022b, p. 38).

Para a LAE, o ser humano pode encontrar significado existencial em três categorias de valores: 1) *valores criativos*: atuando no trabalho ou em práticas artísticas, por exemplo; 2) *valores vivenciais*: nas relações com a natureza, a cultura e o amor; 3) *valores atitudinais*: nas decisões tomadas frente ao sofrimento inevitável (Frankl, 2022a, p. 136; Frankl, 2022b, p. 42-43, 2003, p. 29-30). Dessa maneira, cada pessoa busca um projeto ao qual se dedicar e ter a oportunidade de realizá-lo, sendo que o sentido na vida é encontrado de maneira responsável e consciente. Nessa direção, "as respostas que temos que dar para as questões concretas da vida não podem consistir em palavras, mas apenas em um agir" (Frankl, 2022b, p. 95)).

Apesar de Frankl (2022a, p. 126) valorizar a potencialidade do ser humano para encontrar sentido na vida, o autor tam-

bém reconhece que a vontade de sentido e a busca por significados na vida podem ser frustradas. Essa falta de sentido é denominada vazio existencial e pode ser presenciada em situações de tédio e indiferença, podendo acarretar problemas como depressão, alcoolismo, uso de drogas e suicídio (Aquino, 2013, pp. 68-69; Frankl, 2022b, p. 33).

Desse modo, a LAE pode nos ajudar a compreender como os professores significam suas práticas na educação básica. Será que a atuação docente dos professores de música apresenta aspectos de um sentido na vida ou é assumida com indiferença, decorrente de um sentimento de vazio?

Neste aspecto, a área de educação musical se preocupa não apenas com questões relacionadas aos conteúdos e às metodologias de ensino musical, mas também com problematizações sobre a qualidade de vida, motivações, condições de trabalho e percursos profissionais docentes, dentre outros aspectos (Aquino, 2017, p. 14-15).

No entanto, nosso levantamento bibliográfico mostra que são poucas as pesquisas que promovem o debate interdisciplinar entre LAE e educação musical. Dentre os poucos estudos que encontramos, destacamos: Aquino (2017, p. 20), que conduziu uma pesquisa de doutorado de natureza qualitativa com o objetivo de "compreender como professores de instrumento de nível superior de universidades da região Nordeste do país estabelecem relações entre a prática artística e sua atuação pedagógica, como também as significações de cada uma delas"; Penna e colaboradores (2018, p. 5), que conduziram um estudo qualitativo com o ob-

jetivo de compreender as significações e relações subjetivas estabelecidas com a música por estudantes de cursos superiores da área; Penna e colaboradores (2019), que analisaram o depoimento de seis estudantes de graduação em música da UFPB (três da licenciatura e três do bacharelado), egressos do Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical do Instituto Federal da Paraíba (IFPB); por fim, nosso trabalho anterior, que discute as possibilidades de encontro de sentido na vida em aulas de música oferecidas pelas bandas escolares (Silva, 2024).

Nos limites deste capítulo, não pudemos detalhar cada estudo acima citado. Contudo, destacamos que um aspecto em comum dessas pesquisas foi o uso da LAE como referencial teórico para a análise de depoimentos e histórias de vida musical. Nesse quadro, os relatos dos diferentes perfis mostram que a escolha da música como profissão requer liberdade de vontade, consciência e responsabilidade perante a vida. Além disso, mesmo quando a música não é escolhida como profissão, a participação em grupos musicais pode favorecer experiências concretas e significativas, sendo esta uma oportunidade para o exercício da autotranscendência por meio da aprendizagem do instrumento musical e da dedicação à banda, como é o caso de ex-integrantes de bandas escolares que foram entrevistados em nossa pesquisa já concluída (Silva, 2024).

Contudo, não há registros de estudos que analisem as histórias de vida de professores de música da educação básica à luz da LAE. Partindo desta lacuna, conduzimos este estudo, cuja metodologia será detalhada a seguir.

PERCURSO METODOLÓGICO

Nossa pesquisa é conduzida a partir de uma perspectiva qualitativa e, portanto, busca descrever, interpretar e compreender diferentes significados e experiências de vida (Bresler, 2007). Os participantes da pesquisa serão seis professores de música que deverão atender aos seguintes critérios: ser licenciado em Música pela UFPB (habilitação em práticas interpretativas); atuar em escola pública (municipal ou estadual) da Paraíba; ser concursado/efetivo; ter pelo menos um ano letivo de carreira docente no componente curricular Arte/Música na educação básica (Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio). Esses professores participantes da pesquisa serão localizados por meio do contato com outros professores que estejam dispostos a ajudar, redes sociais e banco de dados da coordenação do curso de Licenciatura em Música da UFPB, bem como da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB) e de secretarias municipais de educação.

Como instrumentos de coleta de dados, utilizaremos entrevistas narrativas em duas etapas. Para Gibbs (2009, p. 81), as entrevistas narrativas permitem que os participantes sejam escutados, compartilhem suas experiências e percepções de mundo. A primeira etapa terá como base uma pergunta norteadora ampla que estimulará o participante a contar sua história de vida musical (cf. Flick, 2004, p. 110-115). Após a aplicação da primeira entrevista narrativa e sua transcrição, será conduzida uma segunda entrevista, também narrativa, porém com base em roteiro. Essa segunda etapa servirá como complemento de informação, reto-

mando e aprofundando algumas questões reveladas pelos participantes em seus depoimentos iniciais. Conforme Penna (2021, p. 5), esse segundo momento de interação permite o aprofundamento não apenas do relato, mas também das relações de confiança entre o entrevistador e o entrevistado. Cada participante terá roteiro específico, pois as perguntas serão elaboradas em função dos conteúdos revelados na primeira entrevista narrativa.

Os áudios das entrevistas serão gravados em aparelho celular e, em seguida, transcritos pessoalmente, sendo que os trechos de falas citados na pesquisa receberão tratamento gramatical e ortográfico. Todos os participantes assinarão duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando com os critérios e procedimentos para a participação no estudo. Ressalta-se que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa sob o número CAAE 79418924.7.0000.5188, recebendo parecer de aprovação em 4 de julho de 2024. O estudo é orientado pela professora Dra. Maura Penna e conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Por questões éticas, os entrevistados serão identificados como Professor 1, Professor 2, bem como os nomes de escolas e pessoas, dentre outras informações, serão anonimizados nas partes citadas, com vistas a garantir a preservação de suas identidades (Gibbs, 2009, p. 30-31).

Cabe destacar que nosso trabalho não tem pretensões terapêuticas, mas sim utilizar a LAE como lente teórica para analisar os depoimentos dos participantes da pesquisa. Assim, os rela-

tos coletados nas narrativas serão categorizados, comparados, entrecruzados e analisados à luz da LAE e com base em estudos da área de educação musical. No momento da escrita deste capítulo, a pesquisa de doutorado encontra-se na etapa de coleta das entrevistas narrativas. Desse modo, três professores de música da educação básica da Paraíba compartilharam suas histórias de vida e tiveram seus depoimentos transcritos. Suas narrativas revelaram seus percursos formativos em música, assim como os significados e sentidos pessoais atribuídos à docência na educação básica, como apresentamos a seguir.

NARRATIVAS E SENTIDOS DOCENTES

Nossa análise vem mostrando que os sentidos encontrados na profissão de professor são subjetivos e, portanto, variam de acordo com a história de vida narrada. Como exemplificação dessas questões, o Professor 1, de 31 anos de idade, docente em duas escolas municipais há aproximadamente quatro anos, destaca que a educação básica é uma atividade significativa em sua vida. Além disso, seu relato aponta a escolha responsável pela atuação profissional como professor de Arte (Música), diante de um desejo, no início de sua carreira, que era "ganhar dinheiro tocando".

Sou muito satisfeito com a educação básica, me sinto realizado. Apesar de não ter seguido aquele pensamento, aquela perspectiva que tive logo quando cheguei ao curso [de licenciatura em música]: "Ah, eu quero ganhar dinheiro para tocar". Hoje, eu levo a música mais como um hobby, né? Ganho dinheiro com música, mas é meio um extra. Não me sustento através da música. Eu me sustento

através da minha prática como professor de artes (Prof. 1, E1, 08 jan. 2025).

Embora reconheça a existência de diversos desafios na educação básica, como a desmotivação e a indisciplina dos alunos, a falta de estrutura adequada, a desvalorização da disciplina de Arte etc., o Professor 1 destaca que a possibilidade de contribuir para a formação de seus alunos é o que o move na profissão.

Existem várias dificuldades na educação básica? Existem! Mas eu me sinto bem, e eu acho que eu posso contribuir. Tentar mudar alguma coisinha, em 1% dos alunos, tentar contribuir para que eles optem por um caminho bom, uma profissão boa. Eu acho que eu posso contribuir (Prof. 1, E1, 08 jan. 2025).

Na mesma direção, a Professora 3, que tem 46 anos de idade, docente de uma escola municipal no interior da Paraíba há cerca de um ano, destaca que se sente bem em poder trabalhar com música no currículo da escola básica, enfatizando o desafio e a complexidade da atuação profissional nesse contexto.

Eu estou me sentindo maravilhosamente bem! Porque assim, eu tenho a oportunidade de lecionar música – porque música é arte, está dentro do currículo de Arte [...] Quando você entrar na sala [de aula], vai acontecer uma situação que você não viu no curso [de licenciatura]. Na minha opinião, só aprende na prática. E eu estou amando. Eu estou amando, apesar das adversidades, apesar dos desafios, né? (Profª. 3, E2, 11 fev. 2025).

Dessa maneira, os relatos dos Professores 1 e 3 apontam para o princípio da *autotranscendência*, ou seja, a dedicação a uma causa ou o amor a outra pessoa como forma de descoberta do

sentido na vida (Aquino, 2013, p. 52-58; Miguez, 2014, p. 43). Nesse quadro, tanto os "valores criativos" (encontrados nas relações com a profissão) quanto os "vivenciais" (verificados na dedicação dos professores aos estudantes) podem ser aspectos importantes na descoberta do significado da docência na escola básica. Além disso, Frankl (2022b, p. 43-68) enfatiza que o sentido na vida pode ser encontrado pela maneira com que nos posicionamos frente às dificuldades e aos desafios da vida.

Por outro lado, o Professor 2, que tem 35 anos de idade e é docente há aproximadamente quatro anos, enfatiza que sua relação com a educação básica é desgastante e que, se pudesse "voltar no tempo", escolheria outro caminho profissional.

Lá atrás, se tivesse assim... uma máquina do tempo [que] você voltasse: "olha, teu emprego principal vai ser... vai passar 15 anos dando aula na educação básica, [ensino] fundamental 2, tal... E não é professor de música não! [Você] vai passar para professor de arte!" [...] Eu não queria! (Prof. 2, E2, 16 jan. 2025).

Na segunda entrevista, esse mesmo professor enfatiza que o que dá sentido à vida é sua relação com o instrumento musical e a possibilidade de tocar em grupos, embora tais práticas sejam assumidas como hobby.

Já toquei em quarteto [...], grupo de câmara [...], dar aula de [instrumento]. Se me chamar para ir: "vamos dar aula ali numa banda?" Eu vou com o maior prazer do mundo. E eu quero viver isso aí, vivenciar isso aí até o dia que der. Eu não posso falar a mesma coisa de tipo dar aula [na escola básica].

[...] Se eu pudesse me aposentar hoje, eu me aposentava da sala de aula! Porque o [instrumento], como eu falei, hoje está naquele patamar do “hobby”, que você se empenha mais, gasta tanto dinheiro do bolso para participar de algo, como um festival (Prof. 2, E2, 16 jan. 2025).

Os depoimentos acima ilustram como uma mesma atividade pode ser significada de maneiras diferentes, a depender do indivíduo que a executa. Além disso, evidenciam que o ser humano pode experimentar a sua unicidade em atividades cotidianas não necessariamente profissionais e/ou remuneradas (Frankl, 2019, p. 211-212). Diante do tempo livre, o ser humano pode encontrar atividades significativas que tragam a sensação de plenitude (Crnkovic *et al.*, 2024, p. 10), que, no caso do Professor 2, decorre de sua relação com o instrumento musical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, as narrativas coletadas e aqui analisadas corroboram o pensamento de Frankl de que o “sentido na vida” não é o mesmo para todos e que, portanto, difere de pessoa para pessoa e de momento para momento (Frankl, 2022b, p. 38). Nessa perspectiva, o significado que os professores atribuem à educação básica varia de acordo com as histórias de vida e seus projetos pessoais.

Embora esteja em fase inicial de coleta e análise dos dados, esperamos que este estudo possa colaborar para a compreensão dos significados e das percepções de professores de música da educação básica curricular sobre a atuação docente, fortalecendo o diálogo interdisciplinar entre LAE e educação musical.

REFERÊNCIAS

AQUINO, S. K. M. C. Os sentidos da performance e da docência à luz da Logoteoria: um estudo com professores de instrumento em duas universidades do Nordeste. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11369/1/Arquivototal.pdf>.

AQUINO, T. A. A. Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRESLER, L. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. Revista da Abem, v. 16, p. 7–16, 2007. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/286/216>.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm.

CRNKOVIC, L. H.; BARROZO, G. C. S.; OLIVEIRA, J. B.; PEREIRA, K. B. Sentido do trabalho e insatisfação profissional: contribuições da logoterapia. Educafoco, v. 5, n. 2, p. 1–11, 2024. Disponível em: <https://educafoco.italo.br/index.php/educafoco/article/view/164/217>.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 57. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2022.

FRANKL, V. E. Sobre o sentido da vida. Petrópolis: Vozes, 2022.

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANKL, V. E. Psicoterapia y existencialismo: escritos selectos sobre logoterapia. Barcelona: Herder, 2003.

GIBBS, G. Análise de dados qualitativos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MIGUEZ, E. M. Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2014.

PENNA, M. Possibilidades heurísticas da entrevista narrativa para a pesquisa em educação musical. In: Anais... João Pessoa: ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/831/491>.

PENNA, M.; PINTO, A. L.; SANTOS, S. Relações com a música em diversos contextos de formação: significações e sentido de vida. Revista da Abem, v. 26, n. 40, p. 5–22, 2018. DOI: <https://doi.org/10.33054/ABEM2018a4001>.

PENNA, M.; SANTOS, S.; PINTO, A. L.; LISBOA, R.; SANTOS, A. “É isso o que eu quero para mim”: a descoberta da música como sentido de vida num curso técnico integrado. In: Anais... Campo Grande: ABEM, 2019. Disponível em: <https://abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/viewFile/16/207>.

SILVA, R. L. Bandas escolares e sentido de vida: narrativas e significações de ex-integrantes à luz da teoria de Viktor Frankl. Revista da Abem, v. 32, n. 1, p. 1–23, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33054/ABEM202432122>.

SABERES DOCENTES PARA UMA PEDAGOGIA DO SENTIDO DA VIDA

Vinícius Cerqueira Bastos dos Santos¹

David Moisés Barreto dos Santos²

A docência é um ofício atravessado por desafios que extrapolam os aspectos técnicos da profissão. Tornar-se professor implica constituir-se como um sujeito que se relaciona com o

¹ Graduado em Psicologia (UniRuy). Mestre pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Pós-graduação em Logoterapia e Análise Existencial pela UCSal. E-mail: vcbsantos@uefs.br

² Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Educação e do curso de Engenharia da Computação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Informática pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduado em Ciência da Computação pela Faculdade Ruy Barbosa. E-mail: david-mbs@uefs.br

mundo, com os outros e consigo mesmo. Essa compreensão existencial da docência foi o ponto de partida para esta pesquisa, desenvolvida no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e que agora se apresenta como capítulo de livro.

A investigação teve como objetivo compreender os saberes docentes mobilizados por professores que atuam a partir da Pedagogia do Sentido da Vida (PSV), uma proposta educativa inspirada na Logoterapia e Análise Existencial (LAE) de Viktor Frankl. Busca-se contribuir para a consolidação de uma identidade docente que valoriza o sentido da existência humana como princípio orientador do processo educativo.

Este capítulo está organizado em seis partes: além desta introdução, apresentam-se o referencial teórico, a metodologia empregada, os principais resultados, a discussão e, por fim, as conclusões da pesquisa.

O processo de tornar-se professor abrange não apenas os conteúdos formais, como cursos, formações ou graduações — embora o autor também não seja oriundo da formação clássica em licenciatura ou Pedagogia —, mas também as práticas reflexivas e a aprendizagem a partir da experiência. Considera-se, assim, que a atuação profissional do professor está inserida em um conjunto de saberes e práticas que vão sendo construídos antes, durante e após a sua formação.

Cabe ressaltar que a formação pode ser entendida como formal ou informal. A formação formal refere-se à graduação e à trajetória acadêmica. Já a formação informal diz respeito a todo

o processo de estudo contínuo e, por vezes, autodidata, sem necessariamente estar ligado ao contexto acadêmico. Inclui também o professor reflexivo, aquele que aprende e se desenvolve a partir das suas experiências nas práticas da sala de aula e nos demais ambientes e relações próprios do contexto educacional. Ambos os modelos de formação — formal e informal — caracterizam uma necessidade para que o indivíduo venha a ser docente, pois não se nasce professor. É preciso aprender a ser professor.

De acordo com Carlos García (2007), a formação de professores não pode ser compreendida apenas do ponto de vista técnico, pois há implicações de amadurecimento e desenvolvimento pessoais que fazem parte do conjunto de experiências e conhecimentos inerentes à formação docente. Para citar um exemplo de aprendizagem informal, o referido autor descreve a aprendizagem por observação, que abrange o processo no qual o professor apreende experiências profissionais do tornar-se professor antes mesmo de começar seu itinerário teórico-técnico de formação profissional, por meio das suas experiências de vida (García, C., 2007).

A formação do professor tem por objetivo, segundo o autor, "criar uma aprendizagem coerente e um sistema de desenvolvimento para os professores" (García, C., 2007, p. 70-71). Ainda de acordo com o autor, o ideal seria que, em vez de a formação ser mais longa durante os anos iniciais, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento fossem distribuídos ao longo da carreira docente. Com isso, seria possível possibilitar que o professor pudesse revisar suas práticas e refletir sobre o processo de aprender a ensinar ao longo do tempo (García, C., 2009, p. 70-71).

REFERENCIAL TEÓRICO

A Pedagogia do Sentido da Vida tem como base a LAE, terceira escola vienense de psicoterapia, criada por Viktor Frankl. Para Frankl (2003), a principal motivação humana é a vontade de sentido, isto é, a busca por um significado único e pessoal para a própria vida. Essa abordagem concebe o ser humano de forma tridimensional: biológica, psicológica e espiritual (ou noética), sendo esta última a dimensão que confere ao ser humano sua especificidade: a capacidade de transcender, escolher e responder com liberdade e responsabilidade diante das circunstâncias.

Frankl (2016a) propõe que a educação não deve limitar-se à transmissão de saberes, mas deve propiciar ao educando condições para que ele descubra e realize valores, afinando sua consciência e fortalecendo sua capacidade de autotranscendência. Nessa perspectiva, autores como Freitas (2017), Bruzzone (2018) e García (2009) desenvolveram contribuições que adaptam os pressupostos da LAE ao campo educacional.

Freitas (2017) define a PSV como uma proposta que convoca o educando à realização de sentido por meio da superação de desafios, do exercício da liberdade responsável e da vivência de valores. Bruzzone (2018), por sua vez, utiliza o termo "educação orientada para o sentido", enquanto García (2009) propõe três facetas para a educação logoterapêutica: pedagogia da consciência, do sentido e dos valores. Esses referenciais sustentam a construção de uma formação docente pautada na relação existencial com o outro, no compromisso com a dignidade humana e na promoção de uma vida com sentido.

A literatura sobre formação docente (Tardif, 2002; Mizukami *et al.*, 2021) reconhece a centralidade dos saberes experienciais e contextuais na constituição da identidade profissional do professor. Os saberes docentes são construídos no entrelaçamento entre teoria, prática e experiência e não se reduzem às competências técnicas. O uso de casos de ensino como instrumento formativo é uma das estratégias que permite essa articulação reflexiva.

METODOLOGIA

O modo como esta pesquisa foi delineada buscou investigar quais seriam os saberes de docentes que atuam a partir da Pedagogia do Sentido da Vida. A partir desse objetivo geral, foram postulados dois objetivos específicos: a) identificar saberes docentes próprios de uma Pedagogia do Sentido da Vida; b) identificar práticas docentes próprias de uma Pedagogia do Sentido da Vida. Diante dos objetivos expostos, evidencia-se que o presente trabalho é um esforço para compreender o que caracteriza a identidade profissional dos professores que fundamentam seus trabalhos na Pedagogia do Sentido da Vida, no contexto da educação formal.

O trabalho possui caráter qualitativo e utilizou como procedimento metodológico a análise documental de produções textuais elaboradas por professores participantes do Curso de Extensão em Pedagogia do Sentido da Vida (CEPSV), ofertado pela UEFS. A turma analisada foi composta por dez docentes atuantes da Educação Infantil ao Ensino Superior, todos com experiência

e atuação em PSV.

O CEPSV utiliza casos de ensino e o método de casos para promover a aprendizagem docente. De modo remoto, o curso teve duração de oito semanas e se organizou em dois módulos: o primeiro, com a análise de dois casos de ensino fictícios (caso da professora Adélia e caso da professora Hannah), e o segundo, com a elaboração de casos de ensino vivenciados pelos participantes. Esses dados constituíram o corpus da pesquisa, que foi analisado à luz da Análise Temática de Braun e Clarke (2006). No primeiro módulo, os participantes discutem o que fariam no lugar de Adélia e Hannah ou como aconselhariam as professoras a partir de algumas perguntas constantes de um questionário do próprio Curso de Extensão. No segundo módulo, os professores foram convidados a escrever seus próprios casos de ensino — um para cada professor — com base em experiências reais ou mesmo descrevendo um fato que vivenciaram.

Quadro 1 – Módulos do CEPSV

	Módulo 1 (10h)	Módulo 2 (20h)
Aulas Assíncronas (12h)	Introdução às implicações pedagógicas da Logoterapia e Análise Existencial	Introdução aos casos de ensino
	O papel do professor numa Pedagogia do Sentido da Vida	
	Estratégias Pedagógicas	
Aulas Síncronas (18h)	Tarefa: analisar dois casos de ensinoss	Tarefa: elaborar um caso de ensinoss

Fonte: Adaptado de Santos e Paz (2021).

A análise ocorreu em três fases: 1) leitura flutuante e geração de códigos; 2) revisão e reagrupamento dos códigos em temas; 3) descrição e interpretação dos saberes docentes emergentes. O software *NVivo* auxiliou no agrupamento temático e visualização dos dados.

Quadro 2 – Quadro Metodológico

Objetivo	Categoria analítica	Indicadores	Documento para coleta dos dados	Método de análise dos dados
Identificar saberes próprios dos professores	Saberes Docentes	Educar para autotranscendência; Educar para a responsabilidade; Educar para o sentido da vida; Aguçar a consciência.	Respostas aos casos de ensinados. Casos de ensino escritos pelos próprios participantes	Análise Temática
Identificar práticas próprias dos professores	Práticas Pedagógicas	Diálogo socrático; Relacionar o conteúdo curricular com o mundo do estudante; Favorecer um ambiente de escuta, diálogo e encontro existencial.	Respostas aos casos de ensinados. Casos de ensino escritos pelos próprios participantes	Análise Temática

Fonte: Santos (2023).

RESULTADOS

A análise dos casos de ensino permitiu identificar oito sa-

beres docentes articulados à Pedagogia do Sentido da Vida: 1) Enxergar a pessoa integral: o professor reconhece o estudante em suas dimensões biológica, psicológica e espiritual; 2) Aguçar a consciência: promover o discernimento de valores, o senso crítico e a responsabilidade; 3) Ensinar a escolher: favorecer o exercício da liberdade responsável nas decisões diárias; 4) Dialogar: construir relações pedagógicas baseadas no encontro e na escuta autêntica; 5) Relacionar conteúdo e mundo de vida: contextualizar o saber escolar com a realidade dos estudantes; 6) Ser resiliente: lidar com adversidades, mantendo o foco formativo e o cuidado com os alunos; 7) Desenvolver-se pessoal e profissionalmente: assumir a formação como dimensão existencial da docência; e 8) Encontrar sentido na docência: compreender o magistério como vocação e missão.

Esses saberes não são compartimentos estanques, mas se entrelaçam dinamicamente no agir docente. Embora não fosse o objetivo principal do trabalho, algumas práticas foram mencionadas como aplicações dos saberes em sala de aula, como, por exemplo, o uso de cordéis, histórias de vida, debates, jogos, dinâmicas reflexivas e fantoches.

DISCUSSÃO

A questão dos saberes próprios que constituem a profissão e o ser docente torna-se relevante se tivermos por princípio a afirmação de que apenas a formação em um curso de ensino superior, como as licenciaturas ou a Pedagogia, não é suficiente para

construir um conjunto de noções, habilidades e experiências necessárias ao professor.

As graduações são habilitações formais e pré-requisitos para que se atue como professor. Esses cursos de nível superior oferecem também o suporte para introduzir os conteúdos, as didáticas e as práticas basilares para o futuro docente. Se a formação em graduação, seja em licenciatura ou em Pedagogia, não é suficiente para qualificar um profissional como professor, o que o torna um? Quais seriam essas noções, aptidões e experiências fundamentais que norteariam a profissão docente?

A emergência desses saberes confirma a existência de uma identidade docente em construção no contexto da PSV. Essa identidade é marcada pela preocupação com o sentido da existência e pelo compromisso com o desenvolvimento integral do aluno. O saber "enxergar a pessoa integral" aparece como fundamento antropológico dos demais.

Ao propor uma formação voltada ao sentido, a PSV não apenas busca formar professores mais preparados tecnicamente, mas profissionais mais conscientes de si, do outro e de sua missão no mundo. Trata-se de uma proposta que resgata a dimensão humanista e existencial da educação. A PSV exige do professor uma postura reflexiva e dialógica, além de uma disposição contínua para a formação pessoal e profissional. Nesse sentido, os saberes identificados contribuem para o fortalecimento da identidade docente e para a reinvenção do cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saberes docentes compõem uma arquitetura de conhecimentos que une pressupostos teóricos da Análise Existencial frankliana e possibilita os desdobramentos de uma Pedagogia orientada para a descoberta de sentidos na vida. Essa teia de conhecimentos permite aos professores fundamentar suas atuações profissionais para além de uma prática conteudista e de mera transmissão de informações, despertando no aluno a capacidade de refletir sobre questões da sua própria vida.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o trabalho realizado manteve coerência com o objetivo proposto de compreender quais são os conhecimentos necessários aos docentes que utilizam a Pedagogia do Sentido da Vida (PSV). Além disso, este estudo também aponta caminhos para uma identidade docente daqueles professores que consideram a busca por sentido na vida como um dos princípios norteadores da educação.

Em síntese, os oito saberes docentes identificados sempre partem de uma visão que remete à tridimensionalidade da pessoa humana. A partir dessa compreensão sobre quem é a pessoa do estudante, ficou claro também que o objetivo de uma proposta educacional fundamentada na Análise Existencial é, nos diversos contextos mencionados, orientar o estudante para além dos conteúdos curriculares tradicionais - que também são importantes - , trazendo para a sala de aula temáticas existenciais com a finalidade de despertar o interesse pelo ato de refletir, pensando nas melhores atitudes e respostas a serem dadas diante de cada contexto.

Em resumo, o modo de educar próprio de um professor

fundamentado na PSV está orientado a aguçar a consciência para a busca por sentido e para a realização de sentido na vida. Dessa forma, uma das contribuições que se podem evidenciar é a relevância da Análise Existencial frankliana para a educação, desdobrando-se na possibilidade de promover uma prática pedagógica orientada para o sentido, na qual ensinar significa também favorecer o despertar da consciência e da responsabilidade diante da própria existência.

Por fim, pode-se ainda afirmar que os docentes que pretendam educar a partir de uma Pedagogia do Sentido da Vida, assim como os da amostra deste trabalho, devem implicar-se em cultivar, no ambiente educativo, uma pedagogia do diálogo e do uso da liberdade com responsabilidade, na qual o estudante é convocado a posicionar-se existencialmente diante da vida e de suas circunstâncias.

REFERÊNCIAS

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

BRUZZONE, D. *Educazione orientata al senso: Fondamenti teorici e proposte didattiche*. Roma: LAS Editrice, 2018.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FRANKL, V. E. *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Petrópolis: Vozes, 2016.

FREITAS, M. *Pedagogia do sentido: a logoterapia aplicada à educação formal*. Curitiba: Appris, 2017.

GARCÍA, L. A. Logoeeducación: fundamentos para una pedagogía del sentido. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2009.

MIZUKAMI, M. G. N. *et al.* Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

SANTOS, V. C. B. dos. Saberes docentes para uma pedagogia do sentido da vida. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LITERATURA INFANTIL E LOGOTERAPIA: FLICTS COMO EXPERIÊNCIA DE SENTIDO NA EDUCAÇÃO

Paula da Nóbrega Santiago¹

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão²

A educação constitui um dos principais espaços de construção subjetiva, sendo um campo fértil para o desenvolvimento de valores e para a elaboração do sentido da existência. No entanto, não raramente, esse mesmo espaço, que deveria humanizar, também exclui, silencia e produz sofrimento existencial. Como afirma Freire (2001, p. 40), "Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tornamos parte".

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Email: paulanobrega849@gmail.com

² Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: elaine.custodio@professor.ufcg.edu.br

Nesse processo, a escola pode ser compreendida como lugar de humanização ou, em muitos casos, de sua negação.

A narrativa de *Flicts* apresenta a trajetória de uma cor que não se encaixava em nenhum lugar, ao contrário das demais, presentes no arco-íris, nos objetos e nas bandeiras dos países. Sua história é marcada pela busca de um espaço que acolhesse sua singularidade e lhe permitisse existir sem julgamentos, atravessando obstáculos que, paradoxalmente, conduzem ao encontro do sentido de sua vida. Ao final, *Flicts* descobre seu lugar especial na Lua, também de cor Flicts, símbolo da grandiosidade de sua singularidade. A escolha da obra *Flicts* justifica-se por sua capacidade de representar, de forma simbólica e acessível, experiências universais de não pertencimento e busca por reconhecimento.

Neste contexto, a obra infantil de Ziraldo serve como ponto de partida para uma leitura logoterapêutica da experiência de não pertencimento e da realização de sentido. A trajetória da "cor diferente" torna-se uma metáfora potente das angústias existenciais vividas no ambiente escolar, sobretudo por indivíduos em formação. Assim, a literatura, em especial a literatura infantil, revela-se como meio privilegiado de acesso à totalidade da experiência humana, ao permitir a mediação simbólica de conflitos internos (Bardini; Aguiar, 1993).

A análise do sentido da vida emerge com a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, a Logoterapia e Análise Existencial (LAE), como um aporte teórico voltado às questões fundamentais da existência humana e de seus valores. De acordo com Frankl (2008, p. 75), "a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da

sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada". Dessa forma, Frankl revela, em sua teoria, precisamente o tipo de processo existencial que *Flicts* vivencia ao tentar se encontrar ao longo da narrativa. Sua trajetória de busca por pertencimento envolve o movimento da autotranscendência, quando o personagem adota uma postura ativa diante da própria realidade, atitude que lhe possibilita o encontro com o sentido de sua existência.

No contexto da educação contemporânea, essa problemática permanece atual, sobretudo diante das questões emocionais enfrentadas por adolescentes no ambiente escolar. Segundo Tavares e colaboradores (2022), "É uma transição da vida em que o indivíduo adquire muitas responsabilidades e vulnerabilidades, tendo em vista que está exposto a diversas situações que implicam na saúde mental" (p. 2). Dessa forma, muitos alunos vivenciam um sentimento de vazio existencial semelhante ao de *Flicts*, à medida que buscam encontrar-se em meio a inúmeros conflitos internos relacionados à vida escolar, o que frequentemente resulta na sensação de não pertencimento às instituições educacionais.

Ao abordar a dimensão existencial da educação por meio da obra *Flicts*, este trabalho pretende articular os fundamentos da LAE ao contexto escolar contemporâneo, com especial atenção às vivências de exclusão, vazio existencial e autotranscendência.

Ademais, este trabalho tem como objetivo geral analisar como a obra *Flicts* pode ser interpretada no contexto educacional a partir dos conceitos fundamentais da LAE. Para isso, pretende-

se, especificamente, refletir sobre a narrativa da obra como instrumento vivencial de valores sob a perspectiva da realização de sentido, bem como discutir a literatura infantil como recurso na educação existencial.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica narrativa, com caráter descritivo, voltada à análise da obra *Flicts* em articulação com os fundamentos da LAE e com reflexões sobre o campo educacional. Conforme Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 103), "A pesquisa bibliográfica é uma das melhores formas de iniciar um estudo, buscando-se semelhanças e diferenças entre os artigos levantados nos documentos de referência". O estudo baseou-se na revisão de publicações presentes em bases como PKP, SciELO, Google Scholar, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, *Revista Schème* e *Revista Acervo Saúde*.

Foram incluídas obras de autores fundamentais como Viktor Frankl, Paulo Freire, Immanuel Kant e o próprio Ziraldo. A seleção priorizou textos que abordam diretamente os conceitos de "vontade de sentido", "autotranscendência", "sofrimento existencial" e "pertencimento". Utilizaram-se os descritores: busca de sentido, educação, literatura infantil, Logoterapia e pertencimento. A análise não se restringe a uma leitura descritiva da obra, mas busca uma interpretação compreensiva, à luz da abordagem fenomenológico-existencial, privilegiando os sentidos emergentes da narrativa.

RESULTADOS

A análise de *Flicts* revela sua potência como instrumento pedagógico para o trabalho com temas existenciais, como identidade, pertencimento e sentido da vida. Ao longo da história, o personagem principal é rejeitado por não apresentar características em comum com as demais cores, o que pode remeter à experiência de não pertencimento vivida por muitas pessoas no ambiente escolar contemporâneo, revelando a falta de sentido na vida.

Mas não existe no mundo nada que seja *Flicts* - nem a sua solidão - *Flicts* nunca teve par nunca teve um lugarzinho num espaço bicolor (e tricolor muito menos - pois três sempre foi demais) Não Não existe no mundo nada que seja *Flicts* (Ziraldó, 2019, p. 5).

Esse não pertencimento remete ao vazio existencial descrito por Frankl e evidencia que a experiência de exclusão não é apenas social, mas especificamente existencial, sendo vivenciada por adolescentes que não se sentem reconhecidos ou acolhidos. Conforme Freire (1996, p. 16), "se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando". A educação, portanto, deve ir além do tecnicismo, promovendo a integralidade do ser. Desse modo, a educação deve estar direcionada para além do desenvolvimento cognitivo, revelando a importância do conhecimento fenomenológico-existencial nesse cenário.

Ao final da história, o personagem *Flicts* finalmente encontra seu lugar, fora dos padrões, e é nesse momento que

emerge o sentido de sua vida, não a partir da adaptação ao mundo, mas da superação da rejeição e da descoberta do próprio valor. Frankl (2015, p. 2) sintetiza esse fato ao afirmar que "o homem é, em virtude de sua autotranscendência, um ser em busca de sentido. No fundo, é dominado por uma vontade de sentido".

DISCUSSÃO

A leitura logoterapêutica da obra evidencia como a literatura infantil pode expressar, de maneira simbólica, os conflitos existenciais da adolescência. A crise identitária, a insegurança, a sensação de inadequação e o sofrimento psíquico aparecem como fenômenos marcantes no cotidiano escolar (Dallo; Paludo, 2012). Diante disso, cabe questionar: estaria a escola contemporânea formando sujeitos capazes de encontrar sentido ou apenas pessoas aptas a responder a exigências externas?

Além disso, a ausência de estímulo à reflexão existencial e à autonomia tende a gerar indivíduos capturados por exigências de desempenho e por uma lógica de competição desumanizante. Nesse contexto, a LAE propõe um caminho alternativo, visando "investir no aprimoramento da consciência para que seja possível perceber mais possibilidades em um espectro de realidade e, então, escolher aquilo que apresente mais sentido" (Santos, 2019, p. 232).

Dessa forma, é essencial o resgate da educação como agente transformador no processo de encontro do ser humano com o sentido da vida. A história vivida pelo personagem Flicts representa, muitas vezes, a realidade vivenciada por alunos que

não possuem o sentimento de pertencimento no ambiente escolar. Apenas quando ocorre o reconhecimento de sua totalidade, ele torna-se capaz de desenvolver sua integralidade. Levando em consideração o pensamento do filósofo Kant (1996), "O homem não pode tornar-se homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz" (p. 15). Dessa forma, em consonância com o pensamento do filósofo Kant (1996), o ambiente escolar deve proporcionar experiências que auxiliem o aluno a compreender sua identidade e seus valores, rompendo com essa perspectiva de espaço apenas metodológico.

Flicts simboliza o "otimismo trágico" de Frankl: mesmo diante da dor, é possível encontrar um novo propósito. O sofrimento não é fim, mas condição para a descoberta de si e do mundo. Assim, levando em consideração esse fato, o sofrimento vivenciado pelo personagem não é compreendido como o fim da jornada, pois é a partir desse momento que ele consegue mudar sua atitude diante da situação, encontrando o sentido de sua existência. Dessa forma, a escola pode e deve ser um espaço de acolhimento simbólico e existencial, onde a singularidade do aluno seja reconhecida, valorizada e orientada à autotranscendência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *Flicts* sob a perspectiva da LAE não é apenas um exercício acadêmico; é um convite à ação. Ao unir literatura, filosofia e psicologia, a obra escancara que a educação não pode se limitar a transmitir conteúdos: ela deve ser espaço de encontro, de sentido e de pertencimento.

Em tempos de angústia e desumanização escolar, é urgente promover práticas pedagógicas que considerem o aluno como ser integral, em sua dimensão biológica, psíquica e noológica. A literatura infantil, ao possibilitar a mediação simbólica de experiências fundamentais, pode funcionar como catalisadora da realização de sentido, despertando nos educandos a vontade de ser, de pertencer e de se tornar, criando condições para que cada um encontre o seu "*lugar Flicts*" no mundo. Sendo assim, mais do que encontrar um lugar no mundo, trata-se de reconhecer que o sentido não está em se adaptar ao que já existe, mas em responder, de forma única, às exigências da própria existência. É nesse movimento que cada pessoa pode, como Flicts, descobrir que sua diferença não é ausência, mas possibilidade.

Diante do exposto, evidencia-se a relevância de ampliar pesquisas e ações voltadas ao cuidado integral dos estudantes, incentivando estudos de campo que explorem essa temática no contexto escolar e promovam intervenções alinhadas à realização de sentido e ao fortalecimento do pertencimento.

REFERÊNCIAS

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

DALLO, L.; PALUDO, K. I. Adolescência: perspectiva de desconstrução de uma visão naturalizada. Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, v. 4, n. 2, p. 129–141, 2012.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Política e educação: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KANT, I. Sobre a pedagogia. Tradução de F. C. Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1996. (Obra original publicada em 1803).

SANTOS, D. M. B. Educação para sentido na vida e valores: percepção de universitários a partir do livro *Em busca de sentido*, de Viktor Frankl. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 100, n. 254, p. 230–251, 2019.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010.

TAVARES, J. M. A. D. *et al.* Fatores de risco e prevenção dos transtornos de ansiedade na adolescência: uma revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 11, p. 1–7, 2022.

ZIRALDO. *Flicts*. Ed. comemorativa de 50 anos. São Paulo: Melhoramentos, 2019.

AVOSIDADE E CUIDADOS EDUCACIONAIS PRESTADOS DE AVÓS AOS NETOS

Aline Diniz Alves¹

Fabiola de Araújo Leite Medeiros²

Os estudos acerca da avosidade têm ganhado espaço no Brasil nos últimos anos, considerando o fenômeno do envelhecimento populacional e a ampliação de pesquisas voltadas ao processo de envelhecimento no país e no mundo. O alargamento da pirâmide etária, relacionado ao aumento de indivíduos com idade de 60 anos ou mais, tem proporcionado maior oportunidade para interação entre diferentes gerações familiares, como é o caso da relação entre avós e netos. Recorrentemente, observase

¹ Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Psicóloga pela UEPB. Email: aline_dnz@hotmail.com

² Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da UEPB. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Ciências da Nutrição pela UFPB e graduada em Enfermagem pela UEPB. Email: profabiola@bol.com.br

que, em pleno século XXI, os avós ainda têm assumido responsabilidades pelos cuidados dos netos, seja de forma substitutiva à dos pais, seja auxiliando os pais das crianças e dos adolescentes com o cuidado cotidiano (Dias, 2022)).

Diante desse cenário, destaca-se a importância de refletir sobre as funções e os tipos de cuidados que têm sido oferecidos pelos avós aos seus netos. Em estudo de Santos, Rabinovich e Azambuja (2024) sobre os cuidados educacionais de avós com netos, as autoras defendem que os avós têm forte influência no processo escolar dos netos e, mesmo que tenham alguma dificuldade para auxiliar nas atividades escolares, buscam meios que possam ajudá-los nessa missão, como redes de apoio.

Segundo Cavalcante e Aquino (2010), a responsabilidade e a educação estão interligadas. Viktor Emil Frankl (1905-1997), fundador da Logoterapia e Análise Existencial (LAE), defendeu que a educação não deve se limitar à transmissão de conhecimento, mas, sim, estimular a consciência humana para perceber, em cada situação concreta, o desafio do momento presente (Frankl, 2016).

Dessa forma, a LAE é, respectivamente, uma abordagem psicológica e uma visão antropológica que postula que a vontade de sentido é a principal motivação humana (Aquino, 2013). Frankl (2011) se propõe a investigar a busca e a realização humana pelo sentido da vida, uma vez que este é um problema especificamente humano, tendo em vista que o homem é o único ser vivo que possui consciência de sua existência e finitude.

O sentido na vida é encontrado em uma situação concreta, variando de pessoa para pessoa, de uma situação para outra.

Porém, os valores são apontados como caminhos possíveis para se encontrar sentido, sendo eles: valores criativos, vivenciais e atitudinais (Frankl, 2011).

Os valores criativos são aqueles em que o homem deixa algo no mundo, como acontece nos ofícios de trabalho, por exemplo. Os valores vivenciais são aqueles pelos quais o homem recebe algo do mundo, como ocorre nas relações interpessoais. Por fim, os valores atitudinais manifestam-se diante de uma situação de sofrimento imutável, na qual o homem é convidado a mudar a si mesmo (Frankl, 2011).

Zanatta, Campos e Coelho (2021), em um estudo acerca da LAE e da velhice, apontam que, nessa faixa etária, é possível que os idosos tenham um olhar concentrado em suas dificuldades e declínios. Todavia, diante da teoria de Viktor Frankl, é possível que consigam ampliar a compreensão dessa fase da vida, sendo estimulados a prosseguir buscando sentido nas diversas situações da vida por meio dos valores.

Dessa maneira, o presente estudo parte da seguinte questão norteadora: como os avós compreendem o cuidado educacional que prestam aos seus netos? Assim, o objetivo foi analisar a percepção do sentido dos cuidados educacionais prestados por avós a seus netos, sob a égide teórica da LAE proposta por Viktor Emil Frankl.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo é um recorte de dados secundários de uma pesquisa maior relacionada à dissertação de mestrado intitulada

Sentido e qualidade de vida de pessoas idosas que cuidam dos seus netos. Tratou-se de uma pesquisa descritiva, transversal e qualitativa, que coletou os dados durante o período de agosto a setembro de 2022.

A coleta de dados foi realizada no município de Tapeiroá/PB e, por meio das informações ofertadas pela equipe do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), foi possível realizar visitas domiciliares às pessoas idosas, que foram abordadas e convidadas a participar da pesquisa. O SCFV foi escolhido como local para esta pesquisa por possuir um grupo de idosas cadastradas que participavam das atividades propostas semanalmente.

Assim, durante o levantamento de dados, 12 (doze) pessoas idosas inscritas no serviço afirmaram que moravam com seus netos, sendo este um critério básico para que as participantes pudessem compor a amostra. Para os critérios de inclusão na pesquisa, era necessário que as participantes tivessem 60 anos ou mais, estivessem inscritas no SCFV municipal e residissem com ao menos um neto que tivesse idade inferior a 18 anos. A amostra foi do tipo não probabilística, realizada por meio de conveniência e acessibilidade.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizados: 1) um questionário sociodemográfico; 2) um questionário sobre cuidados referentes à educação. A coleta de dados aconteceu utilizando a técnica de entrevista individualizada, em conformidade com os critérios de inclusão e de ética em pesquisa com seres humanos.

Os dados foram analisados por meio do modelo proposto por Bardin (1977), tendo como técnica a Análise de Conteúdo Temática. O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba, conforme a Resolução nº 466/12 do CNS/MS, e foi aprovado sob o protocolo nº 5.539.251. A participação de cada entrevistada foi voluntária, mediante a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para autorização da pesquisa. Para ilustrar os dados e tornar a leitura mais dinâmica, foram adotados nomes de árvores para manter em sigilo a identidade das participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para caracterizar a amostra do presente estudo, é importante apresentar os dados sociodemográficos desta pesquisa. Durante o processo de coleta de dados, não havia nenhuma participante do SCFV do gênero masculino com idade igual ou superior a 60 anos, o que acarretou o fato de que apenas mulheres idosas compuseram a pesquisa. Tal fenômeno pode ser explicado pelo fato de o público feminino ser mais propenso a participar de atividades em grupo, em detrimento da resistência do público masculino em participar de atividades de domínio público (Annes *et al.*, 2017).

Em relação à idade das participantes, elas se dividiram em dois grupos: a faixa dos 60 e a faixa dos 70 anos, sendo as mais jovens duas idosas de 62 anos e as mais velhas duas idosas de 78 anos. Em relação ao estado civil, a maioria era viúva (50%), e as demais, casadas (33,3%) e separadas ou divorciadas (16,7%). Já em

relação à autodeclaração de raça, 66,7% das idosas afirmaram ser pardas, e as demais, brancas (16,7%) e pretas (16,7%).

Nota-se que a maior parte das avós que frequentavam o SCFV era viúva. Sem um companheiro nos dias atuais, as participantes encontravam no grupo um local de trocas sociais com pessoas da sua faixa etária, além de atividades físicas, rodas de conversa e palestras com profissionais interdisciplinares.

Referente à renda familiar, 50% das avós entrevistadas afirmaram somar cerca de dois salários-mínimos na residência, enquanto 25% afirmaram um salário-mínimo, e as outras 25%, três salários-mínimos. Todas as avós afirmaram ser aposentadas. É importante ainda destacar que as idosas que afirmaram ter renda referente a três salários-mínimos são aquelas cujos filhos coabitam na mesma residência que elas.

Em relação à escolaridade, 58,3% só haviam estudado até o ensino fundamental incompleto; 16,7% nunca haviam ido à escola; 16,7% haviam estudado até o ensino médio; e apenas 8,3% haviam concluído um curso superior.

A relação entre escolaridade e renda pode estar interligada. Quanto maior o nível de escolaridade, maior também é a chance de ter uma renda financeira superior (Maia *et al.*, 2022). Faz-se necessário apontar que a grande maioria das avós afirmou ser a principal responsável pelo sustento da família. As demais avós, no entanto, explicaram que dividem a responsabilidade financeira com os maridos. Esse dado corrobora a literatura científica, a qual aponta que os idosos e avós auxiliam nas questões financeiras demandadas pela família (Dias, 2022).

Os dados habitacionais encontrados nesta pesquisa variaram entre as avós que moravam apenas com os netos e outras que moravam com mais parentes, como esposo, irmãos, filhos ou outros familiares. Todavia, para atingir os objetivos propostos neste estudo, o foco deste artigo se restringirá apenas aos netos.

Sobre os netos com quem residem, as avós afirmaram que 15% deles tinham idade de até seis anos, 45% tinham entre 7 e 12 anos e 40% eram adolescentes, com idade entre 13 e 17 anos. Assim, foi possível destacar que os netos mais novos tinham quatro anos, e o neto mais velho referido tinha 17 anos.

Quando questionadas se, entre os cuidados que prestavam aos netos, estavam incluídos os cuidados educacionais, todas as avós responderam afirmativamente. É importante frisar que os cuidados educacionais se dividiram em dois tipos em suas falas: cuidados no sentido formal, ligados à escola, e cuidados educacionais no sentido de ensinar valores humanos e familiares por meio de aconselhamento e orientações.

Como apontado nos dados sociodemográficos, as idosas presentes nesta pesquisa apresentam baixa escolaridade. Devido a esse fato, afirmam não conseguir auxiliar os netos em relação às atividades escolares. No entanto, deixam claro que pagam professores particulares para que os netos possam ter esse auxílio educativo.

Minha filha, eu não sei ler, mas nem por isso deixo que ele fique sem estudo. O que eu não sei ensinar, eu pago um professor para ensinar ele, reforço (Jabuticabeira).

Coelho e Dias (2016) apresentaram estudos cujos avós, mesmo diante da baixa escolaridade e da dificuldade de auxiliar diretamente nas tarefas escolares, valorizavam a educação e providenciavam ajuda para os netos. Além disso, perceberam que as avós entrevistadas valorizavam o fato de os netos apresentarem bom comportamento e respeitarem limites. Esses cuidados, =quando bem avaliados, podem proporcionar satisfação e bem-estar entre ambos. No presente estudo, também podemos perceber essa avaliação na fala da avó Cedro:

Do jeito que a gente cuida dos filhos da gente, a gente quer que os netos se criem do mesmo jeito, com educação... Estudar e ter educação, fazer as coisas certas do jeito que a gente manda, né? Porque a mãe, a avó, nunca quer a coisa errada para os filhos. Eu me sinto uma pessoa feliz em ter criado Cedrinho (nome fictício para o neto). Porque onde Cedrinho passa, quem conhece Cedrinho, gosta muito dele, porque diz que ele é um menino educado, que sabe falar com as pessoas, chegar nos cantos. Nunca recebi reclamação dele em escola (Cedro).

Assim, Coutrim, Ferreira e Lebourg (2016) observaram que a escola é uma instituição valorizada pela família, pois é vista como um meio eficaz para se conseguir um bom emprego. Tal fato é percebido na fala da avó Carvalho:

O que dar gosto a minha vida é ele estudar. Eu quero que ele estude, eu digo a ele: estude pra você não trabalhar em serviço pesado, pra você ser uma pessoa pra frente. Quando você tiver grande, você ter suas coisinhas, com seu suor. Estude, meu filho, que o estudo é muito bom. Pra ele ter uma vida melhor, né? (Carvalho).

Percebe-se que a avó Carvalho aponta que o fato de o neto estudar é o que dá gosto à sua vida. Sem saber, ela fala sobre sentido. Vindo de uma realidade socio-histórica em que não teve acesso à educação formal, ela estimula o neto para que ele possa aproveitar tal oportunidade, visando a um futuro que enxerga como mais próspero. Essa capacidade humana de transcender a si mesmo em relação a algo ou alguém, diante de determinismos sociais ou psíquicos, recebe o nome de autotranscendência.

Na medida em que autotranscede, o ser humano realiza a si próprio (Frankl, 2016).

A capacidade de aprender e prosperar diante de uma situação imutável também é concebida pela definição dos valores de atitude. Como as avós não podem retornar ao passado, muitas vezes impedidas pelos genitores de estudar, no presente elas se mostram dispostas a auxiliar os netos no processo educacional.

Frankl (2008) aponta que o amor é a única forma de captar outro ser humano em sua completude, enxergando suas potencialidades e ajudando-o a se tornar aquilo que deveria ser. Observamos, de forma nítida, em todos os relatos das avós aqui presentes, essa torcida e esse auxílio para que os netos possam escrever uma história de vida com mais recursos e menos sofrimento do que elas tiveram. Assim, é possível relacionar também essas vivências e falas das avós entrevistadas aos valores vivenciais propostos por Frankl (2011).

Elisabeth Lukas (1990) defende que a sensação de ser útil para alguém dentro da família é considerada uma das mais belas formas de sentido. A família é o centro gravitacional do amor, na

qual as pessoas podem ser atraídas entre si nos momentos de alegria e tristeza, fornecendo amparo, refúgio e apoio nos momentos de necessidade.

A avó Oliveira, como apresentado abaixo, aponta que apenas consegue ensinar os valores religiosos ao neto, o que pode ser considerado uma educação não formal. Todavia, apresenta grande orgulho desse feito.

Se for pra ensinar assim, a educação da igreja, eu sei ensinar, agora eu não ensino a educação da leitura porque eu não sei ler, porque no meu tempo, a 70 anos atrás, o meu pai e a minha mãe não falava de colocar a gente na escola [...] Depois já adulta, apareceu, de noite, uma escola chamada Mobral, aí essa escola eu fui e aprendi a fazer meu nome (Oliveira).

Observamos que essa avó também buscou o próprio aprendizado ao longo da idade adulta. Nisso, Frankl (2016) defende que o ser humano é um ser incompleto, transitório, em constante busca, inclusive de se educar. É capaz de conceber uma autoeducação que o liberte dos condicionamentos do seu passado. Tirando lições dos erros do passado, há espaço para aprendizagem e transformação que levam à liberdade.

Para além do incentivo à educação, as avós transmitem também seus próprios conhecimentos não formais por meio de conselhos. Por meio dessas experiências e desses encontros, os instantes podem ser transformados em eternidade quando convertidos em realidade, transformando-se em sentido (Frankl, 2016). Assim, ao compartilhar e transmitir seus legados, a avó transmite ao neto seus conhecimentos, que, passados de geração em geração, tornam-se eternos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo demonstrou, de acordo com o que já é apontado na literatura, que as avós ainda ocupam grupos de participação social em maior número do que os homens, de modo que, nesta pesquisa, apenas mulheres idosas puderam ser entrevistadas, em razão do fato de não haver homens inscritos no SCFV. Essas mesmas avós apresentaram um perfil de baixa escolaridade e baixa renda familiar.

Também apresentou-se um perfil de avós que, embora não conseguissem auxiliar os netos com a educação formal, encontram métodos para que eles possam ser educados efetivamente. Todavia, elas se mostram disponíveis para oferecer os cuidados educacionais não formais, como os ensinados pela religiosidade e através de conselhos.

Relacionando os achados com a LAE, percebemos que os valores propostos por Viktor Frankl estão intrinsecamente relacionados às falas das avós. Os valores atitudinais revelam-se quando as avós, embora tenham tido um passado em que não puderam estudar devido às condições socioculturais da época, no presente ajudam e estimulam os netos a estudarem para prosperarem por meio da vida profissional. Já os valores vivenciais estão presentes na satisfação que as idosas demonstram pelos laços afetivos que estabelecem nos cuidados com os netos, motivando-os a se tornarem pessoas dignas também por meio da educação. Nessas relações, as idosas encontram sentido na existência.

Devido à ausência de representantes do gênero masculino, ressalta-se a necessidade de novas pesquisas nessa área para

compreender também a vinculação dos avós com a educação e a LAE.

Este estudo representa um avanço na área relacionada à LAE e à educação, pois compreende a vinculação entre avós e netos, relação familiar que tem apresentado crescimento no contexto dos cuidados familiares, o que demonstra a necessidade de novos estudos para a compreensão desse fenômeno contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ANNES, L. M. B.; MENDONÇA, H. G. S.; LIMA, F. M.; LIMA, M. A. S.; AQUINO, J. M. Perfil sociodemográfico e de saúde de idosas que participam de grupos de terceira idade em Recife, Pernambuco. *Cuidarte*, v. 8, n. 1, p. 1499-1508, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v8il.365>.

AQUINO, T. A. A. Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAVALCANTE, T. G.; AQUINO, T. A. A. Sentido de vida na educação: um estudo comparativo entre Freire e Frankl. In: AQUINO, T. A. A.; DAMÁSIO, B. F.; SILVA, J. P. (org.). *Logoterapia e educação*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 53-78.

COELHO, M. T. B. F.; DIAS, C. M. S. B. Avós guardiões: uma revisão sistemática de literatura do período de 2004 a 2014. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32, n. 4, p. 1-7, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e324214>.

COUTRIM, R. M. E.; FERREIRA, F. M.; LEBOURG, E. H. Estudar para quê? A (des)valorização do ensino médio na fala de três gerações. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 10, n. 2, p. 72-83, 2016. DOI: <https://doi.org/10.14244/198271991505>.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS, C. M. S. B. Um tipo especial de avós: os cuidadores dos netos. In: DIAS, C. M. S. B. (org.). Avoidades: teoria, pesquisa e intervenção. Campinas: Alínea, 2022. p. 77-92.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial. 6. ed. Petrópolis: Quadrante, 2016.

LUKAS, E. Mentalização e saúde: a arte de viver e logoterapia. Petrópolis: Vozes, 1990.

MAIA, A. G. B.; SILVA, F. D. V.; CARNEIRO, A. K. P.; GOMES, J. I. S. D.; GOMES, M. L. F.; PINTO, F. J. M. A influência da renda na qualidade de vida dos idosos brasileiros: uma revisão integrativa. In: PINTO, F. J. M.; LINARD, C. F. B. M.; PONTE, T. D. R. (org.). Saúde da população em tempos complexos: olhares diversos. Fortaleza: Ampla Editora, 2022. p. 11-26.

SANTOS, M. G. F.; RABINOVICH, E. P.; AZAMBUJA, R. M. M. Influência dos avós no processo escolar dos netos em colégio confessional católico. Research, Society and Development, v. 13, n. 6, e5913646036, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i6.46036>.

ZANATTA, C.; CAMPOS, L. A. M.; COELHO, P. D. S. A pessoa idosa e a busca de sentido: um olhar de esperança. Revista da Abordagem Gestáltica, v. 27, n. 1, p. 104-113, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18065/2021v27n1.10>.

BREVES CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA O LUTO

*Rayane Gomes de Oliveira*¹

*Elaine Custódio Rodrigues Gusmão*²

A Logoterapia e Análise Existencial (LAE) “[...] concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido [...] e considera sua tarefa ajudar o paciente a encontrar sentido em sua vida” (Frankl, 1991, p. 68-70). No entanto, diante da experiência do luto, essa busca por sentido é frequentemente ameaçada, colocando o indivíduo diante do vazio, da dor e da finitude. Partindo desse princípio, a LAE é uma psi-

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Email: rayane.gomes20015@gmail.com

² Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: elaine.custodio@professor.ufcg.edu.br

coterapia que pode ser utilizada como fundamento para o reposicionamento diante da finitude. Neste trabalho, apresentamos a fundamentação teórica da terceira escola vienense, com ênfase na finitude da vida.

De acordo com Crnkovic e colaboradores (2024), o luto é um processo vivenciado após a perda de uma pessoa querida ou, no caso de quem acompanha o sofrimento de pacientes que não têm cura ou estão em estágio terminal, chamado luto antecipatório. Diante dessas experiências, o indivíduo é confrontado com um vazio que pode gerar sofrimento intenso, impactar a saúde mental e comprometer a capacidade de seguir adiante. Nesse contexto, Frankl (1991) afirma que "[...] o papel do logoterapeuta consiste em ampliar e alargar o campo visual do paciente, de modo que todo o espectro de sentido e potencial se torne consciente e visível para ele." (p. 74).

Para Corrêa (2012), a vivência do luto varia de uma pessoa para outra, considerando a singularidade, irrepetibilidade e unicidade do ser humano e, mesmo a partir das variadas experiências, o luto caracteriza-se como uma prova dolorosa e intensa que qualquer pessoa pode vivenciar. Assim, a função da LAE é contribuir para que o indivíduo consiga dar continuidade à sua vida, mesmo diante do impacto da perda.

Apesar das circunstâncias adversas, o ser humano mantém a liberdade de escolher sua atitude. Ele é potencialmente capaz de transformar uma tragédia pessoal em um triunfo, convertendo o sofrimento em uma conquista humana. Quando não é possível mudar uma situação, como no caso de uma doença incurável, somos desafiados a mudar a nós mesmos (Frankl, 1991).

Com base nesse pressuposto, este trabalho busca identificar, na teoria logoterapêutica, conceitos que possam contribuir para o enfrentamento e o tratamento do luto.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as contribuições da LAE para o enfrentamento do luto, buscando compreender como seus fundamentos possibilitam a ressignificação do sofrimento diante da perda.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho configura-se como uma revisão bibliográfica que, segundo Barros (2011), tem como objetivo central apresentar autores do conhecimento científico que corroboram a temática proposta e o contexto atual. No tocante à análise, adotou-se uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, orientada pela perspectiva fenomenológico-existencial.

A pesquisa foi realizada nos seguintes bancos de dados eletrônicos: Google Acadêmico, Periódicos CAPES e SciELO. Foram utilizados os descritores: “Luto”, “Tríade Trágica”, “Logoterapia”, “Frustração” e “Vontade de sentido”. Os resultados incluíram manuscritos que conectam os conceitos da LAE com o luto. Além disso, foram avaliados e estudados artigos científicos e dissertações.

Além da definição dos descritores e dos bancos de dados utilizados, os estudos selecionados passaram por critérios de inclusão e exclusão, priorizando publicações em português, datadas dos últimos cinco anos, e que apresentassem enfoque explícito na

relação entre o luto e a LAE. Foram excluídos artigos que abordassem o luto de forma tangencial ou sem fundamentação teórica consistente. Os dados extraídos dos manuscritos selecionados foram analisados de maneira qualitativa, buscando identificar categorias temáticas relacionadas às estratégias de enfrentamento, à ressignificação do sofrimento e à realização de sentido. Por fim, os resultados foram sintetizados de forma descritiva, permitindo uma visão integrada das contribuições da LAE para a experiência do luto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A noção de luto é tradicionalmente associada à morte física; no entanto, encerramentos de ciclos também podem ser compreendidos como experiências de luto. O luto não se caracteriza como doença, mas como uma resposta natural e subjetiva à perda de algo ou alguém, envolvendo aspectos emocionais, espirituais e sociais (Andrade; Silva, 2025). “[...] Conforme elucidado por Frankl (2008), sempre e em toda parte, a pessoa humana está colocada diante da decisão de transformar sua situação de mero sofrimento numa transfiguração interior de valores.” (Gomes; da Costa, 2025, p. 145).

Em alguns casos, o luto pode se prolongar e gerar psicopatologias, como depressão e transtorno de ansiedade, havendo necessidade de intervenção medicamentosa. Entretanto, frequentemente, as pessoas procuram anestesiá-la dor, em vez de enfrentá-la (Parkers, 1998 *apud* Crnkovic *et al.*, 2024, p. 3). Esse

movimento evidencia uma dificuldade contemporânea em suportar o sofrimento, revelando uma cultura que evita a dor em vez de atribuir-lhe sentido. Nesse cenário, o luto tende a ser patologizado ou evitado, em vez de compreendido como uma experiência constitutiva da existência humana.

Contudo, quando há uma perda, a tendência é que o sofrimento diminua à medida que a pessoa enlutada consegue reordenar sua vida cotidiana sem a presença da pessoa que se foi, enquanto, no vínculo com a pessoa enferma, há um aumento do sofrimento por uma separação iminente e um distanciamento das realidades cotidianas, pois o enfermo torna-se objeto central das atenções dos que estão ao seu redor (Parkers, 2009 *apud* Crnkovic *et al.*, 2024, p. 7). Para o logoterapeuta, ajudar o paciente a encontrar o sentido no momento de luto é parte do processo de sua melhora.

Para Frankl (2011), “[...] essa transitoriedade também constitui um problema que aflige o paciente portador de uma doença incurável, o qual confronta não apenas o sofrimento, mas também uma morte iminente [...]”. Devemos, então, considerar, em pacientes terminais, prognósticos difíceis e acompanhantes desses pacientes, o luto antecipatório, que pode estar presente ou não na vida dessas pessoas. Nesses casos, para Gomes e da Costa (2025), fornecer apoio envolve criar espaços que permitam ao indivíduo, frente à morte, reforçar laços afetivos, dialogar sobre questões espirituais, preparar-se emocionalmente e resolver o que há de pendente.

Além disso, as relações sociais também se mostram eficazes para o tratamento. O fortalecimento dos laços afetivos vai

além de aliviar o medo da morte, preparando o paciente para uma passagem mais tranquila, na qual seus sentimentos de abandono ou mágoas não resolvidas são transformados em afeto, compaixão e aceitação (Gomes; da Costa, 2025). Dessa maneira, o suporte e o acolhimento funcionam como uma forma de demonstrar cuidado e manter o laço presente mesmo após a morte.

A LAE propõe que o indivíduo atravessasse a dor com responsabilidade e liberdade interior, descobrindo, por meio da vivência do luto, valores relacionais, criativos e atitudinais que conectam a experiência da perda ao amor que permanece, em vez de simplesmente eliminar a dor (Andrade; Silva, 2025). [...] o ser humano demonstra sua verdadeira essência quando transcende as limitações biológicas, sociológicas ou psicológicas e se eleva à dimensão da liberdade, usando sua capacidade de escolha para encontrar sentido. (Frankl, 2019b apud Gomes; da Costa, 2025, p. 151). A diferenciação entre o luto e o luto antecipatório também é um diferencial para o tratamento psicoterapêutico.

Nesse processo, as pessoas se encontram fragilizadas, e suas demandas são únicas; o acolhimento terapêutico constitui um espaço fundamental para o cuidado desse sofrimento intenso, além de atuar na prevenção de doenças psíquicas que podem surgir em decorrência do luto (Franco; Polido, 2014 *apud* Crnkovic *et al.*, 2024, p. 8). “[...] Analogamente, a percepção de sentido de vida também parece influenciar na redução de sintomas do luto entre pessoas que veem a morte como uma parte natural da vida” (Boyras *et al.*, 2015 *apud* Nascimento, 2024, p. 88). Assim, a LAE utiliza a consciência do próprio indivíduo como ferramenta para

amenizar o luto, considerando suas potencialidades como oportunidade de crescimento.

Nesse sentido, a LAE pode focar, por exemplo, na auto-transcendência e na mudança de atitudes diante da irreversibilidade da morte para abordar o sofrimento decorrente do enlutamento. Essa prática pode ser estendida a outras situações que envolvem perdas e mudanças, tais como as relativas a empregos e ao término de relacionamentos (Nascimento, 2024, p. 89). Segundo dos Santos Souza e colaboradores (2024), há uma limitação considerável à nossa compreensão do luto, baseada principalmente na perda de uma pessoa amada para a morte, e podemos não conseguir compreender a universalidade da experiência da perda, de modo que muitas formas de luto são negligenciadas ou não observadas.

Sendo assim, os profissionais devem estar familiarizados com a temática do enlutamento na psicoterapia. Precisamos partir de um não saber que nos convida a não inferir sobre o que já se sabe (outros pacientes), nem explicar ao outro sua experiência com base em teorias preconcebidas, nem impor valores sobre ele ou significados para sua vida (dos Santos Souza et al., 2024, p. 123). Essa afirmação demonstra a importância de não fazer julgamentos de valor sobre a situação apresentada, buscando manter o bem-estar da pessoa em sofrimento. Paralelamente, ao integrar o manejo da dor com suporte emocional e psicológico, podemos proporcionar uma experiência de cuidado que respeite sua individualidade de maneira mais humanizada (Gomes; da Costa, 2025).

Acerca da atuação do logoterapeuta, cabe também ressaltar o ser humano em sua totalidade biopsicoespiritual. Gomes e da Costa (2025) afirmam que a maneira como abordamos a dor deve contemplar os aspectos físicos, emocionais e espirituais, para que possa favorecer uma vivência do processo de morrer mais serena e dotada de significado. Em complemento, podemos dizer que “no contexto clínico e institucional, o acolhimento pode ocorrer em espaços terapêuticos, grupos de apoio ao luto, atendimentos psicológicos individuais ou ações promovidas por equipes de saúde e assistência social [...]” (Andrade; Silva, 2025, p. 1154). É possível observar que, enquanto profissionais, há possibilidades de trabalhar com essa temática, desde que sejam respeitadas as subjetividades e os valores dos pacientes.

Portanto, as práticas realizadas pela LAE permitem que o ser humano possa atribuir novos significados à dor e ao sofrimento. “A vivência do luto, portanto, exige tempo, escuta, cuidado e compreensão [...]” (Andrade; Silva, 2025, p. 1158). Assim, a morte deixa de representar um término abrupto e converte-se em passagem, não rumo ao esquecimento, mas à permanência, ao eco perene de uma existência que, até o derradeiro instante, buscou encontrar sentido (Gomes; da Costa, 2025).

Este trabalho buscou mostrar as contribuições da LAE para o luto. Diante disso, percebeu-se que os autores abordam a morte de maneiras diversas. Enquanto alguns apontam para o tratamento, outros contribuem para a conceituação teórica, associando os pilares da LAE à finitude da vida. Contudo, dos Santos Souza et al. (2024) afirmam que “ao longo da vida, uma pessoa

experimenta muitos tipos diferentes de perdas: perda de relacionamentos, funções, papéis, status, habilidades, possibilidades, ambições, ideais e muito mais.” Porém, não foram encontrados recursos suficientes em nossa busca para abordar essa temática sob a perspectiva de outras formas de perdas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do material indica que a morte ainda é a forma de luto mais reconhecida. Entretanto, a quebra de expectativas e os términos de ciclos também configuram experiências legítimas de luto. Portanto, torna-se necessário ampliar a produção de estudos que contemplem essas dimensões da experiência humana. Nesse contexto, as contribuições da LAE para o luto evidenciam que liberdade e responsabilidade constituem elementos fundamentais no processo de ressignificação do sofrimento, auxiliando o indivíduo a reencontrar o sentido diante da dor e das perdas. Assim, mais do que superar o luto, trata-se de atravessá-lo com sentido, reconhecendo que a dor não anula a existência, mas pode, paradoxalmente, revelar aquilo que nela há de mais humano.

Além disso, a pesquisa enfatiza a importância de práticas terapêuticas fundamentadas na LAE como instrumentos não apenas de acompanhamento individual, mas também de intervenção preventiva em contextos clínicos e comunitários. Diante disso, ressalta-se a necessidade de ampliação de estudos que explorem diferentes formas de luto, considerando aspectos culturais, sociais e existenciais, bem como a integração da LAE em programas

de apoio psicológico, de modo a favorecer cuidados mais efetivos no enfrentamento do sofrimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. M. C.; SILVA, D. A morte e o luto na logoterapia. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 11, n. 7, p. 1148–1167, 2025.

BARROS, J. D'ASSUNÇÃO. A revisão bibliográfica: uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. *Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, v. 13, n. 1, 2011.

CORRÊA, D. A. Do luto ao sentido: aportes da logoterapia no espaço psicoterapêutico. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 14, n. 3, p. 180–188, 2012.

CRNKOVIC, L. H.; SILVA, A.; ALMEIDA, C.; RODRIGUES, L.; LEONCIO, S. O enfrentamento do luto a partir dos pilares da logoterapia. *Educafoco – Educação, Pesquisa e Formação Continuada*, v. 5, n. 2, 2024.

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOMES, L. S. C.; COSTA, I. I. da. Café com a morte: o diálogo da logoterapia com o processo do morrer. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, v. 14, n. 1, p. 141–167, 2025.

NASCIMENTO, R. B. T. Logoterapia, sentido de vida e luto: uma revisão de escopo. *Interação em Psicologia*, p. 85–92, 2024.

SOUZA, D. S. dos; CAVALCANTE, L. S. da; HORTA, Q. V. B.; SOUZA, B. S. Q. de; SILVA, R. T. da. A logoterapia e o processo psicoterapêutico do paciente diante das perdas e lutos. *Epitaya*

E-books, v. 1, n. 57, p. 119–138, 2024.

ENTRE ESTIGMAS E SENTIDO: MULHERES COM CÂNCER E A EXPERIÊNCIA DO ADOECIMENTO

Monika Schaefer Borges da Silva¹

Ana Regina Machado Figueiras²

Juan Karlo Gomes de Medeiros³

O câncer é uma doença que, além dos desafios clínicos, impõe um pesado fardo social e emocional. Para muitas mulheres, especialmente aquelas oriundas de regiões interioranas com acesso limitado à informação e ao suporte adequado, a doença vem acompanhada de estigmas e preconceitos que dificultam

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau de João Pessoa. Email: monyka.borges@yahoo.com.br

² Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau de João Pessoa. Email: anaregfigueiras@gmail.com

³ Professor da graduação em Psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau de João Pessoa. Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Psicólogo pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ). Email: juankarlogomes@gmail.com

ainda mais seu enfrentamento. Ademais, a vulnerabilidade decorrente dos efeitos colaterais do tratamento — como a queda de cabelo, a diminuição da autoestima e a fraqueza física — compromete sua autonomia e o desempenho dos papéis de mulher, mãe, filha e esposa (Brito *et al.*, 2022).

Brito e colaboradores (2022) ressaltam que o diagnóstico de câncer provoca sentimentos de insegurança, revolta, angústia e medo do futuro, agravados pela necessidade de deslocamento para a capital e pela falta de recursos financeiros. Além disso, deve-se considerar que, ao se deparar com um diagnóstico de câncer, toda a estrutura familiar é impactada, uma vez que, em geral, cabe à mulher o papel de cuidadora, e não o de ser cuidada. Muitas vezes, o homem, ainda socialmente visto como "provedor", não sabe lidar com essa nova realidade familiar, o que pode levar ao abandono conjugal (Cunha, 2023).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2018), a perda do sentido da vida é um sentimento comum diante do diagnóstico de câncer, devido ao profundo impacto emocional que a doença causa. Nesse contexto, Medeiros (2019) destaca a importância do suporte emocional, ressaltando que é fundamental que a paciente encontre um sentido, estabeleça uma conexão espiritual ou descubra algo que a fortaleça, auxiliando-a a enfrentar os desafios impostos pelo câncer.

Diante desse contexto e com o objetivo de criar um ambiente acolhedor e humanizado, a Rede Feminina de Combate ao Câncer da Paraíba (RFCCPB), instituição sem fins lucrativos, acolhe pacientes em situação de vulnerabilidade social oriundas do interior paraibano, encaminhadas para tratamento no Hospital

Napoleão Laureano, em João Pessoa, Paraíba. A Casa de Apoio da RFCCPB oferece acomodação, alimentação, cestas básicas, visitas domiciliares para pacientes em cuidados paliativos, perucas, próteses mamárias, passeios semanais e outras atividades que promovem qualidade de vida.

Embora as pacientes recebam todo o suporte citado acima, observou-se que o sofrimento delas vai além dos sintomas físicos do câncer, intensificando-se diante do abandono por parte dos parceiros, que deveriam ser fonte de suporte e segurança nesse momento de vulnerabilidade. Muitas mulheres afirmam que a dor emocional decorrente do abandono supera, em muito, o sofrimento provocado pela doença (Cunha, 2023).

Nesse cenário, este artigo tem como objetivo relatar a experiência de escuta e acolhimento realizada na RFCCPB, analisando os impactos do estigma social e do abandono conjugal na vida das mulheres acometidas pelo câncer na Paraíba. Além disso, busca-se compreender as dificuldades enfrentadas por essas pacientes e demonstrar como o suporte emocional pode auxiliá-las na resignificação de suas experiências. Para isso, dialoga-se com a teoria do sentido da vida, de Viktor Frankl (1985), que destaca a importância da busca e da realização de sentido como um recurso psicológico essencial para a resiliência diante do sofrimento.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo trata de um relato de experiência fundamentado na atuação voluntária na Casa de Apoio da Rede Feminina

de Combate ao Câncer da Paraíba (RFCC/PB). O trabalho desenvolvido consiste na realização de atendimentos individuais e rodas de conversa com pacientes em tratamento oncológico, promovendo escuta qualificada e acolhimento emocional.

As atividades envolveram pacientes e acompanhantes acolhidos na Casa de Apoio da RFCC/PB durante o ano de 2024. A maioria das participantes era composta por mulheres em tratamento oncológico (principalmente câncer de mama e ginecológico), oriundas de municípios do interior da Paraíba, com idade variando entre 30 e 70 anos. Também estiveram presentes alguns acompanhantes (familiares do sexo feminino) que, em geral, participavam das rodas de conversa. Todos os relatos apresentados foram registrados de forma anônima, garantindo o sigilo e a preservação da identidade das participantes, em conformidade com princípios éticos.

A coleta de informações ocorreu por meio da observação participante e dos relatos espontâneos das pacientes durante as sessões de escuta individual e as rodas de conversa. Os registros foram organizados de forma descritiva, preservando a singularidade dos discursos.

A análise foi realizada de maneira qualitativa e interpretativa, buscando identificar, nos relatos, categorias de sentido emergentes relacionadas ao sofrimento e ao enfrentamento do câncer, tais como: estigma social, abandono conjugal, impacto emocional do diagnóstico, espiritualidade e resignificação da experiência. Essas categorias foram construídas a partir da recorrência dos temas nas falas e do diálogo com a Logoterapia e Análise Existencial (LAE) de Viktor Frankl, permitindo compreender

como as pacientes atribuem significado às suas vivências diante da doença.

RESULTADOS

Os relatos das pacientes evidenciam dois desafios centrais que tornam o enfrentamento do câncer ainda mais doloroso: o estigma social e o abandono conjugal. Em contextos comunitários de pequeno porte, o câncer é frequentemente percebido como irreversível, como uma sentença de morte, o que ocasiona um processo de exclusão imposto pela própria comunidade.

Quadro 1 — Relatos de algumas pacientes sobre o abandono conjugal após o diagnóstico de câncer

Sujeito	Discurso do Sujeito
Paciente 1	"Quando recebi o diagnóstico, o primeiro pensamento que tive foi que José (nome fictício), ia me abandonar, porque ele gosta de viver em forró e festa, não ia querer ficar com uma doente, e num é que acertei? Em menos de dois meses ele já estava com outra e quando descobri, minha vontade foi de desistir da vida."
Paciente 2	"Eu comecei o tratamento aqui na Casa de Apoio e nem para me esperar voltar pra casa. Ele mandou uma mensagem dizendo que ia dar rumo à vida dele e ia deixar minha filha de dois anos na casa da mãe enquanto eu não voltava. Aquilo pra mim doeu mais do que a notícia de que estou com aquela doença, eu só pensava em dar um jeito de morrer logo."

Paciente 3	"Meu marido está em casa, mas não cuida de mim, não quer saber como é meu tratamento, quando volto para casa nos fins de semana ele está no bar. E eu tenho vergonha de sair porque as pessoas me olham de um jeito estranho. Me sinto sem vontade nenhuma de ficar boa, por mim já posso morrer."
Paciente 4	"Eu acho até que meu marido aguentou muito, pensei que quando tirassem minhas mamas ele não ia querer saber de mim, mas eu que não aguentava ir para a cama com ele, e aí ele ficava com raiva. Eu tinha dor e vergonha, aí ele arrumou uma mulher fora, mas tá lá em casa ainda porque tá desempregado e eu tô recebendo ajuda do governo."

Fonte: Dados coletados na Casa de Apoio da RFCCPB durante o ano de 2024.

Os dados do Quadro 1 revelam a recorrência do abandono conjugal como um fator predisponente ao sofrimento emocional dessas mulheres. Além do abandono conjugal, o estigma social também se apresenta como um desafio significativo, pois muitas, ao retornarem para suas comunidades, passaram a ser alvo de estigmatização, com suas identidades sociais reconfiguradas pelo diagnóstico e suas subjetividades ressignificadas pelo olhar alheio, que agora as reduzia à condição de "doentes". Assim, o peso do diagnóstico alterou irreversivelmente o modo como eram percebidas: não mais mulheres, mas vítimas; não mais pessoas, mas casos, como se fossem portadoras de uma condição contagiosa ou que as tornava indignas de convívio social. Essa percepção intensifica sentimentos de rejeição e desesperança, favorece o isolamento e prejudica o bem-estar emocional, fazendo

com que algumas questionem até mesmo o desejo de seguir vivendo, como evidenciado em alguns relatos.

No entanto, um aspecto fundamental observado é a capacidade dessas mulheres de ressignificarem sua experiência a partir do acolhimento oferecido na Casa de Apoio. Utilizando-se dos princípios da LAE, incentiva-se essas pacientes a encontrarem um sentido para sua jornada, seja por meio das relações afetivas com os filhos e familiares, do fortalecimento da espiritualidade ou do envolvimento em atividades comunitárias.

Quadro 2 — Ressignificação do sofrimento à luz da Logoterapia

Sujeito	Discurso do Sujeito
Paciente 6	"Eu não queria mais viver quando cheguei aqui... mas agora quero ficar boa para viajar para visitar minha filha que mora em São Paulo e conhecer meus netos."
Paciente 7	"Eu amava demais meu marido... mas ele não me quer mais... agora quero ficar boa pra estudar, porque ele nunca deixou. Eu quero ficar boa para ser cabeleireira."
Paciente 8	"Eu nem queria fazer o tratamento... mas quando cheguei aqui e depois que a gente conversou umas vezes eu comecei a orar pra Deus pra Ele me ajudar..."

Fonte: Dados coletados na Casa de Apoio da RFCCPB durante o ano de 2024.

Os relatos do Quadro 2 demonstram como o acolhimento e as intervenções têm possibilitado a reconstrução do sentido de vida para essas mulheres. A espiritualidade surge como um elemento central nesse processo, sendo mencionada por diversas pacientes como um fator de fortalecimento emocional.

Outro ponto relevante é a reconstrução da autonomia e do desejo de realizar projetos pessoais. Algumas mulheres, como a paciente 9, identificaram, no processo de escuta e acolhimento, um estímulo para buscar novas perspectivas e sentido de vida, como a vontade de estudar e ingressar no mercado de trabalho. Esse movimento de ressignificação demonstra que, apesar das dificuldades enfrentadas, essas pacientes têm conseguido reencontrar motivos para continuar vivendo, resgatando sua autoestima e reconfigurando sua percepção sobre o próprio futuro.

DISCUSSÃO

Diversos estudos apontam que o suporte social e emocional é fundamental para o enfrentamento de doenças como o câncer, contribuindo significativamente para a melhoria da qualidade de vida das pacientes (Rennó, 2023). O abandono conjugal é um fator que intensifica o sofrimento, evidenciando a fragilidade dos laços afetivos em contextos marcados pelo preconceito e pelo machismo (Coelho *et al.*, 2024).

A LAE apresenta-se como uma abordagem promissora, enfatizando que a busca por um sentido é essencial para a resiliência diante de situações extremas. Frankl (2011) argumenta que, mesmo diante de uma dor insuportável, o homem é responsável por encontrar um sentido para sua existência. Assim, o espaço de escuta oferecido de forma acolhedora e sem julgamentos permite que cada paciente encontre, em seu próprio discurso, o sentido de cada momento, mesmo que a dor e o abandono persistam.

Outro conceito central na LAE, pertinente para os atendimentos, é a Tríade Trágica, que se refere aos três pilares inevitáveis diante do sofrimento humano: 1) a dor (sofrimento), que representa os sofrimentos inevitáveis da vida. Quando mudar uma situação não é possível, existe a possibilidade de mudança de atitude perante ela, transformando a dor em crescimento; 2) a culpa, que surge das falhas e dos erros cometidos, assegurando que, em vez de se afundar em remorso, o indivíduo pode usar a culpa como oportunidade de redenção, buscando reparação ou mudança de comportamento; e 3) a finitude, que vem com a morte, já que a conscientização da mortalidade pode gerar angústia, mas também pode motivar uma vida com propósito. Frankl enfatiza que o que importa não é quanto tempo vivemos, mas como preenchamos esse tempo (Sanagiotto; Pacciolla, 2022).

Essa ressignificação é facilitada não apenas pela escuta qualificada, mas também por atividades complementares disponibilizadas por voluntárias da Casa de Apoio — como Reiki, oficinas de arte, musicoterapia, passeios semanais e dias de beleza — que fortalecem a autoconfiança, o amor-próprio e a autoestima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada demonstra a importância do acolhimento emocional para mulheres em tratamento de câncer que enfrentam o estigma social e o abandono conjugal. O suporte oferecido pela Casa de Apoio da RFCCPB não apenas ameniza o sofrimento psíquico dessas pacientes, mas também lhes possibilita

ressignificar sua trajetória, encontrando sentido para a vida, conforme os princípios da LAE.

Entretanto, é necessário reconhecer as limitações deste estudo. Por se tratar de um relato de experiência, os achados aqui apresentados não podem ser generalizados para outras realidades, sendo indispensável a realização de pesquisas mais aprofundadas que avaliem, de forma sistemática, o impacto do acolhimento emocional e das intervenções terapêuticas na qualidade de vida de mulheres em tratamento oncológico.

Dessa forma, reforça-se a necessidade de iniciativas que promovam um acolhimento humanizado e integral, oferecendo suporte não apenas clínico, mas também emocional e social. A valorização da subjetividade e da história de cada paciente é essencial para capacitá-las a enfrentar a doença de maneira mais digna, fortalecida e com maior qualidade de vida. Torna-se inadiável a formulação de políticas públicas articuladas a práticas interdisciplinares que não apenas garantam o tratamento oncológico, mas também enfrentem as desigualdades de gênero, combatam o estigma e previnam o abandono. É preciso assegurar que essas mulheres ultrapassem a condição de meras sobreviventes e possam viver de forma plena, com dignidade, reconhecimento social e sentido existencial.

REFERÊNCIAS

BRITO, A. T. B. *et al.* Impactos psicológicos causados em mulheres com diagnóstico de câncer, acolhidas na instituição Lar das Marias, na cidade de Manaus-AM. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 7, p. 50710–50730, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n7-134>.

COELHO, C.; CARNEIRO, G. G.; ROCHA, E. P. N. da. Os impactos psicossociais do abandono marital em mulheres com diagnóstico de câncer de mama e o suporte oferecido por profissionais de saúde no enfrentamento dessas situações. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.12-091>.

CUNHA, C. C. da. Até que o câncer nos separe. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/249488>.

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. Tradução de I. S. Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido. Tradução de W. Schlupp; C. Aveline. Petrópolis: Vozes, 1985.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. Estimativa 2018: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2018. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2018-incidencia-de-cancer-no-brasil>.

MEDEIROS, A. Y. B. B. V. de. A percepção do sentido da vida para o paciente com câncer: um olhar logoterapêutico. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11103>.

RENNÓ, J. 70% das mulheres com câncer são abandonadas pelos parceiros. Estadão, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/joel-renno/70-das-mulheres-com-cancer-sao-abandonadas-pelos-parceiros/>.

SANAGIOTTO, V.; PACCIOLLA, A. A autotranscendência na logoterapia de Viktor Frankl. Petrópolis: Vozes, 2022. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=fxVmEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4>.

SENTIDO NA DOR INVISÍVEL: O HUMANISMO FRANKLIANO COMO CONTRACULTURA NO ENFRENTAMENTO DA FIBROMIALGIA

Marlene Silva de Moura¹

Rosângela Araújo Darwich²

A fibromialgia é uma síndrome musculoesquelética que desafia a saúde contemporânea não apenas por sua complexidade fisiopatológica, mas também por expor as limitações dos modelos biomédicos tradicionais. Caracterizada por dor crônica difusa, fadiga persistente, alterações do sono e sintomas cognitivos, afeta cerca de 2,5% da população mundial, sobretudo mulheres entre 30 e 55 anos, comprometendo a funcionalidade, a qualidade de vida e a autoestima. Muitas delas enfrentam descrença social e

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia. Psicóloga (UNAMA) e Logoterapeuta (GEIST-MA). E-mail: pra.marlene@gmail.com.

² Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br.

médica quanto à legitimidade de seus sintomas (Wolfe *et al.*, 2016).

Apesar dos avanços, o mecanismo de desenvolvimento da fibromialgia ainda é desconhecido, dificultando sua compreensão fisiopatológica. Para Siracusa e colaboradores (2021), o diagnóstico é complexo por envolver predisposição genética, alterações nos neurotransmissores centrais e fatores ambientais desencadeantes. Por ser essencialmente clínico e baseado na exclusão de outras doenças reumatológicas, sua invisibilidade favorece a sensação de incompreensão tanto por parte dos profissionais de saúde quanto do meio social (Russell *et al.*, 2018).

O diagnóstico tardio e o percurso por múltiplos especialistas desencadeiam uma profunda crise existencial, que transcede o adoecimento físico. A carência de marcadores objetivos para a condição, somada à sobreposição com outras síndromes, intensifica o estigma e alimenta uma sensação de deslegitimação do sofrimento vivenciado pelos pacientes. Em um contexto cultural em que a legitimidade da dor está condicionada à sua visibilidade e mensurabilidade, as mulheres com fibromialgia enfrentam não apenas a dor física, mas também a dor da invisibilidade, da estigmatização, do descrédito e da desvinculação subjetiva (Galvez-Sánchez; Duschek; Reyes Del Paso, 2019).

É nesse contexto de amplificação do sofrimento existencial que a Logoterapia e Análise Existencial (LAE), fundamentada nos princípios de Viktor Frankl, emerge como alternativa terapêutica complementar, oferecendo uma abordagem que reconhece e valoriza a dimensão existencial do sofrimento, frequentemente negligenciada no manejo convencional. O referencial

existencial-fenomenológico de Viktor Frankl (1985, 2011, 2016) valoriza a liberdade de vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida, além do reconhecimento da dimensão espiritual, a noética, como constitutiva do ser humano, ampliando a compreensão e a resposta terapêutica diante da fibromialgia.

Frankl (2011) destacou que, mesmo em condições adversas, o ser humano conserva a capacidade de encontrar sentido, visão que contrasta com o reducionismo biomédico, que limita a fibromialgia a processos neurofisiológicos e desconsidera sua dimensão existencial. Este artigo analisa a experiência de mulheres com fibromialgia sob a perspectiva da LAE, propondo-a como alternativa ao modelo biomédico. Metodologicamente, fundamenta-se em revisão bibliográfica realizada em bases como SciELO, MedLine, LILACS e ISI, articulando referenciais clássicos e contemporâneos da LAE com estudos sobre fibromialgia e dor crônica. Busca-se integrar fundamentos existenciais à compreensão da síndrome, ressaltando o sentido como chave interpretativa do sofrimento.

O HUMANISMO DE VIKTOR FRANKL COMO CONTRACULTURA

A LAE emerge como uma autêntica contracultura frente aos reducionismos predominantes no campo da saúde, propondo uma antropologia integral que reconhece e valoriza a multidimensionalidade do ser humano. Frankl (2011, 2016) estabelece três dimensões fundamentais da existência humana: biológica

(corpo), psíquica (mente) e noética (espírito), sendo esta última a dimensão especificamente humana, caracterizada pela liberdade, responsabilidade e busca de sentido. Essa concepção tridimensional contrasta radicalmente com os determinismos que marcaram o pensamento científico e filosófico do século XX, oferecendo um paradigma alternativo para a compreensão do sofrimento humano, particularmente relevante no contexto da fibromialgia.

O caráter contracultural do pensamento frankliano manifesta-se em três princípios fundamentais que desafiam pressupostos dominantes na cultura contemporânea: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. Em oposição aos diversos determinismos biológicos, psicológicos e sociais, Frankl (2016) afirma que, embora condicionado por múltiplos fatores, o ser humano preserva a liberdade fundamental de posicionar-se diante desses condicionantes. Essa perspectiva restitui dignidade e protagonismo à pessoa com fibromialgia, frequentemente reduzida a um conjunto de sintomas ou a uma patologia neurológica.

Contrapondo-se à vontade de prazer freudiana e à vontade de poder adleriana, Frankl (2011, 2016) propõe que o ser humano é fundamentalmente motivado pela busca de sentido em cada situação de vida. O princípio da busca de sentido, defendido por ele, oferece um horizonte existencial para além do alívio sintomático, reconhecendo que a pessoa com fibromialgia não busca apenas a ausência de dor, mas significado em sua experiência co-

tidiana e em seus processos de enfrentamento da doença. Essa dimensão amplia o olhar clínico e social, resgatando a totalidade da condição humana em meio à dor.

Em contraste com a cultura contemporânea, que busca eliminar o sofrimento a qualquer custo, medicalizando todas as dimensões da existência, Frankl (2011, 2016) propõe que, quando inevitável, o sofrimento pode ser transformado em realização por meio da atitude que se assume diante dele. Tal postura não romantiza a dor, mas a ressignifica, reconhecendo a capacidade humana de transcendê-la mediante a descoberta de sentido, que se converte em horizonte orientador de vida e em possibilidade de reconstrução existencial para quem convive com a fibromialgia.

Os princípios franklianos configuram o que se pode denominar contracultura do sentido em uma época marcada pelo vazio existencial, pelo hedonismo e pelo niilismo. Para Längle (2011), o pensamento frankliano representa uma resistência à patologia do espírito do tempo, caracterizada pela perda de orientação existencial e pela crise de valores. No contexto específico da fibromialgia, o humanismo frankliano oferece não apenas um modelo teórico alternativo, mas uma práxis terapêutica que reconhece a pessoa em sua integralidade, validando sua experiência de dor, enquanto abre possibilidades de autodistanciamento e autotranscendência por meio do sentido.

A EXPERIÊNCIA DA FIBROMIALGIA EM MULHERES: UMA LEITURA À LUZ DA LOGOTERAPIA

Como síndrome musculoesquelética complexa, a fibromialgia desafia os modelos biomédicos tradicionais e vai além da explicação puramente fisiopatológica. Caracterizada por dor crônica generalizada, fadiga, distúrbios do sono e dificuldades cognitivas, a fibromialgia afeta cerca de 2,5% da população mundial, em sua maioria mulheres entre 30 e 55 anos (Wolfe *et al.*, 2016). Essa condição compromete a funcionalidade, a autoestima e a qualidade de vida, ao mesmo tempo em que expõe as pessoas ao descrédito social e médico quanto à legitimidade de seus sintomas. A ausência de exames específicos torna o diagnóstico ainda mais desafiador, exigindo uma abordagem clínica cuidadosa baseada na exclusão de outras doenças reumatológicas (Siracusa *et al.*, 2021).

A fibromialgia frequentemente provoca uma verdadeira peregrinação diagnóstica, em especial porque não são identificadas alterações físicas que expliquem plenamente as dores e os demais sintomas. Essa ausência de marcadores objetivos contribui para a demora no diagnóstico e no início do tratamento. O percurso para tratar a fibromialgia revela-se árduo e permeado por incertezas, já que sua etiologia permanece obscura e multifatorial, envolvendo fatores genéticos, neuroquímicos e ambientais. A falta de marcadores laboratoriais objetivos e a sobreposição com outras síndromes agravam o sofrimento e ampliam a sensação de invisibilidade (Russell *et al.*, 2018).

As pessoas acometidas pela fibromialgia não enfrentam apenas a dor física, mas também a dor simbólica do descrédito e da marginalização. Nesse cenário, a fibromialgia ultrapassa os limites biomédicos e se apresenta como uma condição que provoca profundo sofrimento existencial, desafiando tanto a prática médica quanto os referenciais culturais que condicionam o reconhecimento da dor à sua mensurabilidade (Galvez-Sánchez; Duschek; Reyes Del Paso, 2019).

Castellanos, Barros e Coelho (2018) apontam que a dor crônica, além de experiência clínica, é também cultural e existencial, afetando identidade, linguagem, memória e modos de inserção no mundo. Nesse sentido, a cronicidade da fibromialgia desestabiliza a autoimagem e promove descontinuidades nas formas de viver, aproximando-se do conceito de "ruptura biográfica", proposto por Bury (1982).

A crise de dor e identidade vivida por mulheres com fibromialgia é agravada pela invisibilidade da síndrome e pelo descrédito social, produzindo estigma baseado na descrença, nas dificuldades diagnósticas e nos estereótipos de gênero. Tais fatores reduzem a dignidade, corroem a confiança nos profissionais e ampliam o sofrimento físico e psicológico, o que evidencia a importância de sensibilizar os profissionais de saúde para reconhecer e combater o estigma (Colombo *et al.*, 2025).

Paralelamente, observa-se uma crise de valores: as limitações funcionais impedem a realização de valores de criação, ligados à produtividade, e de valores de experiência, relacionados aos vínculos interpessoais (Frankl, 2011). Mais que diagnóstico bio-

médico, a fibromialgia se configura como experiência de vulnerabilidade subjetiva, marcada pela fragilidade da autoestima e pelo estigma social. Ao reduzir sua dor a um problema "da mente", reforçam-se preconceitos que comprometem a legitimidade da identidade e do sofrimento dessas pessoas, provocando uma crise de subjetividade com impactos laborais e relacionais (Bernstein, 2016).

A fibromialgia configura-se como espaço de tensão entre a busca por reconhecimento e o constante descrédito social e institucional. A ausência de etiologia definida intensifica a vulnerabilidade, levando a pessoa a justificar repetidamente sua dor diante de familiares, colegas e profissionais de saúde. Essa necessidade de provar o sofrimento amplia a descrença coletiva e compromete o pertencimento social, ameaçando a legitimidade e a voz da pessoa. A crise, portanto, não é apenas individual, mas também cultural e relacional, revelando que o reconhecimento do sofrimento é fundamental para a reconstrução identitária e para o cuidado integral. Paralelamente, emerge a crise de sentido, expressa em perguntas como "Por que eu?" e "Que sentido tem viver assim?", que evidenciam a dimensão noética do sofrimento e desafiam os modelos reducionistas da medicina, exigindo abordagens interdisciplinares e sensíveis à subjetividade humana (Bernstein, 2016).

Em uma cultura que tende a medicalizar ou silenciar a dor, o sofrimento crônico se torna um grito existencial por sentido. Frankl (1985, 2011, 2016) oferece uma contribuição essencial ao afirmar que, mesmo diante do sofrimento inevitável, o ser humano pode encontrar um propósito. Como ressalta o autor, "a

vida conserva o seu sentido potencial sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis" (Frankl, 1985, p. 138). Assim, considerar a fibromialgia sob a ótica do sentido e da reconstrução existencial permite uma abordagem mais humanizada, ética e integral do cuidado.

A LAE oferece um caminho singular para enfrentar o sofrimento existencial vivenciado por mulheres com fibromialgia, ao propor que mesmo o sofrimento inevitável pode ser fonte de sentido. Três conceitos centrais, como o autodistanciamento, a autotranscendência e o valor de atitude, revelam-se especialmente transformadores nesse contexto (Frankl, 1985, 2011, 2016).

O autodistanciamento é a capacidade humana de não se confundir com a própria dor. Ao reconhecer que "tenho fibromialgia, mas não sou a fibromialgia", a mulher preserva um núcleo identitário que resiste à redução do ser à doença. Técnicas logoterapêuticas, como a derreflexão (redirecionamento do foco da dor para outros aspectos da vida) e o diálogo socrático (questionamento das crenças limitantes sobre a condição), favorecem esse reposicionamento existencial (Frankl, 1985, 2011).

A autotranscendência é a orientação para além de si, um antídoto ao autocentramento que a dor crônica tende a impor. Mesmo com limitações, muitas mulheres redescobrem sentido ao se posicionarem no cuidado de seus filhos, no apoio a outras pessoas ou engajando-se em causas sociais relacionadas à fibromialgia. Expressões como "minha dor pode ajudar outras mulheres" revelam a força dessa dimensão, que amplia o horizonte existencial para além do sofrimento (Frankl, 2011).

O valor de atitude traduz a liberdade última de escolher como reagir diante do incontrollável. Mulheres com fibromialgia podem descobrir sentido na vida mesmo em meio ao sofrimento crônico. A autora deste artigo vivenciou essa possibilidade ao ser privada de exercer sua primeira profissão, como dentista, em razão do diagnóstico de fibromialgia e de doença reumática. Posteriormente, encontrou na LAE um novo sentido para a vida, reconhecendo que a experiência de dor e sofrimento contribuiu para a valorização de aspectos essenciais da existência. Tal trajetória exemplifica o princípio frankliano de que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, o ser humano preserva a liberdade de atribuir sentido à própria vida (Frankl, 1985, 2011).

A Logoterapia não oferece uma cura para a fibromialgia, mas propõe algo talvez mais essencial: uma forma de conviver com a dor com sentido de vida. Nesse percurso, cada mulher é convidada a viver sua liberdade interior e a afirmar valores que lhe permitam transformar o sofrimento em sentido. Tal perspectiva desloca o foco do mero controle sintomático para a dimensão existencial, reconhecendo que, mesmo diante das limitações impostas pela doença, é possível realizar escolhas significativas (Frankl, 2011, 2016).

A aplicação da LAE no contexto da fibromialgia representa uma prática contracultural que desafia os paradigmas hegemônicos da saúde, propondo uma abordagem integral do adoecimento crônico com base no sentido da vida. Ao centrar-se na dimensão noética do ser humano, a referida abordagem oferece

uma resposta ética e existencial à fragmentação biomédica, reposicionando o sujeito como agente ativo de sua própria história (Frankl, 2011).

A Logoterapia rompe com o reducionismo epistemológico dominante ao reconhecer a dimensão espiritual (noética) como inalienável à condição humana (Frankl; Reyes, 2016). No campo da fibromialgia, essa visão contraria a marginalização da experiência subjetiva da dor e propõe uma compreensão que integra corpo, psique e espírito (Längle, 2011). Esse reposicionamento manifesta-se na prática clínica ao validar incondicionalmente a dor relatada, mesmo sem evidências em exames; reconhecer a singularidade da experiência de adoecimento, resistindo à padronização diagnóstica; e integrar as dimensões físicas, psíquicas e existenciais ao processo terapêutico.

Enquanto abordagens tradicionais concentram-se na supressão de sintomas, a LAE amplia o foco terapêutico ao incluir a busca de sentido como elemento estruturante do cuidado, pois a presença de sentido está fortemente associada a uma melhor adaptação à dor crônica, podendo reduzir o impacto da fibromialgia sobre a qualidade de vida. Isso não significa desprezar o manejo clínico da dor, mas integrá-lo a um plano terapêutico mais abrangente, que contempla o tratamento dos sintomas físicos por meio de equipes interdisciplinares. Assim, o enfrentamento das implicações emocionais da dor crônica e a descoberta de sentido revelam-se promissores, mesmo diante de limitações (Frankl, 2016).

A LAE é uma abordagem terapêutica que não ignora a dor, mas convida à reconstrução de sentido em meio a ela (Frankl,

2011). O ser humano é capaz de se posicionar diante de seus condicionamentos, em uma perspectiva que restitui dignidade e protagonismo. As mulheres que sofrem com fibromialgia, que frequentemente são desacreditadas e reduzidas aos seus sintomas, precisam ser acolhidas, valorizadas e orientadas a buscar sentido para a vida. Sob essa perspectiva, a LAE configura-se não apenas como uma prática terapêutica, mas como uma forma radical de humanização que se coloca como contracultura no enfrentamento da fibromialgia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fibromialgia, como dor crônica e invisível, desafia não apenas os limites da medicina, mas também os limites éticos e humanos da escuta e do reconhecimento. O modelo biomédico tradicional, ao negligenciar a dimensão existencial da experiência, contribui para a perpetuação do sofrimento psíquico e social das mulheres afetadas, pois a dor que não se vê, muitas vezes, não é acreditada, ferindo tanto a pessoa quanto a própria experiência da dor.

A LAE, ao valorizar a dimensão noética do ser humano, propõe um resgate da dignidade e do sentido mesmo em meio ao sofrimento. Sua abordagem contracultural reconhece a liberdade interior, oferecendo à mulher com fibromialgia não apenas um caminho terapêutico, mas uma nova narrativa de existência: a de sujeito ativo, capaz de encontrar sentido, esperança e propósito,

apesar das limitações impostas pela doença. O humanismo contracultural da Logoterapia oferece esperança e redefine a experiência do adoecimento, mostrando que o sentido pode ser encontrado apesar do sofrimento, na atitude que se assume diante dele.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, J. Not the last word: fibromyalgia is real. *Clinical Orthopaedics and Related Research*, v. 474, n. 2, p. 304–309, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11999-015-4670-6>.

BURY, M. Chronic illness as biographical disruption. *Sociology of Health & Illness*, v. 4, n. 2, p. 167–182, 1982.

CASTELLANOS, M. E. P.; BARROS, N. F. de; COELHO, S. S. Rupturas e continuidades biográficas nas experiências e trajetórias familiares de crianças com fibrose cística. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 2, p. 357–368, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018232.16252017>.

COLOMBO, B.; ZANELLA, E.; GALAZZI, A.; ARCADI, P. The experience of stigma in people affected by fibromyalgia: a metasynthesis. *Journal of Advanced Nursing*, v. 81, n. 10, p. 6317–6332, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1111/jan.16773>.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes, 1985.

FRANKL, V. E. *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANKL, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. Lisboa: Quadrante, 2016.

FRANKL, V. E. *A vontade de sentido*. São Paulo: Paulus, 2011.

GALVEZ-SÁNCHEZ, C. M.; DUSCHEK, S.; REYES DEL PASO, G. A. Psychological impact of fibromyalgia: current perspectives. *Psychology Research and Behavior Management*, v. 13, p. 117–127, 2019. DOI: <https://doi.org/10.2147/PRBM.S178240>.

LÄNGLE, A. The existential fundamental motivations structuring the motivational process. In: LEONTIEV, D. A. (ed.). *Motivation, consciousness and self-regulation*. New York: Nova Science Publishers, 2011. p. 27–42.

RUSSELL, D.; ÁLVAREZ GALLARDO, I. C.; WILSON, I.; HUGHES, C. M.; DAVISON, G. W.; SAÑUDO, B.; MCVEIGH, J. G. Exercise to me is a scary word: perceptions of fatigue, sleep dysfunction, and exercise in people with fibromyalgia syndrome – a focus group study. *Rheumatology International*, v. 38, p. 507–515, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00296-018-3932-5>.

SIRACUSA, R.; DI PAOLA, R.; CUZZOCREA, S.; IMPELLIZZERI, D. Fibromyalgia: pathogenesis, mechanisms, diagnosis and treatment options update. *International Journal of Molecular Sciences*, v. 22, n. 8, p. 3891, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijms22083891>.

WOLFE, F.; CLAUW, D. J.; FITZCHARLES, M. A.; GOLDENBERG, D. L.; HÄUSER, W.; KATZ, R. L.; WALITT, B. 2016 revisions to the 2010/2011 fibromyalgia diagnostic criteria. *Seminars in Arthritis and Rheumatism*, v. 46, n. 3, p. 319–329, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.semarthrit.2016.08.012>.

LOGOTERAPIA NO CONTEXTO DA MATERNIDADE ATÍPICA - UMA EXPERIÊNCIA COM O PLANTÃO PSICOLÓGICO

Rouseane da Silva Paula Queiroz¹

No Brasil, constatamos um aumento dos debates e das demandas no que diz respeito à maternidade atípica, devido ao grande número de diagnósticos e aos avanços científicos. Nesse cenário, em comum, as mães são as que abdicam da profissão para uma dedicação exclusiva aos filhos, às suas rotinas e às terapias. Assim, essas mulheres encontram-se, com frequência, isoladas, anuladas e sozinhas, seja em relação à autoestima, aos projetos pessoais ou ao descanso. Biazzi e outros (2022) identificaram que a pesquisa mais antiga sobre TEA (Transtorno do Espectro

¹ Doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pedagoga pela UFN. Psicóloga pela Faculdade Maurício de Nassau de Natal. Email: rouseanepaula@uern.br

Autista) data de 2004; portanto, estamos há duas décadas observando esse fenômeno e sua relevância social.

O presente trabalho objetiva relatar uma experiência de plantão psicológico, na ótica logoterapêutica, no contexto da APAE Natal, por ocasião do estágio supervisionado do curso de bacharelado em Psicologia. Tal instituição serve de referência para as outras APAEs do Rio Grande do Norte e é, também, referência nacional pela excelência dos serviços prestados.

A APAE Natal é a pioneira no estado do Rio Grande do Norte e uma das primeiras APAEs do Brasil. Essa história começou a ser escrita no dia 31 de outubro de 1959, graças ao Clube de Pais e Mestres da Clínica Pedagógica Professor Heitor Carrilho.

Na época do estágio, a APAE Natal contava com 550 matriculados, que recebiam, de forma gratuita, atendimentos diversos de fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional, audiometria, hidroterapia, odontologia, neurologia, ortopedia, psicomotricidade, psicopedagogia, nutrição e psicologia, além de atendimento educacional especializado e projetos específicos que envolviam música, atividades físicas, informática e artes.

De 2022 a 2023, no Brasil, o número de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) matriculados em salas de aula comuns — ou seja, junto com alunos sem deficiência — aumentou 50%: saltou de 405.056 para 607.144, segundo dados do Censo da Educação Básica. Graças à maior capacidade diagnóstica e à conscientização da população sobre o fenômeno do autismo e das necessidades especiais, em geral, tem crescido, há duas décadas, o número de diagnósticos de crianças

e adolescentes com necessidades educacionais especiais. A educação especial contempla estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista, altas habilidades ou superdotação.

Entre 2023 e 2024, as matrículas cresceram 17,2% — de 1,8 milhão para 2,1 milhões. Na série histórica trazida pelo Censo Escolar, o número de estudantes matriculados na educação especial aumentou 58,7%, em relação a 2020. Um filho com deficiência muda os planos da família, aumenta a responsabilidade e a necessidade de investimento. A família sofre um forte impacto, em especial a mulher. Assim, na maternidade atípica, torna-se vital o cuidado com a saúde mental, incluindo sono, autocuidado e autoconhecimento. Afinal, quem cuida de quem cuida?

A figura da mulher associada ao cuidado, nesse contexto, é exacerbada, como se somente a mãe fosse responsável por atender e acolher as necessidades de seu filho, até como uma forma de minimizar o incômodo social que ser divergente causa. A mãe se vê sem vida própria, sem lazer, com sono desregulado, sob forte estresse.

PERCURSO METODOLÓGICO

O ingresso no ambiente apaeano ocorreu por ocasião do estágio. Inicialmente, as atividades com as mães aconteceram em grupo. Ao longo dos encontros, as mães atípicas expressavam a vontade de serem ouvidas individualmente; nesse momento, surgiu a ideia do plantão psicológico. Em um dos momentos do grupo, trabalhou-se em duplas com o baralho terapêutico Sinto da Vida (Bandeira; Rocha; Bento, 2022). Na dinâmica com o

baralho terapêutico, aconteceu uma reflexão sobre o sentido da vida e o fortalecimento dos vínculos entre as participantes. As mães expressaram suas dores, sonhos e expectativas de forma vulnerável e, ao mesmo tempo, forte; houve uma troca enriquecedora de experiências e sentimentos, na qual cada participante valorizou o espaço para compartilhar e refletir sobre sua vida, fortalecendo os laços e proporcionando introspecção e apoio mútuo.

Algumas partilhas afloravam emoções e evocavam peculiaridades da história das mulheres, tanto que se entendeu a necessidade da escuta individual, na qual a empatia foi fundamental nesse agir terapêutico. Os casos atendidos na APAE apresentavam como queixa principal a fragilidade dos vínculos e os conflitos familiares. Os atendimentos na modalidade de plantão foram iniciados na primeira semana de maio de 2024. As sessões tiveram duração de 40 minutos e aconteceram tanto na sala do médico quanto na sala de dança. Nessa oferta de escuta, o *setting terapêutico* pode ser qualquer lugar, desde que se garanta a privacidade do processo terapêutico.

RESULTADOS

O plantão psicológico tem um viés social ao ampliar o acesso ao serviço de saúde mental. Além disso, essa modalidade de atendimento prioriza o acolhimento com a intenção de obter clareza, encontrar sentido e novas possibilidades frente à demanda. Encontrar sentido diante do sofrimento não faz da Logoterapia uma abordagem pessimista, mas revela a contribuição da

tríade trágica na busca de sentido; afinal, não há um único ser humano que possa dizer que jamais sofreu, jamais falhou e que não morrerá (Frankl, 2011, p. 94). Realizaram-se oito atendimentos no primeiro semestre de 2024. As mulheres atendidas estavam na faixa etária entre 30 e 40 anos e traziam histórias marcadas pela vulnerabilidade social, desde a violência doméstica até problemas com o alcoolismo de seus companheiros, além de famílias com muitos filhos e questões relacionadas à falta de condições materiais básicas.

DISCUSSÃO

Cuidar da mãe também é cuidar do filho. No diálogo com a paciente, conseguiu-se a confiança necessária para que ela pudesse desaguar suas queixas, encontrar atenção e uma escuta isenta de julgamentos. A plantonista não sabe ao certo o que a espera naquele dia de atendimento. Nesse momento, as mães relatavam planos pessoais, vontade de viajar e questões relacionadas à conjugalidade. Falavam da mulher por trás da maternidade, ou seja, numa perspectiva da clínica fenomenológica, conceber as mães atípicas em suas diferentes dimensões implica reconhecê-las em sua totalidade, a saber: dimensão noética (processos individuais), cuja descrição fenomenológica é possível; dimensão psíquica (processos subjetivos), cuja avaliação é possível por testes psicológicos; e dimensão somática (processos objetivos), cuja mensuração científica é possível (Lukas, 1989, p. 70)

Nos atendimentos, identificou-se ambivalência na fala das mães. Constatação semelhante encontrou-se em um trabalho

sobre a realidade das donas de casa. As autoras afirmam que são intrigantes os discursos de mulheres donas de casa, tendo em vista o fato de essas participantes terem trabalhado fora antes de casar-se ou até mesmo após casadas.

Mostram ambivalência no fato de terem saído do trabalho para se dedicarem às famílias e, ao permanecerem ocupando esse lugar, desejarem ter um trabalho fora para serem remuneradas (Diniz; Santos, 2018, p. 44). Ambivalência semelhante encontra-se nas mães atípicas, algumas revelam, no setting terapêutico, o peso de uma maternidade exigente diante de uma realidade na qual o filho prolonga, em suas necessidades cotidianas, o vínculo simbiótico. Há algo no encontro humano que transcende qualquer técnica; o encontro, na perspectiva existencial, está fundado na relação dialógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, essas mulheres enfrentam desafios únicos e, muitas vezes, lidam com altos níveis de estresse, exaustão emocional e até mesmo isolamento social. O grupo terapêutico ofereceu um espaço seguro e acolhedor, no qual as mães puderam compartilhar suas experiências, sentimentos e preocupações com outras mulheres que entendem suas lutas e desafios. Além disso, as atividades voltadas para o autoconhecimento e o autocuidado proporcionaram às mães a oportunidade de refletir sobre suas próprias necessidades e bem-estar emocional. Ao aprenderem a reconhecer e gerenciar suas emoções, desenvolveram estratégias

de enfrentamento saudáveis e cultivaram uma maior compreensão de si mesmas.

A experiência vivida pelas mães foi de suma importância para questões não faladas e não compreendidas, marcadas por desafios significativos, pessoais e sociais. A teoria sobre grupos de apoio destaca a importância dessas redes para fornecer suporte emocional de fácil acesso. Grupos com mães atípicas não oferecem apenas um lugar de escuta ou refúgio do mundo em que vivem, mas um espaço de resiliência e solidariedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, ano 152, n. 127, seção 1, 7 jul. 2015.

DINIZ, G. R.; SANTOS, L. S. Saúde mental de mulheres donas de casa: um olhar feminista-fenomenológico-existencial. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 30, 2018.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 9, n. 2, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/7dTyvpTbPQW9XfFsgk4shcn/>.

FRANKL, V. E. *A vontade de sentido*. São Paulo: Paulus, 2011.

KASSAR, M. C. M.; REBELO, A. S. Abordagens da educação especial no Brasil entre final do século XX e início do século XXI. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 24, edição

especial, p. 51–68, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/QnsLXV5R9QBcHpTc4qMQ9Tr/?format=pdf&lang=pt>.

ROCHA, A.; BANDEIRA, L.; BENTO, M. Sentido da vida: 100 questões para entender o que move você. Rio de Janeiro: Matrix, 2022.

A MÁQUINA NEOLIBERAL DO TEMPO: SUBJETIVIDADES APRESSADAS NO ESPELHO ESTILHADO DE ALICE

Sandonaity Monteiro Amorim Júnior¹

Marílis Carla dos Santos Sousa²

Luan Martins de Souza³

Este estudo tem como objetivo analisar, a partir da releitura do personagem Coelho Branco, de *Alice no País das Maravilhas*, como a cultura neoliberal da pressa reconfigura a experiência humana do tempo, transformando-o em mercadoria, em al-

¹ Graduado em filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2021); Graduando em Teologia e Psicologia e Pós-Graduando em Neuropsicologia pela UniCatólica do Rio Grande do Norte. E-mail: sandonaity@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela UniCatólica do Rio Grande do Norte. E-mail: mari-liscarla07@gmail.com

³ Mestre em Saúde e Sociedade pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bacharel e Licenciatura em Psicologia com ênfase em Psicologia do Trabalho e Organizacional pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Gestão e Psicologia Organizacional pela UNICORP. Pós-graduando em Avaliação Psicológica pela UniCatólica do Rio Grande do Norte. E-mail: luanmartins-psi@gmail.com

goritmo e em dívida subjetiva. A figura do Coelho Branco — sempre apressado, desconectado, aflito pelo futuro — representa o sujeito contemporâneo, capturado por uma lógica de aceleração infinita, na qual a pausa é interpretada como fracasso, e o silêncio, como ineficiência. Nesse sentido, a metáfora do personagem não é mero recurso estético: ela encarna o drama real de uma sociedade em que correr virou verbo existencial, e parar tornou-se uma ameaça, evidenciando um tempo em que até mesmo o valorizar das relações humanas é vilipendiado, pois não traz benefícios lucrativos a uma sistemática que preza pelo ato de produzir como condição de existência.

Este estudo tem sua importância ao lançar luz sobre o modo como o tempo digitalizado, acelerado e performativo se entrelaça com os dispositivos de poder neoliberal, afetando profundamente as subjetividades contemporâneas. O estudo denuncia a psicologização individualizante do sofrimento, propondo uma leitura crítica que resgata o campo da Psicologia social e do trabalho como espaço de resistência política e ética frente ao esvaziamento existencial promovido por um tempo que já não permite habitar o presente, ao mesmo passo que romantiza esse modo de existência.

Sabendo disso, este trabalho se ancora, principalmente, nas obras de Byung-Chul Han, sobretudo *A Sociedade do Cansaço* (2017), *A Expulsão do Outro* (2022) e *Favor fechar os olhos* (2021), que denunciam a passagem de uma sociedade disciplinar, marcada por proibições, para uma sociedade do desempenho, em que a opressão se internaliza, e o sujeito se torna explorador de si. Con-

ceitos como sociedade do cansaço, positividade tóxica e banóptico digital são articulados para compreender o sujeito neoliberal que, muito mais do que ser vigiado, é ele quem agora se vigia. Também dialogam com a análise autores como Zygmunt Bauman (2001; 2007), ao abordar a fluidez das relações contemporâneas e a degradação da identidade. Viktor Frankl (2019a; 2019b) aparece aqui como um importante autor que discutirá a ligação entre esse cenário e a crise do vazio existencial na modernidade.

Ademais, Amadeo Cencini (2012) também será citado, principalmente, por trabalhar a dimensão da formação humana pelo encontro com o outro. Sob essa perspectiva, o presente estudo propõe uma correlação crítica entre a lógica sistêmica vigente — que converte toda forma de existência em tempo destinado ao trabalho e à produtividade — e a figura do Coelho Branco da obra *Alice no País das Maravilhas*. A intenção é ilustrar como o sujeito contemporâneo tende a reproduzir comportamentos análogos aos do personagem, marcados pela urgência constante e pela ultravalorização do imediatismo. Tal postura, longe de ser apenas individual, revela-se como reflexo de um modelo ideológico opressor que deslegitima o descanso e transforma o tempo em mercadoria.

REFERENCIAL TEÓRICO

O tempo que antes significava ciclo, encontro, espera, relação passa a ser experimentado como linha de produção: cronometrado, esvaziado de sentido e hipertrofiado pela exigência de performar, de modo que o tempo do outro, o tempo comum, é

eclipsado por uma subjetividade colonizada pelo imperativo do "eu-produtivo" (Han, 2017). Nesse contexto, refletir criticamente sobre os impactos psicossociais da aceleração do tempo na era neoliberal é necessário, primordialmente, para compreender como o tempo, enquanto categoria social e subjetiva, é capturado pelo capital e como essa captura adocedora mina a possibilidade de uma vida com sentido.

Faz-se necessário que se entenda que, para que haja a própria possibilidade de refletir sobre o sentido na vida, é preciso permitir-se parar e viver o ócio, pois este é o tempo propício para o autodistanciamento e a autotranscendência (Aquino, 2013). Talvez já aqui se possa entender por que o vazio existencial é tão comum nos dias atuais, já que as pessoas vivem inebriadas pela cultura da pressa, a qual tenta negar, a todo custo, aos seres humanos a possibilidade de busca e realização de sentido. Perceba que buscar o sentido na vida é completamente ilógico para o neoliberalismo, que não vê valor algum em algo que não esteja ligado à produção e ao consumo. Nesse sentido, um tempo destinado à gratuidade é, assim, consumido pela cultura do consumo.

Contudo, o capitalismo é astuto o suficiente para entender que o ser humano é um ser que não vive sem ansiar por um sentido (Frankl, 2019a). Então, em alguma medida, o sentido pode, sim, ser buscado, principalmente, na realização daqueles valores de criação e de vivência ligados ao próprio sistema de produção e consumo capitalista. Veja, por exemplo, o quanto o sistema se alegra quando o homem dedica seu tempo ao trabalho, ao ato de criar, de produzir algo, ou quando esse mesmo homem pega seu "tempo livre" e seu dinheiro e os dedica à realização de

vivências que alimentem o próprio sistema, tais como ir a um shopping, ir ao cinema, fazer compras e assim por diante. De qualquer forma, isto é apenas uma maneira capciosa de o sistema se utilizar de uma necessidade humana para continuar sugando dele a sua força vital.

Aqui fica um alerta aos logoterapeutas: não basta apenas auxiliar as pessoas a realizar valores e encontrar sentido na vida; é necessário, ainda, levá-las ao desenvolvimento de um pensamento crítico. É preciso que haja o surgimento de um incômodo, de uma tensão existencial frente às realidades desumanas que o capitalismo provoca. Também é imprescindível que as pessoas entendam que o mundo está cheio de valores que não possuem uma base lucrativa, mas que, ainda assim, são valores que não podem ser desprezados.

Nesse sentido, o valor ligado às atitudes tende a não possuir, necessariamente, uma base valorativa ligada ao lucro, mas é esse o valor que mais se vincula à realização de sentido em uma vida permeada pelo sofrimento. Aqui há outro ponto de sensibilidade. O tempo do capital é um tempo que não aceita o sofrimento e a dor (Han, 2017; 2021), pois essas realidades são de difícil processamento, já que atrasam o fluxo de dados (já que é isso que os seres humanos passaram a ser: meros dados, números computáveis) que permeia toda a conjuntura social hodierna. Sofrer não é mais permitido, pois, para sofrer, é necessário parar, e isso não é aceitável. É preferível negar a dor, seja a dor do eu ou a do outro (Han, 2022). Com isso, acaba-se negando também a morte e a ideia de finitude ligada a ela (Han, 2017; Frankl, 2019b).

Sobre isso, Frankl (2019b) relata que o homem é, em sua essência, um *homo patiens*, um ser sofredor. A vida humana é paixão. Negar isso é negar a própria condição humana. O sujeito precisa aceitar a dor, a culpa e a morte para poder transformá-las em realização. Só o homem pode passar pelas adversidades da vida, sofrer e, ainda assim, tomar uma atitude positiva perante a vida. E, na mesma medida em que só ele pode fazer isso, é também ele o responsável por fazê-lo.

O homem passa a ser instigado a se ver como um "super-homem", um ser praticamente imortal e capaz de tudo, bastando apenas querer; mas não se iluda: o querer aqui é apenas ilusório, pois o que realmente importa, aparentemente, é que o homem nunca pare, sempre continue correndo, assim como o Coelho Branco de Alice. O sistema quer pessoas insaciáveis, quer pessoas que nunca deixam de querer, quer pessoas vazias existencialmente, pois é justamente no vazio que o homem se torna insaciável (Frankl, 2019a).

Contudo, o homem de nenhuma forma lucra com isso, visto que uma vida irresponsável perante o sentido é uma vida frustrada. Frankl (2019b) chegou a dizer que talvez algum dia o desenvolvimento tecnológico chegasse a um ponto em que a humanidade teria mais tempo livre, mas o entristecia saber que o ser humano não saberia o que fazer com esse tempo livre. Não porque o sujeito seja incapaz disso, mas porque o trabalho, muitas vezes, não se configura como realização de valor, mas, sim, como uma máscara para encobrir um vazio existencial. Por isso, quando este é retirado, o indivíduo se vê diante do tédio de ter que encarar seu próprio vazio, sua frustração espiritual. Nesse

sentido, Frankl (2019a) também fala da neurose dominical, relacionada à sensação de que o domingo é interminável, pois coloca o homem frente àquilo que ele quis negar durante toda a semana de trabalho: a sensação da falta de sentido na vida.

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada é qualitativa, de natureza teórico-reflexiva e interdisciplinar (Lunetta; Guerra, 2024), ancorada em revisão bibliográfica e análise simbólica (Cavalcante; Oliveira, 2020). Assim, o trabalho se configura como um estudo narrativo-crítico, que mobiliza trechos da obra de Carroll (2020) como espelhos da condição humana atual, transformando o texto literário em ferramenta crítica, de sorte que a metáfora do Coelho Branco não é apenas ilustrativa, mas um operador teórico que permite visualizar os efeitos subjetivos e sociais da aceleração do tempo. A literatura, assim, converte-se em linguagem da crítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa perspectiva, a análise evidenciou que a aceleração contemporânea promove a dissolução das fronteiras entre tempo de trabalho e tempo de vida, uma vez que o sujeito neoliberal se vê permanentemente em débito com um tempo que nunca basta. Ao mesmo tempo, é pressionado a ser "autêntico", "inovador" e "resiliente", convertendo até sua singularidade em capital simbólico, de modo que o tempo deixa de ser vivência e passa a ser ca-

pitalizável. A figura do Coelho Branco revela esse colapso psicológico da pressa: um sujeito que corre sem saber para onde, que se desfaz em múltiplas versões de si mesmo, enquanto tenta manter a aparência de coerência e sucesso.

Nesse panorama, o ritmo frenético do País das Maravilhas afeta também Alice, que, em determinado momento, já não consegue mais se reconhecer, porque, ao longo do dia, passou por tantas transformações — físicas e simbólicas — que sua identidade parece ter se dissolvido. Moldada repetidamente por estímulos externos, ela encarna a confusão e o esvaziamento de si que surgem quando o tempo deixa de ser vivido como experiência e se torna apenas urgência. Essa realidade relaciona-se, analiticamente, ao ser humano hodierno, o qual, mediado por inúmeras transformações simultâneas decorrentes da imediatividade do sistema capitalista, chega a um momento em que já não se reconhece mais, visto que vive envolvido com o trabalho, acorrentado a um ritmo de produção infundável que o impossibilita de pensar sobre si mesmo.

Sob esse viés, a crítica ao conceito de autenticidade aqui apresentada é importante para entender o quanto o ser humano hodierno é manipulado. Perceba que a busca por uma singularidade é completamente ilusória. Não é do interesse do capital que as pessoas busquem autoconhecimento, visto que isso prejudica o fluxo de dados (quanto mais singularidades surgem, maior é o número de dados a serem computados; isso desacelera o processamento). Portanto, quando o sistema capitalista fala de autenticidade, ele está falando de autoexploração e autoalienação (Han, 2017). No fim, o homem que busca autenticidade desemboca no

mais do mesmo. A busca por se diferenciar do outro, negando-o, é o mesmo, aqui, que igualar-se a ele, pois segue a mesma lógica de desempenho e competitividade que homogeneiza as subjetividades.

Dessa forma, a cultura do multitarefismo, do narcisismo digital, da positividade compulsória e da hiperconectividade é identificada como fator central no adoecimento das subjetividades. As redes sociais funcionam como câmaras de eco, em que o sujeito se vê cercado por versões idealizadas de si e dos outros, incapaz de sustentar a escuta da alteridade. O outro desaparece; a comunidade se fragmenta (Han, 2022; Bauman, 2001; 2007). Na sociedade do cansaço, todos gritam — mas ninguém escuta. Nela, a aceleração é tanta que não se digere mais a experiência, e a contemplação torna-se um luxo subversivo. Ora, não são apenas os gritos do outro que são silenciados pela aceleração, mas também os gritos internos de cada um. Frankl (2019a) relatava que a vida de cada pessoa clama por um sentido. Atualmente, é possível dizer que ela grita, pois o homem está cada vez mais surdo.

Na ausência de um "outro" autêntico com quem o "eu" possa se confrontar e reconhecer-se como tal, torna-se inviável falar em formação e amadurecimento subjetivo, visto que, na contemporaneidade, busca-se o distanciamento das diferenças. O que ocorre, atualmente, é uma espécie de distanciamento do igual que transluz o vazio (Han, 2017). Os encontros, que deveriam ser experiências de alteridade, tornam-se estereis, pois passam a refletir apenas a própria autoimagem — um espelhamento narcísico que esvazia a possibilidade de construção identitária genuína (Cencini, 2012). Ademais, a perda do outro também se configura

como um distanciamento negativo da realização de sentido. Sem alguém para amar e a quem se doar, o "eu" tem suas possibilidades de realização de sentido mutiladas. Mais grave do que isso é perceber que, se esse outro é apenas um eco de si mesmo, então é difícil falar em amor e doação.

Sendo assim, a política neoliberal totaliza o tempo voltado para o "eu-produtivo", apagando o tempo para o outro, para a pausa, para a escuta e para o cuidado. Isso impacta diretamente o modo como os vínculos são construídos, como a identidade é formada e como o sofrimento é compreendido. Assim, a fragmentação do sujeito, sua ansiedade crônica e a sensação de não pertencimento são consequências diretas da privatização do tempo e da dissolução da alteridade. Veja, por exemplo, o diálogo entre Alice e a Taturana, em que essa personagem faz a seguinte pergunta: "Quem é você?". Alice se mostra incapaz de responder a essa pergunta, assim como muitas pessoas na atualidade, pois já não possuem identidade própria nem sabem os limites entre o eu e o outro.

Entenda que a mudança em si não é ruim; na verdade, ela chega a ser algo necessário e natural. O próprio Frankl (2019a) fala de um sentido para cada momento, abordando também um homem em constante tensão entre o ser e o dever-ser, entre essência e existência. Em outras palavras, o homem é um ser em missão, um ser em construção (Frankl, 2019b), mas o problema é quando essa mudança ocorre de forma rápida e sem sentido. Sendo assim, o homem precisa voltar a tomar as rédeas da própria vida,

dizendo um basta ao consumo e à produção desenfreados. Neces-
sita refletir e reaprender a escutar a própria vida, que nunca dei-
xou de questioná-lo sobre o seu sentido.

Por fim, vale lembrar que a pressa, representada aqui pela
figura do Coelho Branco, está ligada a um olhar que se volta para
o futuro, o que não deve ser considerado, precisamente, como
algo ruim. A própria ânsia por uma realização de sentido, muitas
vezes, dirige seu olhar para o futuro. Entretanto, o sentido se re-
aliza sempre no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conclui-se que a cultura da pressa se configura
como uma nova tecnologia de dominação, como uma "máquina
do tempo" invertida, na qual o futuro é sempre um campo de
promessas inalcançáveis, e o presente é constantemente sacrifi-
cado em nome de uma produção sem sentido. A metáfora do Co-
elho Branco nos convoca a uma desobediência temporal: reivin-
dicar o direito à pausa, à lentidão, à escuta e ao ócio criativo.
Como propõe Han, o sujeito do desempenho está condenado a si
mesmo — à transparência, à positividade, à velocidade que o fra-
gmenta. Diante disso, o maior gesto político talvez seja desacele-
rar, recusando o imperativo da produção e recuperando o silên-
cio, o tédio fértil, a escuta e a espera. Não para voltar ao que éra-
mos, mas para lembrar que a vida começa onde o relógio não
toca.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A. de. Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Tradução de P. Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. Tempos líquidos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARROLL, L. Alice no País das Maravilhas. Tradução de A. Cristi. 2. ed. São Paulo: Mojo.org, 2020.

CAVALCANTE, L. T. C.; OLIVEIRA, A. A. S. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, v. 26, n. 1, p. 83–102, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>.

CENCINI, A. Formação permanente: acreditamos realmente?. São Paulo: Paulus, 2012.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 45. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019.

FRANKL, V. E. O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psiquiatria. Tradução de R. Bittencourt. Porto Alegre: É Realizações, 2019.

HAN, B.-C. A expulsão do outro. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, B.-C. A sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B.-C. Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo. Tradução de L. Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

LUNETTA, A.; GUERRA, R. PERCURSO METODOLÓGICOS e classificação das pesquisas científicas. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 5, n. 8, e585584, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47820/recima21.v5i8.5584>.

HUMANISMO, ÉTICA E LOGOTERAPIA: OS CUIDADOS NECESSÁRIOS NO CAMINHO DA PAZ MUNDIAL

Flávio Luiz Honorato da Silva¹

Maria Denise de Assis²

Diogo Rogério Carlos³

Ana Lúcia Matos Diniz Oliveira⁴

¹ Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor em Engenharia de Alimentos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Engenharia Química pela UFPB. Graduado em Engenharia Química pela UFPB. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial pela UNILIFE. Email: flavio-luizh@yahoo.com.br

² Psicóloga pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e especialista em Logoterapia e Análise Existencial pela UNILIFE. Email: mdeniseassis@gmail.com

³ Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau de Caruaru. Mestrando em Psicologia Social pela Universidade de Flores. Psicólogo pela Universidade do Vale do Ipojuca. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial pela UNILIFE. Email: diogorogeriopsi@outlook.com

⁴ Especialista. Rede Nacional de Tanatologia. Email: anamatosdiniz@gmail.com

Segundo Carvalho e Silva (2019), humanismo é um conceito muito amplo, podendo ser compreendido como uma perspectiva de pensamento que coloca o ser humano como elemento central, buscando analisar sua realidade e sua existência. Na visão da filosofia existencial da escola fenomenológica ou de autores próximos dela, como Karl Jaspers, Martin Buber e Gabriel Marcel, associou-se a concepção do sentido à restauração da transcendência, perdida com o avanço do positivismo e do materialismo no século XIX. Os autores afirmam:

O humanismo que assume ser a existência humana a realização de um projeto. Isso significou considerar a vida uma abertura ao futuro em consonância com uma missão pessoal. Esse projeto alimenta a vontade de viver e estimula enfrentar os desafios da vida. Desse modo, o homem, mesmo sem sair do presente, vive com os olhos direcionados para fora e para frente. Como esse futuro que se busca depende de muitas realidades, sobre as quais a pessoa não tem controle, o dirigir-se para lá é uma jornada sem garantias e o sentido ou missão existencial é a bússola que guia nesse empreendimento (Carvalho; Silva, 2019, p. 76).

Nessa mesma linha de pensamento, os autores afirmam que Viktor Frankl considerou o tema do sentido, trazendo-o para o espaço da psicologia fenomenológica, com suas ideias e posições humanistas. Ou seja:

A análise existencial que ele criou, em que pese seja uma técnica psicoterápica, adotou procedimentos com preocupações éticas para promover a reumanização da psicoterapia. Faz isso afirmando características antropológicas que ele recupera da tradição humanista. Em função de seu estrato espiritual, o homem acolhe as questões que a vida lhe faz e se obriga a encontrar respostas para elas (Carvalho; Silva, 2019, p. 77).

Viktor Frankl foi impactado pelos trabalhos de Max Scheler, escritos nos primeiros anos do século XX. A definição de Scheler (1986, p. 37) de homem afirma que este é "por si, um ser superior e sublime, acima de toda a vida e seus valores, acima da totalidade da natureza", ou seja, "o ser em quem a psique se purificou e se libertou do serviço que presta à vida, elevando-se ao espírito, a um espírito a cujo serviço se coloca agora a vida, tanto no sentido objetivo quanto no subjetivo-psíquico".

Max Ferdinand Scheler (1875-1928) viveu 53 anos e deixou um legado que o faz ser considerado o mais frutífero de todos os fenomenólogos, com importantes contribuições para os campos do humanismo e da ética, presentes em seus pensamentos escritos em livros (Scheler, 1986, 2012, 2024). Frankl (1995, p. 32), em sua visão da Logoterapia e Análise Existencial (LAE), em diálogo com os pensamentos de Scheler sobre a realidade humana e sobre a visão determinista da psicanálise, afirma que Max Scheler havia ensinado que essa realidade humana se situa em um nível essencialmente diferente ou representa, pelo menos, algo mais complexo e mais amplo diante da mera instintividade, pois, em certa ocasião, ele falou de uma "alquimia espiritual", por arte da qual a libido se converte em pensamento e bondade.

Continuando o seu pensamento, Frankl (1995) afirma que Max Scheler definiu a base do humano como a "realização de seus valores mais elevados" (p. 18), o que leva em conta não só o biológico e o psicológico, mas também a dimensão noética (espiritual) na existência humana em sua totalidade, ou seja, a compreensão biopsicoespiritual do ser humano.

A ética é um tema recorrente na atualidade, mas muitas vezes descontextualizado do humanismo.

De acordo com Cortella e Barros Filho (2014, p. 35), ética é a "inteligência compartilhada a serviço do aperfeiçoamento da convivência" e "um hábito de respeito pela presença e pela vida do outro". Pintos (2022, p. 131) apresenta, em seu livro, a visão de Viktor Frankl em seu pensamento ético-político do monantropismo, afirmando que a proposta política dele sempre foi trabalhar para cessar a "corrente do mal", ou seja, o império do ódio, considerado um dos principais pilares da tragédia das guerras e atrocidades da humanidade.

Na perspectiva do monantropismo de Frankl (1991, p. 21), afirma-se que há uma tarefa comum da humanidade, que talvez possa ser a tarefa comum mais nobre e de vital importância: o sentido único de um movimento de paz em nível mundial. A humanidade depende da capacidade coletiva de desenvolver o bem comum, conduzido pelo significado que a sua existência traz, movida pelas crenças de um mundo melhor, mais humano e justo. Mesmo diante das guerras e de situações de sofrimento inevitáveis, Frankl, em seus pressupostos logoterapêuticos, acreditava que o ser humano pode e deve agir e concentrar seus esforços em busca de um sentido que pertença a todos, orientado pela construção da paz.

Em concordância com os pensamentos de Viktor Frankl, Guimarães (2011, p. 321) entende que o esforço comum pela paz deve evitar a simplificação e o reducionismo de associá-la somente a ideias de segurança ou de tranquilidade. É necessário

ampliar o envolvimento coletivo da humanidade, compreendendo a paz não apenas como ausência de guerras, mas também como difusão de valores de direitos humanos, como igualdade entre os sexos, eliminação de preconceitos, proteção do meio ambiente e distribuição de renda.

Este trabalho foi construído com o objetivo de discutir as relações entre humanismo, ética e LAE, a partir de um olhar voltado para a paz mundial, tema que merece atenção especial diante da conjuntura atual. A LAE tem muito a contribuir nessa caminhada que envolve a todos em uma causa maior, conectada pelo "sentido", pela "responsabilidade" e pelo "amor", valores que orientam o agir humano na construção de sua própria história.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo foi desenvolvido por meio de uma revisão da literatura fundamentada na metodologia de Gil (2018), sendo a pesquisa bibliográfica (livros e artigos científicos) a base do estudo de materiais com temas pertinentes ao trabalho em tela, configurando-se como uma revisão narrativa da literatura sobre o tema discutido.

O artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com suporte na abordagem qualitativa descritiva de inspiração fenomenológico-existencial, tendo como base primária a perspectiva da LAE e, como base secundária, autores especialistas nas áreas de humanismo, ética e paz mundial.

DISCUSSÃO: HUMANIDADE

Os cuidados necessários no caminho da paz mundial, tema de vital importância para nossa época, encontram na LAE de Viktor Frankl uma inspiração para a construção de um mundo mais humanizado e ético. Rodrigues (1991, p. 26) afirma que o pensamento frankliano representa um marco para a psicologia, para as ciências humanas, para a saúde e para a educação, ao apresentar uma visão humanizada do ser humano, buscando "desmecanizar" o olhar sobre a pessoa e propor uma alternativa ao reducionismo presente em abordagens psicológicas de cunho "psicobiológico" e "coisificante".

De acordo com a LAE, o ser humano é digno por natureza. A dignidade humana refere-se à qualidade moral que infunde respeito, consciência do próprio valor, honra e nobreza. Não se trata de um privilégio adquirido por alguma condição específica, mas de algo intrínseco e ontológico. Nesse sentido, a humanidade pode ser compreendida como o conjunto de seres humanos que habitam o planeta e compartilham uma mesma condição existencial.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), em seu preâmbulo, afirma que: "Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo." Assim, verifica-se que, onde há reconhecimento da humanidade, há também reconhecimento da dignidade.

A LAE apresenta a visão do ser humano como um ser biopsicoespiritual. O ser humano, em todas as suas dimensões e

modos de ser, constitui sua natureza. A pessoa espiritual (noética) é digna por natureza, possuindo uma consciência conectada com a autotranscendência, o que lhe possibilita ultrapassar a si mesma em direção ao sentido. Frankl (2015) nos convida a transcender no encontro com o sentido e a transformar a vida de forma mais justa e digna de ser vivida.

E A ÉTICA DA LOGOTERAPIA?

Segundo Pintos (2022), a ética, na perspectiva da Logoterapia, apresenta-se como uma proposta de fraternidade, pois o ser humano, em busca de sentido, é capaz de reconhecer o outro como pessoa, não se fechando em si mesmo, mas superando o próprio egocentrismo. A proposta de desenvolvimento humano precisa estar alinhada com a paz, uma vez que o ser humano, em busca de sentido, pode amar e construir, com outros semelhantes, um sentido comum para todos. A dignidade humana é primária e essencial para a preservação da vida.

Na prática educacional, Morin (2019, p. 40) afirma, acerca do pressuposto da dignidade humana: "A unidade humana é o tesouro da diversidade humana, a diversidade humana é o tesouro da unidade humana. Isso significa que compreender o outro requer o reconhecimento de nossa humanidade comum e o respeito às diferenças".

Pereira (2021, p. 34) afirma que, na LAE, o ser humano é existencial, e a sua existência não é fática, mas facultativa, sendo sustentada pelo campo do possível, numa liberdade que é sempre situada. O maior legado de Viktor Frankl para a psicologia e toda

a ciência é a visão antropológica que apresenta a liberdade da vontade humana, que deriva da dimensão propriamente humana, que é a espiritual, sendo "aquilo que consegue se colocar em contraposição a tudo o que há de social, corpóreo e mesmo ainda psíquico no homem", denominado por Frankl como o elemento espiritual (Frankl, 2014 *apud* Pereira, 2021, p. 34).

Na concepção de Frankl (1978, 1990, 2011, 2014, 2015, 2018), o espiritual (noético) é frequentemente desprezado na configuração antropológica do ser humano pelos reducionismos do psicologismo, do fisiologismo e do sociologismo, os quais excluem aquilo que há de mais humano na pessoa: a objetividade do sentido. Esse reducionismo acaba por desintegrar o ser humano de sua potencialidade de autotranscendência, que viabiliza o encontro do sentido da vida, reduzindo a pessoa a dimensões parciais de sua existência. Ou seja, as bases franklianais da compreensão do ser humano — liberdade, responsabilidade, valores e autotranscendência — são frequentemente desconsideradas pelo reducionismo mecanicista.

A dimensão espiritual, considerada uma das grandes contribuições da LAE de Frankl, potencializa o ser humano e o capacita a viver com dignidade. O espiritual concebe, no ser humano, a vontade pelo valor, "pelo melhor possível de cada situação concreta da vida, em outras palavras, pelo sentido existencial, inaugurando-se aí o horizonte eminentemente ético para a experiência humana de liberdade" (Pereira, 2021, p. 144).

Cabe lembrar que o monantropismo de Viktor Frankl apresenta um ser humano político não no sentido partidário, mas centrado na pessoa humana e em sua responsabilidade no

mundo. Essa perspectiva encontra ressonância nos pensamentos existenciais de Gabriel Marcel, que afirma: "Quem vive realmente não é só quem tem gosto pela vida, mas sim quem contribui para espalhá-la, aticá-la ao seu redor" (Silva, 2025).

Nestes tempos atuais de polarizações, guerras e desrespeito à dignidade humana, com o aumento dos preconceitos de sexo, cor, etarismo, entre outros, torna-se ainda mais urgente refletir sobre os fundamentos éticos da convivência humana. A banalização do sentido da vida, da dor do outro, do sofrimento e da própria morte provoca grande perplexidade entre aqueles comprometidos com uma visão humanista da existência.

Nesse contexto, torna-se fundamental viver a ética frankliana no cotidiano. Silva (2025, p. 12) afirma que "viver exige uma atenção acurada e uma escuta atenta da realidade que nos cerca". Trata-se de uma atenção voltada também para os descaminhos dos abusos cometidos contra a pessoa humana, que reduzem a dignidade humana a níveis que desumanizam a vida.

Frankl (2020) nos exorta a desenvolver um olhar responsável diante da realidade vivida. Somos livres, mas também responsáveis por nossas escolhas. A ética e o sentido estão vinculados tanto à ação quanto à ação coletiva na busca pela dignidade humana. Nesse sentido: "A Logoterapia enfatiza que o ser humano é livre para tomar decisões, mas também tem a responsabilidade de responder pelas consequências dessas escolhas, orientando-se pelo sentido e pelo bem maior que possa beneficiar a todos sem que corra riscos e danos maiores" (Silva *et al.*, 2025, p. 219).

Cresce o fanatismo e, conseqüentemente, o ódio, que não é apenas uma ideologia, mas também uma forma de fuga existencial, conforme apontam os pensamentos franklianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possamos sentir um convite, como uma voz da consciência, que nos chama aos caminhos do cuidado. Há uma estrada a percorrer: o caminho da ética e da dignidade humana rumo à paz, entendida não apenas como ausência de guerra, mas como construção de um mundo mais humano. A dignidade humana é quebrada quando, no cotidiano de nossos espaços de convivência — escola, família, trabalho e lazer —, persistem práticas de preconceito e discriminação ligadas à cor, à religião, à idade, à etnia ou ao sexo. O desafio consiste em construir ambientes onde nenhum ser humano seja reduzido ou desrespeitado em sua dignidad.

Mas o caminho não é fácil, mas implica trilhar constantemente na direção do potencial do ser e dever ser. Como descreve Scquizzato (2024, p. 48):

No entanto, não devemos ter ilusões: a jornada, o caminho, nunca está garantido, nem se apresenta como um avanço direto em direção à meta; não é uma ascensão inexorável; ao contrário, é um caminho habitado por muitas contradições em que são possíveis avanços inesperados, mas também retrocessos impensáveis, como também se verifica na experiência da vida psicológica e afetiva [...] um caminho de humanização que é a tarefa de cada um de nós.

Como dizia Eduardo Galeano, a utopia e o sonho são de vital importância para que nunca deixemos de caminhar na trilha da esperança. E, como afirmava Gabriel Marcel (Silva, 2025, p. 17), somos *Homo viator*; ou seja, seres a caminho, itinerantes. "A existência humana é caracterizada por sua dinamicidade, um contínuo caminhar, um itinerário aberto e inconcluso que precisa ser definido ou redefinido cotidianamente."

A LAE apresenta-se como uma abordagem profundamente atual para a sociedade do século XXI, ao apontar caminhos de sentido capazes de contribuir para o bem-estar da humanidade. O legado de Viktor E. Frankl permanece como uma referência para o ser humano em sua vida cotidiana, abrindo-se a todos aqueles que buscam, na existência, o sentido da vida. Como afirmam Silva et al. (2025, p. 222), trata-se de "um tratado de humanidade, oferecendo ao ser da existência uma profunda compreensão do dever-ser da existência".

REFERÊNCIAS

CARVALHO, J. M.; SILVA, A. C. Viktor Frankl e o humanismo. *Revista Humanidades & Educação*, v. 1, n. 1, p. 74–87, 2019.

CORTELLA, M. S.; BARROS FILHO, C. Ética e vergonha na cara. São Paulo: Papirus 7 Mares, 2014.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido. 43. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2018.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANKL, V. E. Fundamentos antropológicos da psicoterapia. São Paulo: Zahar, 1978.

FRANKL, V. E. La psicoterapia y la dignidad de la existencia. Buenos Aires: Almagesto, 1991.

FRANKL, V. E. Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas. Campinas: Psy II, 1995.

FRANKL, V. E. O sofrimento de uma vida sem sentido. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, V. E. Psicologia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, V. E. Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Petrópolis: Vozes, 1990.

FRANKL, V. E. Um sentido para a vida. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

GIL, A. C. Didática do ensino superior. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GUIMARÃES, M. R. Educação para a paz: sentidos e dilemas. Caxias do Sul: Educus, 2011.

MORIN, E. Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo. São Paulo: Palas Athena, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Rio de Janeiro: ONU, 1948. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/portuguese?LangID=por>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PEREIRA, I. V. Tratado de logoterapia e análise existencial: filosofia e sentido da obra e da vida de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo: Sinodal, 2021.

PINTOS, C. G. Monantropismo: o pensamento político de Viktor Frankl. São José dos Campos: Busca Sentido, 2022.

RODRIGUES, R. Fundamentos da logoterapia. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1991.

SCHELER, M. Da viravolta dos valores. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHELER, M. A posição do homem no cosmos. 1. ed. Cascavel: Cântico, 2024.

SCHELER, M. Visão filosófica do mundo. São Paulo: Perspectiva, 1986.

SCQUIZATO, P. A vida espiritual: inquietações, busca e caminho. Petrópolis: Vozes, 2024.

SILVA, E. J. Provocações existenciais: a vida tem sentido?. São Paulo: Paulinas, 2025.

SILVA, F. L. H.; ASSIS, M. D.; RODRIGUES, S. X. V. F.; CARLOS, D. R. Logoterapia e inteligência artificial. In: SILVA, F. L. H. *et al.* (coord.). Logoterapia e análise existencial: caminhos de cuidados e cuidados no caminho. 1. ed. São Paulo: Baruch, 2025. p. 206–223.

PARA O BEM DOS FILHOS: A COPARENTALIDADE COMPREENDIDA À LUZ DA LOGOTERAPIA

Francisca Pereira da Cruz Zubicueta¹

Clara Cunha Costa²

Carla Millena Carvalho do Nascimento³

Melissa Ribeiro Valente⁴

O presente capítulo propõe discutir como a Logoterapia e Análise Existencial (LAE), sobretudo os recursos antropológicos do autodistanciamento e da autotranscendência, podem favorecer o entendimento e a prática da coparentalidade. Para tanto, foi

¹ Professora do departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de Lisboa. Mestre em Saúde e Ambiente e psicóloga pela UFMA. Email: francisca.cruz@ufma.br

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: clara.cc@discente.ufma.br

³ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: carla.millena@discente.ufma.br

⁴ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: melissa.valente@discente.ufma.br

realizado um estudo teórico visando identificar como os fundamentos antropológicos da teoria do psiquiatra e neurologista austríaco Viktor Emil Frankl, a LAE e a sua concepção de ser humano podem contribuir para o entendimento da coparentalidade, ou "subsistema executivo" da família, que se refere ao papel dos pais como co-gerentes do comportamento e dos relacionamentos dos membros da família (Feinberg, 2003; Minuchin, 1974; Schoppe-Sullivan *et al.*, 2023).

A coparentalidade refere-se às maneiras pelas quais o pai e a mãe — ou outros adultos que compartilham a responsabilidade por uma ou mais crianças — se relacionam um com o outro em função da criação dos filhos; como partilham os deveres e cuidados relacionados aos filhos e se apoiam mutuamente no cumprimento de seus papéis como pais (Feinberg, 2003; Lamela *et al.*, 2010; Schoppe-Sullivan *et al.*, 2023). Ou seja, a relação coparental é caracterizada pelo manejo e suporte que o pai e a mãe dão um ao outro em relação ao cuidado e ao atendimento das necessidades dos filhos, formando, portanto, uma relação triádica (pai-mãe-filho). A ampliação da compreensão acerca de quem pode exercer a coparentalidade se dá a partir de Van Egeren *et al.* (2004, p. 166), ao afirmarem que "(...) uma relação coparental existe quando pelo menos duas pessoas assumem, por mútuo acordo ou pelas normas sociais, a responsabilidade conjunta pelo bem-estar de uma criança".

A literatura científica sustenta que o subsistema coparental impacta o desenvolvimento dos filhos, evidenciando a importância do relacionamento coparental para o desenvolvimento adequado das crianças, assim como dos subsistemas conjugal e

parental (Fariña *et al.*, 2023; Souza *et al.*, 2016). A prática da parentalidade é caracterizada pelo envolvimento de cada um dos pais (pai/mãe) com o seu filho no que se refere ao cuidado e à educação (Fariña *et al.*, 2023; Posada; López-Larrosa, 2023), e o subsistema conjugal é caracterizado pela união de dois adultos com o objetivo de constituir uma família, cujas funções principais são servir de refúgio e amparo para lidar com as situações cotidianas e satisfazer as necessidades de apoio (Minuchin, 1982).

Os primeiros estudos sobre o subsistema coparental foram iniciados na década de 70, associados à temática do divórcio (Frizzo *et al.*, 2005; Marsanic; Kusmic, 2013), e, a partir da década de 90, começaram os estudos da coparentalidade em famílias nucleares intactas e em famílias em que outros cuidadores assumiam a responsabilidade pelas crianças (Frizzo *et al.*, 2005; Lamela *et al.*, 2010; Souza *et al.*, 2016). Desse modo, atualmente, compreende-se que o subsistema coparental pode ser composto por diferentes configurações, independentemente do gênero, da orientação sexual ou do laço biológico com a criança (McHale; Sirotkin, 2019), podendo-se afirmar, com isso, que a coparentalidade existe independentemente do tipo de estrutura familiar e corresponde à troca entre dois ou mais adultos que são responsáveis pela criação e pela tomada de decisões relacionadas à vida da criança (Feinberg, 2003).

Em diálogo com a LAE, compreendem-se os relacionamentos como fenômenos que demandam intenção para "estar junto ao outro", abrir-se e entregar-se ao outro cognitivamente, afetivamente e espiritualmente. Essa entrega chama-se amor, como explana Heloísa Marino:

Na Antropologia Frankliana, o propriamente humano se faz presente na forma do amor, mais do que na forma do conhecimento. O próprio conhecimento é mais existencial do que intelectual. Frankl propõe uma noção de amor mais perfeito, que é a de compreender, que só adquire sua plenitude no amor (Frankl, 2019, p. 15).

Esse amor é uma entrega que pode ser vivida nas mais variadas formas de relação. Dentre elas estão as relações de amizade, familiares, no próprio vínculo terapêutico, nas relações fraternas, conjugais e, claro, nas relações coparentais.

Sendo assim, convém apresentar a concepção de ser humano da LAE, a *imago hominis*. Viktor Frankl (1905-1997) elabora sua ontologia em torno de três dimensões unificadas em uma relação dialética e reflexiva, de modo que uma não pode ser pensada sem a outra. Assim, essa concepção apresenta a existência humana como *unitas multiplex*, ou unidade na multiplicidade, uma vez que as três dimensões — corpo, psiquismo e espírito — possuem diferenças ontológicas, mas unidade antropológica (Frankl, 2019). A dimensão biológica diz respeito ao corpo físico; a psicológica, por sua vez, refere-se às cognições, emoções, comportamentos, impulsos e intelecto. Porém, essas duas dimensões não abarcam a identidade do homem, de modo que a totalidade do ser humano está em sua dimensão específica, a espiritual, ou noética. Esta última é a coroa do ser humano, pois é ela que abarca todos os fenômenos especificamente humanos, como a capacidade de transcender (autotranscendência), de se distanciar das

próprias emoções e pensamentos (autodistanciamento), a criatividade, a espiritualidade, a linguagem, a capacidade de amar, entre outros fenômenos (Frankl, 2019, 2016, 2021).

A dimensão noética refere-se à liberdade e à capacidade de ser responsável, pois, apesar de haver diversas limitações na vida, a consciência é livre para decidir como agir e se posicionar diante das situações, inclusive daquelas nas quais parece que não há espaço algum de liberdade. Assim, a LAE trabalha com a concepção do homem incondicionado — sendo incondicionado somente na dimensão noética —, que pode tomar uma livre posição frente ao corpo e ao psíquico.

Nessa perspectiva, um fenômeno básico da ontologia dimensional é o antagonismo noopsíquico, o lugar da liberdade e da possibilidade humanas frente ao condicionamento das dimensões biológica e psicológica. É por meio dele que se compreendem os relacionamentos interpessoais de modo autêntico, em que o outro é visto como um ser humano repleto de possibilidades. Nesse sentido, está a transcendência do amor, que dá ao homem a possibilidade de olhar o outro para além dele mesmo, percebendo seus defeitos, suas qualidades e, principalmente, seu valor como ser humano.

Assim, observa-se um elemento central: a transcendência de si mesmo é a essência da existência humana. Isso quer dizer que a proposta da antropologia frankliana entende que o sentido da vida do homem não está nele mesmo, mas fora, em direção ao mundo e aos outros. A possibilidade de realizar sentidos, força motriz do ser humano, está além dele mesmo; por isso, direcionar-se para o mundo demanda intencionalidade. Isso porque é

necessário ser intencional para se relacionar, para ver as belezas do mundo, para realizar atividades que enriqueçam a vida e para se posicionar diante do sofrimento inevitável (Frankl, 2019).

Diante disso, emerge o questionamento: como a LAE, considerando a dimensão noética do ser humano e sua capacidade de se autodistanciar e de autotranscender, pode contribuir para o entendimento das práticas coparentais?

Observa-se hoje, no Brasil, um progressivo aumento na taxa de divórcio. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE, 2025), em 2023 houve um aumento de 4,9% nos casos de divórcio em relação ao ano de 2022, o que totaliza 440.827 divórcios concedidos em primeira instância. Além disso, tem diminuído o tempo de casamento: em 2010, o tempo médio entre casamento e divórcio era de 16 anos; em 2023, o número caiu para 13,8 anos. Além disso, tem-se casado menos. Novamente em 2023, foram realizados 940.799 casamentos em cartório, 3% a menos do que no ano anterior. Logo, tem-se casado menos e se divorciado mais.

Além disso, também houve um aumento considerável no número de divórcios entre casais com filhos menores de idade, ou seja, crianças e adolescentes. Prova disso é que, do total de separações ocorridas em 2023, 46,3% se deram entre pais que tinham apenas filhos menores de idade (IBGE, 2025).

Ademais, com relação às modalidades de guarda, tem-se observado uma diminuição da proporção de guarda unilateral, especialmente da guarda exclusiva da mãe. Em 2014, 85% das guardas eram exclusivas para a mãe; em 2023, esse percentual reduziu-se para 45%. Paralelamente a isso, observa-se um aumento

da guarda compartilhada entre os pais, que, em 2014, era de 7,5% e, em 2023, passou para 42,3% (IBGE, 2025). Por conta disso, muitos pais separados precisam lidar com os cuidados e a educação dos filhos de modo conjunto, mesmo sem estarem mais unidos conjugalmente.

O tipo de interação entre os pais pode impactar diretamente o desenvolvimento saudável dos filhos. Estudos indicam, por exemplo, que crianças expostas a altos níveis de conflito estão mais propensas a desenvolver problemas emocionais e comportamentais, como baixa autoestima, depressão, distúrbios do sono, irritabilidade e agressividade (Keller *et al.*, 2009; Mosmann *et al.*, 2017), assim como um relacionamento coparental de boa qualidade — suporte e acordo coparental e baixos índices de conflito e sabotagem coparental — pode ser considerado um fator de proteção que modera a relação entre fatores de risco e o ajustamento familiar (Campbell, 2023). Esse cenário evidencia a importância de ampliar a discussão sobre as relações coparentais envolvendo a LAE, que, dentre outros conceitos, pauta-se nas capacidades antropológicas de autotranscendência e no distanciamento de si e das próprias emoções.

Para tanto, o presente trabalho visa discutir como a abordagem da LAE, mais especificamente os recursos antropológicos do autodistanciamento e da autotranscendência, pode favorecer o entendimento e a prática da coparentalidade.

PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho consiste em uma pesquisa teórica na qual se fará uma discussão sobre contribuições da LAE para a compreensão da coparentalidade. Para isso, selecionaram-se os seguintes livros de Logoterapia, de Viktor Frankl: *O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*; *Psicoterapia e sentido de vida*; *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*; *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Visando investigar a temática da coparentalidade, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados *ProQuest*, *Ovid*, *Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)* e *Oasis*. Utilizaram-se os descritores *coparenting*, *co-parenting*, *coparent*, *co-parent*, *coparentalidad*, *co-parentalidade* e *coparentalidade*. Foram recuperados artigos de pesquisadores nacionais e internacionais, referências no estudo da coparentalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O relacionamento coparental de boa qualidade é descrito por Schoppe-Sullivan *et al.* (2023) como aquele composto por apoio mútuo, relativo equilíbrio das responsabilidades parentais e bom relacionamento com os filhos, bem como baixos níveis de subjugação e conflito hostil. Dessa forma, a boa qualidade do relacionamento entre os pais, em função dos filhos, implica benefícios para a dinâmica familiar. A relação conjugal e a relação coparental exercem grande influência na qualidade da relação dos pais com os seus filhos (Feinberg, 2003; Lamela; Nunes-Costa; Figueiredo, 2010; Schoppe-Sullivan *et al.*, 2023; Souza, 2018). A

coparentalidade, portanto, é compreendida como um dos componentes essenciais para a harmonia do sistema familiar, uma vez que a qualidade dessa relação configura melhores desfechos para as famílias, inclusive quando há a dissolução da conjugalidade (Feinberg, 2003; Lamela; Nunes-Costa; Figueiredo, 2010; Souza, 2018). Sendo assim, compreende-se que a boa relação coparental é fator de proteção para o funcionamento familiar, a criação, o cuidado, a educação e o desenvolvimento saudável dos filhos.

Essa dinâmica é interpretada e compreendida à luz da perspectiva teórica da LAE. A coparentalidade, como parte da organização do sistema familiar para atender às demandas e às necessidades dos filhos, demonstra a capacidade do ser humano para a autotranscendência e o autodistanciamento. Frankl (2021) descreve que a capacidade de distanciar-se não apenas de uma situação, mas de si mesmo, é uma característica especificamente humana. O ser humano é capaz de responder de forma livre e responsável aos questionamentos da vida ou às situações que esperam dele uma resposta. Para além dos condicionantes aos quais ele está submetido, é capaz de assumir uma atitude diante desses condicionantes.

Acerca da coparentalidade, o casal é capaz de organizar-se para um funcionamento benéfico em prol do cuidado com os filhos, mesmo em meio às dificuldades que envolvem a relação enquanto casal. Ainda, entre os casais divorciados, a prática da coparentalidade demonstra a capacidade de se autodistanciar dos afetos negativos e dos ressentimentos decorrentes do fim do matrimônio e de lançar-se ao cuidado do sistema familiar, no âmbito

dos subsistemas parental e coparental, agindo em liberdade e posicionando-se frente à responsabilidade de assumir o papel de pais.

O autodistanciamento e a autotranscendência, como características especificamente humanas de distanciar-se de si em relação aos afetos e às emoções e de responder com sentido, por meio da liberdade e da responsabilidade, demonstram que a existência humana transcende a si mesma (Frankl, 2016). A responsabilidade coparental frente ao desenvolvimento dos filhos mostra esse aspecto, em que os pais são capazes de elevar-se das dimensões biológica e psicológica para lançar-se a algo que é valioso: o cuidado com a criação do filho.

Para a LAE, o homem realiza sentido no mundo quando vai para além de si mesmo, ou seja, esquece-se de si mesmo em razão de uma pessoa ou de uma causa para a realização de sentido (Frankl, 2013). Desse modo, é possível compreender que a prática da coparentalidade é uma possibilidade de realização de sentido, uma vez que mãe e pai esquecem-se de si mesmos, distanciam-se das emoções negativas e dos desentendimentos em prol do melhor funcionamento familiar, em razão do melhor cuidado com os filhos.

À luz da compreensão de ser humano apresentada pela LAE, podemos analisar e compreender os dados sobre o funcionamento familiar. Latham et al. (2018) identificaram que pais com altos índices de qualidade parental são capazes de proteger o senso de competência coparental frente aos problemas de comportamento dos filhos. Nesse sentido, compreendemos que o relacionamento coparental — caracterizado pelo suporte que o pai

e a mãe dão um ao outro no que se refere ao cuidado e ao atendimento das necessidades dos filhos — é considerado positivo quando os filhos percebem que os pais estão de acordo com o estabelecimento de regras para a sua criação e quando observam que os pais conduzem conjuntamente as questões que envolvem a sua vida, apoiando-se reciprocamente no funcionamento como pais (Xiao; Loke, 2021).

Assim, o exercício da coparentalidade cooperativa entre pais em situação de divórcio é apresentado como forma de minimizar os impactos emocionais da ruptura familiar no desenvolvimento infantil (Ambrós *et al.*, 2024). Dentre os desfechos observados na coparentalidade positiva, destacam-se menores índices de problemas de comportamento em geral, de internalização e de externalização em crianças, adolescentes e jovens adultos (Ambrós *et al.*, 2024; Choi *et al.*, 2019; Favez *et al.*, 2019; Lamela *et al.*, 2016).

Por sua vez, a coparentalidade negativa pode contribuir para problemas no comportamento infantil e para a insatisfação na relação conjugal dos pais (Camisasca *et al.*, 2019). Em relação a isso, McConnell e Kerig (2002) mostram que a hostilidade e a competitividade na relação coparental foram correlacionadas a conflitos conjugais verbais, menor satisfação conjugal, menor cooperação coparental, comportamentos internalizantes, como tristeza, depressão, ansiedade, medo, baixa autoestima, culpa e retraimento social, além de comportamentos externalizantes, como agressividade, impulsividade, desobediência, desrespeito às regras, comportamento desafiador e uso de substâncias pelos filhos.

Ao observarmos que a qualidade da interação da díade conjugal e o percurso do desenvolvimento da criança podem ser mais bem explicados pela qualidade da coparentalidade (Ambrós *et al.*, 2024; Lamela, 2010; McConnell; Kerig, 2002; Souza *et al.*, 2020), evidencia-se que a coparentalidade apresenta-se como uma forma de organização do sistema familiar em razão de algo que vai para além de si mesmo, uma vez que os benefícios dessa organização recaem sobre os membros da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que a coparentalidade refere-se a um subsistema familiar em que o pai e a mãe concordam em atender ao que é importante para o desenvolvimento saudável dos filhos, na medida em que se apoiam mutuamente no exercício de seus papéis como pais, compartilhando as responsabilidades pelas tarefas e decisões relacionadas à vida dos filhos.

Além disso, mostrou-se que a capacidade de autotranscendência e de autodistanciamento, sendo fenômenos especificamente humanos, contribui para relações saudáveis, promovendo o relacionamento entre mãe e filho, pai e filho, pai, mãe e filho e, ainda, entre os cônjuges e os irmãos. Sendo assim, por meio do exercício da liberdade atrelada à responsabilidade, é possível existir uma coparentalidade saudável, mesmo que haja condições adversas, seja qual for a configuração familiar, como a de cônjuges divorciados ou a observada em contextos de desentendimentos em famílias nucleares intactas.

Considerando isso, evidencia-se a relevância da LAE para o entendimento da coparentalidade e das práticas coparentais, mais especificamente, para que sejam práticas coparentais cooperativas e positivas. Isso se dá pela possibilidade humana do antagonismo noopsíquico, uma vez que os pais podem distanciar-se dos condicionantes emocionais resultantes da relação conjugal, por exemplo, tendo em vista o bem, o cuidado e a criação dos filhos.

REFERÊNCIAS

AMBRÓS, T.; LOPES, F.; SANTOS, T.; SOUZA, C.; VIEIRA, M. Coparentalidade e o comportamento da criança em diferentes configurações familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 26, n. 3, ePTPHD16384, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPHD16384.pt>.

CAMISASCA, E.; MIRAGOLI, S.; DI BLASIO, P.; FEINBERG, M. Co-parenting mediates the influence of marital satisfaction on child adjustment: the conditional indirect effect by parental empathy. *Journal of Child and Family Studies*, v. 28, p. 519–530, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1271-5>.

CAMPBELL, C. G. Two decades of coparenting research: a scoping review. *Marriage & Family Review*, v. 59, n. 6, p. 379–411, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/01494929.2022.2152520>.

CHOI, J. K.; PARRA, G.; JIANG, Q. The longitudinal and bidirectional relationships between cooperative coparenting and child behavioral problems in low-income, unmarried families. *Journal of Family Psychology*, v. 33, n. 2, p. 203–214, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1037/fam0000498>.

FARIÑA, F.; SEIJO, D.; NOVO, M.; CASTRO, B. Assessing a parental break up family program from a therapeutic jurisprudence approach. *Revista de Investigación Educativa*, v. 21, p. 96–113, 2023. DOI: <https://doi.org/10.35869/reined.v21i1.4534>.

FAVEZ, N.; WIDMER, E. D.; FRASCAROLO, F.; DOAN, M. T. Mother-stepfather co-parenting in stepfamilies as predictor of child adjustment. *Family Process*, v. 58, p. 446–462, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/famp.12360>.

FEINBERG, M. E. The internal structure and ecological context of coparenting: a framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, v. 3, p. 95–131, 2003. DOI: https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

FRANKL, V. E. O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia. Porto Alegre: É Realizações, 2019.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido de vida. 6. ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2021.

FRIZZO, G. B. *et al.* O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 15, n. 3, p. 84–94, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas do registro civil: 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.
KELLER, P. S.; CUMMINGS, E. M.; PETERSON, K. M. Marital conflict in the context of parental depressive symptoms: implications for the development of children's adjustment problems. *Social Development*, v. 18, p. 536–555, 2009.

LAMELA, D.; FIGUEIREDO, B. Coparenting after marital dissolution and children's mental health: a systematic review. *Jornal de Pediatria*, v. 92, n. 4, p. 331–342, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2015.09.011>.

LAMELA, D.; NUNES-COSTA, R.; FIGUEIREDO, B. Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicologia em*

Estudo, v. 15, n. 1, p. 205–216, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000100022>.

LATHAM, R. M.; MARK, K. M.; OLIVER, B. R. Coparenting and children's disruptive behavior: interacting processes for parenting sense of competence. *Journal of Family Psychology*, v. 32, n. 1, p. 151–156, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1037/fam0000362>.

MARSANIC, B. V.; KUSMIC, E. Coparenting within the family system: review of literature. *Collegium Antropologicum*, v. 37, n. 4, p. 1379–1383, 2013.

MCCONNELL, M. C.; KERIG, P. K. Assessing coparenting in families of school-age children: validation of the Coparenting and Family Rating System. *Canadian Journal of Behavioural Science*, v. 34, n. 1, p. 44–58, 2002. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0087154>.

MCHALE, J. P.; SIROTKIN, Y. S. Coparenting in diverse family systems. In: BORNSTEIN, M. H. (ed.). *Handbook of parenting: being and becoming a parent*. v. 3. New York: Routledge, 2019. p. 137–166.

MINUCHIN, S. *Families and family therapy*. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

MINUCHIN, S. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MOSMANN, C. P. *et al.* Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia*, v. 34, n. 4, p. 487–498, 2017.

POSADA, D.; LÓPEZ-LARROSA, S. Parentalidad positiva: afecto, control y justicia del trato parental hacia diádas fraternas y su relación con los problemas socio-emocionales de los hijos adolescentes. *Revista de Investigación Educativa*, v. 21, p. 48–61, 2023.

SCHOPPE-SULLIVAN, S. J. *et al.* Patterns of coparenting and young children's social–emotional adjustment in low-income

families. *Journal of Family Psychology*, v. 15, n. 3, p. 526–545, 2023.

SOUZA, F. M.; FIORINI, M. C.; CREPALDI, M. A. Relações entre coparentalidade, envolvimento parental e práticas parentais de pais e mães de famílias binucleares. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 20, n. 2, p. 519–539, 2020.

SOUZA, P. B. M. D. *et al.* Coparentalidade: um estudo de revisão sistemática de literatura. *Estilos da Clínica*, v. 21, n. 3, p. 700–720, 2016.

VAN EGEREN, L. A. The development of the coparenting relationship over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, v. 25, p. 453–477, 2004.

XIAO, X.; LOKE, A. Y. The effects of co-parenting/intergenerational co-parenting interventions during the postpartum period: a systematic review. *International Journal of Nursing Studies*, v. 119, 103951, 2021.

ENTRE MEMÓRIA, SENTIDO E GRATIDÃO: UMA DESPEDIDA DO CONGRESSO COM VERSOS EM CORDEL

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão¹

Leandro Oliveira de Andrade²

INTRODUÇÃO

Nesse momento, nós, Leandro e eu (Elaine), decidimos fazer algo diferente para o encerramento do II Congresso Brasileiro

¹ Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: elaine.custodio@professor.ufcg.edu.br

² Professor da Universidade Estadual da Paraíba - Campus II (Lagoa Seca - PB). Doutor em Engenharia Agrícola, Área de Irrigação e Drenagem (UFCG). Graduação em Psicologia, com experiência acadêmica em Logoterapia e Análise Existencial pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Federal da Paraíba. Email: leandro@servidor.uepb.edu.br

de Humanismo e Logoterapia, cujo tema, *Existência e sentido: o humanismo de Viktor Frankl como contracultura*, proporcionou-nos um espaço fecundo de reflexão sobre questões fundamentais da existência humana. Nada mais coerente, portanto, do que revisitar o passado que, agora, se converte em um grande presente para nós dois e para todos os que aqui estiveram. Assim, convidamos os leitores a uma breve retrospectiva.

Recordo-me de quando, em um determinado momento, o Prof. Gutenberg apresentou a proposta de realização do congresso. Aquilo que, naquele instante, era apenas uma possibilidade transformou-se em realidade concreta, deixando marcas que, em breve, habitarão o campo da memória. Cada um de nós foi convocado a contribuir, não em uma lógica de competição, mas na oferta do melhor de si. Foi assim que construímos algo significativo e, de certo modo, grandioso.

Em comemoração aos 120 anos de Viktor Frankl, permanecemos profundamente gratos por essa oportunidade singular, que certamente não será apagada de nossa existência. Que cada participante possa sair deste congresso consciente de sua missão de realizar sentido e afirmar a vida, mesmo diante das adversidades. Em alusão ao Setembro Amarelo, reafirmamos que valorizar a vida não é apenas um convite, mas uma responsabilidade de cada um de nós..

Inicialmente, confesso que senti receio. No entanto, acreditei que, junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Logoterapia e Análise Existencial (NEPLAE), seria possível concretizar esse sonho, o qual se concretizou em um projeto carregado de sentido

em minha trajetória. Realizar o segundo congresso, especialmente após o primeiro, realizado em Brasília, representava uma responsabilidade imensa.

Sem experiência prévia na organização de um evento de grande porte, cada desafio tornou-se também um espaço de aprendizagem. Erramos, ajustamos, insistimos. Foram muitas reuniões, muitos impasses e muitas decisões difíceis. Foi nesse percurso que Leandro, meu grande amigo, foi convidado a integrar a Comissão Organizadora, tornando-se um suporte fundamental nos momentos de adversidade, inclusive diante de situações pessoais inesperadas. Nesses contextos, revela-se aquilo que Frankl (2008) denomina força desafiadora do espírito, que se configura como a capacidade humana de ampliar a própria visão e encontrar sentido mesmo no sofrimento.

Houve momentos de grande tensão no NEPLAE. Em determinados períodos, vários membros adoeceram simultaneamente, e uma verdadeira tempestade de dificuldades se instaurou. Aos poucos, porém, o cenário foi se reorganizando. Ainda assim, é preciso dizer: se vocês não estivessem aqui hoje, não teríamos alcançado essa tranquilidade. Nossa maior preocupação era honrar os compromissos assumidos. Por isso, nossa primeira e mais sincera gratidão é dirigida a todos os participantes. Sem a presença de vocês, este congresso simplesmente não teria existido.

Nesse cenário, o presente capítulo propõe um encerramento da obra a partir de uma linguagem poética, tomando o cordel como expressão legítima de sentidos vividos e compartilhados. A literatura de cordel constitui, no contexto nordestino,

uma tradição narrativa que articula memória, identidade e experiência, possibilitando a comunicação de dimensões existenciais que nem sempre se deixam apreender pela linguagem conceitual.

O texto apresentado foi construído no contexto do congresso como forma de homenagem àqueles que contribuíram para sua realização. No entanto, para além do reconhecimento individual, inspirados pelo referencial teórico da Logoterapia e Análise Existencial, o cordel revela uma dimensão coletiva da experiência humana, marcada pela colaboração, pela responsabilidade e pela busca e pela realização de sentido.

Ao nomear pessoas, trajetórias e contribuições, o cordel não apenas registra acontecimentos, mas transforma o vivido em memória significativa, evidenciando que o sentido se concretiza nas relações, nos vínculos e nas escolhas realizadas ao longo da existência. Nessa perspectiva, o que se apresenta a seguir não é apenas um texto de agradecimento, mas uma síntese simbólica da experiência compartilhada, na qual o humano se manifesta em sua dimensão mais autêntica: a capacidade de responder à vida com sentido, apesar de tudo.

CORDEL:

"AGRADECIMENTOS II CONGRESSO BASILEIRO DE
HUMANISMO E LOGOTERAPIA"

*(Por Leandro Andrade com a participação especial de Elaine Gusmão -
Setembro 2025)*

*Vamos tentar aqui
Homenagear nossa gente
Mas em palavras não cabe
Tudinho que a gente sente
Nem um milhão de: obrigado
Ficaria registrado
O quanto estamos contentes*

*Gratidão a cada um
Que fez o evento acontecer
Cada um, no seu limite
Se dedicou a valer
Sabemos que o ser humano
É único, soberano
Agradecemos a você*

*Que saiu do seu cantinho
E veio até aqui
Sabemos o quanto é difícil
De sua casa sair
Mas fizeram a diferença
Nesta festa tão intensa
E vamos nos despedir*

*O presente virando passado
Como Frankl ensinou
Nossa história em seu legado
Escrita aqui ficou
Sentidos em nossa vida
Nossa contribuição escrita
Neste evento que marcou*

*Precisamos fazer agora
Momento de agradecimento
À galera que esculpiu
Este lindo monumento
Nossa equipe tão ativa
Nossa família cativa
Fazer disso um documento*

*Querido Anilton, gratidão
Esteve ausente por necessidade
Mas ver você por aqui
Nos deixa feliz de verdade
Superou fase ruim
Transcendente é assim
Com pura simplicidade*

*Meiga e comprometida
Usando sua liberdade
Carine, muito obrigado
Dedicação de qualidade
Coffee break impecável
Mesa linda e invejável
Com comida à vontade*

*Nossa Clara clareou
E ninguém pode negar
Como se fosse uma flor
De perfume a se espalhar
Atacou de cerimonialista
Ao mesmo tempo, cientista
Pro evento abrilhantar*

*Diego é seu nome
Querido, muito obrigado
Por mais que no último dia
Você tenha faltado
Valeu pela dedicação
Esforço e superação
Me sinto gratificado*

Silencioso e dedicado

*Um buscador de sentido
Contribuiu no passado
E no presente ainda ativo
Eduardo no credenciamento
Fazendo um procedimento
Com seu valor criativo*

*Elisama, nossa rainha
Nunca faltou reunião
Na mídia ela arrebenta
Com o celular na mão
Executa com destreza
Cada edição, só beleza
Seus vídeos são sensação*

*Vinda do estágio dois
Ellen chegou pra ajudar
Fez sua diferença
Na força pra trabalhar
Com sua boa vontade
Ajudando, com bondade,
Contribui pra mídia “andar”*

*De onde vem o seu tempo
Ninguém sabe responder
Psicólogo atento
Felipe botou pra descer
O Even 3 dominou
Realmente trabalhou
Fez o evento crescer*

*Elétrica igual não conheço
Acesa feito uma vela
Trabalha de forma incansável
Seu nome é Gabriella
É coisa que não se explica
Não para nem com uma briga
Gratidão, menina bela*

*Gefferson chegou à pouco
Mas muito contribuiu
No credenciamento*

*Ele se instituiu
Responsável e dedicado
Fazendo o planejado
Aceitou o desafio*

*Janaína, uma querida
Fica mais nos bastidores
Não é de falar muito mas
Na palestra arrasa horrores
No congresso deixou brilho
Encarando o desafio
Realizando valores*

*Um exemplo de pessoa
Sempre auto-transcendente
Numa correria louca
Joselma: a logovivente
Somos gratos por sua ajuda
Por encarar essa luta
Você é nosso presente*

*Dedicada e delicada
Uma pessoa humana
Essa menina arretada
Tem nome de Juliana
Cronometrando do evento
A voz de todo momento
Sensível feito porcelana*

*Menina misteriosa
O que não sabe ela aprende
Se dedicou às mídias
Mas de tudo ela entende
Contingências não conseguem parar
Laura segue a se dedicar
De forma bem paciente*

*Livia chegou ainda pouco
Com muita vontade de fazer
Tanta coisa em pouco tempo
Ajudando o evento a crescer
Com sua criatividade*

*E imensa boa vontade
Mostrando o seu poder*

*Queríamos ter você mais perto
Mas sabemos de sua situação
Lucas, muito obrigado pelo exemplo
De tanta superação
Você estar aqui no evento
Trabalhando ainda no tempo
É pra nós satisfação*

*Recém chegada à equipe
Teve tempo pro rojão
Pegou no pesado ainda
Não teve moleza não
Na correria não falhou
Sua parte executou
Maria Luíza, gratidão*

*Nathan sempre quietinho
Estudioso demais
Com seu jeitinho tranquilo
Mostrou que era capaz
Na logística se concentrou
No coffee break trabalhou
Gratidão, jovem rapaz*

*E à pequena Nicole
Nossa gratidão imensa
Meu Deus, como é grandiosa
Dedicada e intensa
Seu potencial se mostrou
Com amor dedicou
Uma participação tão densa*

*Bom humor contagiante
Nunca fica estressada
Paula, nossa integrante
Disposta e interessada
Trazendo possibilidade
Envolvimento com vontade
Sempre muito dedicada*

*Nos deixou preocupados
Porque desapareceu
Hoje está entre nós
Que bom, isso aconteceu
Tem muito a contribuir
Pedro, não volte a sumir
O evento também é seu*

*Rayanne cheia de ideias
Teve muito a ajudar
Obrigado pela força
Na função de divulgar
Fez diferença na equipe
Disponibilidade que insiste
Sempre pronta a cooperar*

*Desta casa nunca saiu
Sempre disposta a somar
Mas não só com este evento
Está sempre a cooperar
Gratos por sua existência
Renaly, sua competência
Faz a gente se inspirar*

*Tem gente que é assim
Colorindo onde anda
Agradecemos, Simone
Pessoa que nos encanta
Quanta força num ser
Vontade de sempre vencer
O desafio que avança*

*Na comissão financeira
Ajudou com destreza
Silencioso menino
Calado por natureza
Thauan com responsabilidade
Encarou com vontade
Desafios com grandeza*

Tonyres que bom te ver

*Sua presença nos alegra
Bom saber que está conosco
Que aos poucos se integra
Obrigado por se esforçar
Do NEPLAE participar
Fazer disso sua regra*

*A psicóloga Vitória
Vem trabalhando dedicada
Com a força desafiadora do espírito
Ela é diferenciada
Caprichando na arrumação
Buscando sentido na reposição
De uma forma arrojada*

*Um caminho de desafios
Faz parte da sua história
Uma trajetória traçada
De forma satisfatória
Yasmin, agradecemos
Por tudo o que recebemos
Aceite a dedicatória*

*Ao pessoal da Nassau
Não temos palavra que represente
Escrever é difícil
Aquilo que realmente se sente
Em nome de professora Lorena
Que fez tudo valer a pena
Que a gratidão nos represente*

*Acabei de me lembrar
Que não se pode esquecer
Agradecimento à pessoa
Que permitiu acontecer
Uma buscadora incessante
Pessoa muito importante
Temos que agradecer*

*Liderar não é tarefa
Para uma pessoa qualquer*

*Nesse mundo de meu Deus
Uma força de mulher
Nosso orgulho reluzente
Exemplo de logovivente
Conseguindo chegar onde quer*

*Professora Elaine
Agradecemos por você existir
Tanta coisa a te parar
E você a insistir
Obrigado por nos inspirar
A caminhar e cantar
A melodia de seguir!*

*Parecia terminar
Mas ainda não acabou
Planejei o cordel fechar
Elaine me obrigou
Ela havia recalcado
De um diário resgatado
Verso se manifestou*

*Ela trouxe logo à tona
Um desejo de menina
Queria ser uma escritora
Habilidade ela tinha
Seus valores criativos
Se mantinham inativos
Já trazidos à rotina*

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: ELAINE GUSMÃO

*-Peraí! Falou, Profa. Elaine
Faltou alguém nessa história
Não se faça de esquecido.
Léo você também é querido*

*Não se esqueça disso não
Amigo do coração
Você é muito grandão*

*Mas quando se apresenta
Parece um menino
Elétrico faz muita coisa
Mas sempre dá conta de tudo,
Mas tenha cuidado amigo
Se cuide em primeiro lugar
Para depois ajudar aqueles
Que vêm a lhe encontrar*

*Você é daquelas pessoas
Sempre prontas para ajudar
Quando se vem com o problema
Você vem solucionar*

*Receba com muito carinho
Essa singela homenagem
Você que é uma pérola
Que brilha na paisagem.*

*Também nesta homenagem
Precisamos agradecer
Pela publicação do livro,
À EDUFCA
Nosso coração está cheio
De gratidão como recheio
Temos que reconhecer.*



Este e-book foi gerado em formato PDF no mês de agosto de 2026,
utilizando a tipografia Atteron e Libre Baskerville.
Projeto gráfico e diagramação: Jônatas Souza de Abreu;
Capa: Gabriella Augusta de Paiva Oliveira - Arte oficial do II Congresso
Brasileiro de Humanismo e Logoterapia;
Revisão: Gilliard de Oliveira Justino e João Matias de Oliveira Neto;
Campina Grande, PB, 2026.

Em um tempo marcado pelo imediatismo, pelo cansaço e pela redução da existência a determinismos biológicos e sociais, afirmar a liberdade e a responsabilidade humana torna-se um autêntico ato de resistência.

Fruto do II Congresso Brasileiro de Humanismo e Logoterapia, esta obra reúne pesquisas e práticas que reafirmam a atualidade do pensamento de Viktor Frankl frente aos desafios contemporâneos.

Em um diálogo vivo entre Psicologia, Educação, Saúde e Filosofia, os capítulos abordam desde a fundamentação teórica e novos instrumentos avaliativos, até intervenções em cenários urgentes: o envelhecimento, o adoecimento crônico, o luto, as políticas públicas, a docência e a maternidade atípica.

Mais do que um registro acadêmico, este livro é um convite ético à superação do vazio existencial e ao resgate da dignidade.

Uma leitura indispensável para quem busca compreender a capacidade humana de transformar o sofrimento e dizer “sim” à vida, apesar de tudo..

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão

*Coordenadora Geral do Congresso, Organizadora e
Coautora desta obra*

